FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

TIAGO BORGES DE ALMEIDA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

PENTECOSTALISMO CAPIXABA:
SURGIMENTO E EXPANSÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (1922-1970)

VITÓRIA-ES

2023

TIAGO BORGES DE ALMEIDA

PENTECOSTALISMO CAPIXABA:
SURGIMENTO E EXPANSÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (1922-1970)

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação Profissional em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

VITÓRIA-ES

2023

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Almeida, Tiago Borges de
Pentecostalismo capixaba / Surgimento e expansão das Assembleias de Deus no Estado do Espírito Santo (1922-1970) / Tiago Borges de Almeida. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2023.
vii, 95 f. ; 31 cm.
Orientador: David Mesquiati de Oliveira
Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2023.
Referências bibliográficas: f. 89-95
1. Ciência da religião. 2. Religião e espaço público. 3. Pentecostalismo.
4. Assembleia de Deus. 5. História oral da Assembleia de Deus. 6. Pentecostalismo capixaba.7. Assembleias de Deus no Espírito Santo. - Tese. I. Alan Aparecido Campos Brizotti. II. Faculdade Unida de Vitória, 2023. III. Título.

TIAGO BORGES DE ALMEIDA

PENTECOSTALISMO CAPIXABA: SURGIMENTO E EXPANSÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (1922-1970)

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Data: 11 dez. 2023.

David Mesquiati de Oliveira, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).

Gedeon Freire de Alencar, Doutor em Ciências da Religião, UNIDA.

Moab César Carvalho Costa, Doutor em História, UEMASUL.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

AGRADECIMENTO

Agradecer é um privilégio e eu devo muito a muita gente. Nesses anos de mestrado, de muito estudo, esforço e empenho, gostaria de agradecer a algumas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para a realização de mais este sonho. Primeiramente, agradeço a Deus pela vida e por sua infinita graça. Agradeço a Faculdade Unida de Vitória, na pessoa do diretor Dr. Wanderley Pereira da Rosa, o qual me concedeu a oportunidade de cursar a graduação e o mestrado nessa renomada instituição na condição de bolsista, através do programa Bolsa Unida. Minha gratidão especial ao meu orientador, Dr. David Mesquiati de Oliveira, pela pessoa e profissional incrível que é. Grato por sua dedicação, amizade e por ter acreditado e depositado sua confiança em mim durante esses anos de trabalho. Sem sua orientação e apoio não seria possível percorrer esse caminho. Agradeço a orientação exemplar pautada por um elevado e rigoroso nível científico, um interesse permanente e fecundo, uma visão crítica e oportuna, um empenho inexcedível e saudavelmente exigente, os quais contribuíram para enriquecer, com grande dedicação, passo por passo, todas as etapas subjacentes ao trabalho realizado.

Expresso também minha gratidão aos meus pais Antônio e Margareth, e ao meu irmão Vinicius, por todo apoio e carinho; aos meus amigos Fernando Fabris e Arthur Nogueira, pelos conselhos e incentivos; a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), (na qual labuto diariamente), na pessoa do gerente da filial de Vila Velha-ES, Marco Aurélio da Silva, por sua compreensão, amizade e flexibilidade durante esses anos; à Vera Garcez, bibliotecária do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (CEMP) e à Tamara Lima, supervisora da CPAD, que não mediram esforços para me ajudar em questões técnicas; ao Prof. Isael de Araújo e ao Dr. Claiton Ivan Pommerening, que de prontidão me atenderam, dirimindo dúvidas e indicando obras literárias; à Dra. Claudete Beise Ulrich e ao Dr. José Mário Gonçalves, pelos conselhos, correções, e indicações de obras literárias. Por fim, o meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a concretização desta dissertação, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

RESUMO

Essa pesquisa visa narrar à história do surgimento e expansão das Assembleias de Deus no estado do Espírito Santo entre 1922 e 1970, por meio de uma abordagem interdisciplinar com a História. O estudo fornece suporte teórico-metodológico para professores, especialmente nas áreas de História e Ciência da Religião, destacando aspectos cruciais ao lidar com grupos religiosos. A presente pesquisa amplia a compreensão da história das Assembleias de Deus, ultrapassando a perspectiva nacional e destacando os colaboradores que participaram da expansão do pentecostalismo no Brasil. A história do pentecostalismo no Espírito Santo se entrelaça com os fluxos migratórios, ciclos econômicos nacionais e regionais, resultando em implicações culturais e políticas evidenciadas na disseminação do movimento pentecostal na região. As Assembleias de Deus adaptaram-se às características da sociedade capixaba em diferentes fases de sua trajetória, apresentando-se como um estudo recente e regional sobre a principal denominação pentecostal do Brasil. A pergunta-problema da pesquisa investiga o processo de inserção e expansão das Assembleias de Deus no Espírito Santo, seguida por uma questão complementar sobre o surgimento das ADs no estado. Quanto à metodologia, foi realizada uma revisão bibliográfica focada na história das Assembleias de Deus no Brasil, complementada por três entrevistas inéditas com conhecidos e familiares dos pioneiros no Espírito Santo. Inserindo-se na subárea de História das Teologias e Religiões no campo das Ciências das Religiões, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar em diálogo com a História. A história oral temática é utilizada para reconstruir a história das Assembleias de Deus no Espírito Santo, com foco no período de 1922 a 1970. Para compreender as principais fases da trajetória histórica das ADs serão utilizadas as obras de: Gedeon Freire de Alencar, intitulada *Matriz Pentecostal Brasileira, 1911-2011* e Maxwell Fajardo, intitulada *Onde a Luta se Travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil*.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Assembleia de Deus. História Oral. Espírito Santo.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

ABSTRACT

This research aims to narrate the history of the emergence and expansion of the Assemblies of God in the state of Espírito Santo between 1922 and 1970, through an interdisciplinary approach with History. The study provides theoretical and methodological support for teachers, especially in the fields of History and Religious Science, highlighting crucial aspects when dealing with religious groups. Integrated into an oral history project, the research broadens the understanding of the history of the Assemblies of God, going beyond the national perspective and highlighting the contributors who participated in the expansion of Pentecostalism in Brazil. The history of Pentecostalism in Espírito Santo is intertwined with migratory flows, national and regional economic cycles, resulting in cultural and political implications evidenced in the spread of the Pentecostal movement in the region. The Assemblies of God adapted to the characteristics of Capixaba society in different phases of their trajectory, presenting itself as a recent and regional study on the main Pentecostal denomination in Brazil. The research question investigates the process of insertion and expansion of the Assemblies of God in Espírito Santo, followed by a complementary question about the emergence of the ADs in the state. Regarding the methodology, a bibliographic review focused on the history of the Assemblies of God in Brazil was conducted, complemented by five unpublished interviews with acquaintances and family members of pioneers in Espírito Santo. Falling within the subfield of History of Theologies and Religions in the field of Religious Sciences, the research adopts a qualitative and interdisciplinary approach in dialogue with the epistemological foundations of History. The methodology employed is thematic oral history, used to reconstruct the history of the Assemblies of God in Espírito Santo, focusing on the period from 1922 to 1970. The theoretical framework adopted to understand the Assemblies of God is Gedeon Freire de Alencar's work, entitled "Brazilian Pentecostal Matrix, 1911-2011"[Matriz Pentecostal Brasileira, 1911-2011].

Keywords: Pentecostalism. Assembly of God. Oral History. Espírito Santo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 06
1 O PENTECOSTALISMO MODERNO E A SOCIEDADE CAPIXABA NO INÍCIO DO SÉCULO XX 10
1.1 O surgimento do pentecostalismo moderno 11
1.2 A sociedade capixaba no início do século XX 19
1.3 O contexto religioso capixaba do século XX. 26
2 HISTÓRIA ORAL 30
2.1 A oralidade como fonte de conhecimento histórico 32
2.2 História oral: definições e possibilidades 37
2.3 Algumas especificidades do trabalho com história oral 41
3 HISTÓRIA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO ... 51
3.1 A inserção das Assembleias de Deus no Estado do Espírito Santo: pioneirismo pentecostal de Daniel Berg e João Pedro da Silva 54
3.2 A expansão pentecostal a partir de Camilo José Peclat 65
3.3 A expansão e a institucionalização das ADs no ES a partir de Waldomiro Martins Ferreira 70
CONCLUSÃO 84
REFERÊNCIAS 88
APÊNDICE A: IMAGENS IMPORTANTES NA HISTÓRIA DAS ADS 95

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

INTRODUÇÃO

O pentecostalismo é um movimento cristão que tem se destacado pelo seu rápido crescimento e impacto social. Vários pesquisadores de distintas áreas do conhecimento debruçaram-se na investigação das características deste fenômeno. Há diversas pesquisas que abordam esta temática, contudo, diante de um objeto de estudo que proporciona diferentes caminhos e possibilidades, muito ainda precisa ser explorado. É necessário, então, testar novas abordagens teórico-metodológicas para que seja possível preencher as lacunas. Também é importante salientar que, por se tratar de um objeto de pesquisa complexo, nenhuma abordagem, mesmo que transdisciplinar é capaz de esgotar o assunto.

O cristianismo é uma herança da antiga tradição profética de Israel, estando a dimensão carismática relacionada ao seu *ethos*. O pentecostalismo moderno, pode-se dizer, é a continuidade dessa dimensão carismática.[1] Ele surgiu no início do século XX, resultado de avivamentos ocorridos ao longo da história da igreja, estabelecendo-se, então, como uma nova vertente cristã, juntamente ao catolicismo e ao protestantismo. No entanto, trata-se de um movimento multifacetado, devido à sua alta capacidade de recriar-se e apresentar-se em diferentes modalidades. Sendo assim, o termo correto seria "pentecostalismos".

As Assembleias de Deus são a maior denominação pentecostal do mundo e a maior igreja evangélica do Brasil. Representa um terço dos evangélicos brasileiros e o segundo maior grupo religioso do país.[2] A rápida expansão do pentecostalismo é, provavelmente, o fenômeno mais importante do cenário religioso brasileiro, pois, dentro de um século, alterou profundamente o perfil religioso e social do país.[3] Esse rápido crescimento se deve ao fato de que as Assembleias de Deus penetraram nas camadas mais pobres da sociedade e, com sua teologia que prima pela experiência, ressignificou as crenças populares existentes, diferente de outras denominações. Esta denominação se caracteriza, principalmente, pela doutrina do batismo com o Espírito Santo evidenciado pelo falar em línguas, ímpeto missionário, curas, milagres, dons espirituais, fervor espiritual, espontaneidade nos cultos, entusiasmo, liderança de leigos, ênfase na santidade e advento e testemunhos orais.

Nos últimos anos, a área interdisciplinar das Ciências das Religiões tem sido responsável por algumas das pesquisas mais expressivas sobre as Assembleias de Deus. Os

[1] SIQUEIRA, Gutierres F. *Revestidos de poder:* uma introdução à teologia pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 16.
[2] (CPAD) *História da convenção geral dos ministros das igrejas evangélicas Assembleias de Deus no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 2023, p. 936.
[3] FRESTON, *Paul. Breve História do pentecostalismo brasileiro*, 1994. In: ANTONIAZZI, Alberto. Nem anjos nem demônios: uma interpretação sociológica do pentecostalismo. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 68.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

trabalhos mais notáveis são de Gedeon Freire de Alencar, com *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância, 1911-1946* e *Matriz pentecostal brasileira 1911-2011*, fruto de suas pesquisas de mestrado e doutorado, respectivamente. Além disso, é importante destacar o trabalho de Marina Corrêa, *Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder*, em que a autora busca compreender a lógica de organização dos ministérios assembleianos. Também existem trabalhos que abordam a história regional da instituição, como os estudos de Lopes, Souza, Mota, César e Franklin, entre outros.[4] No entanto, quando se trata da história das Assembleias de Deus no estado do Espírito Santo, há pouca literatura a respeito. A pesquisa mais robusta talvez seja a dissertação de mestrado de Washington P. S. Carneiro, que trata da representação dos pentecostais na política capixaba. Porém, no que diz respeito ao surgimento das Assembleias de Deus no Espírito Santo, sua abordagem é apenas superficial, baseada principalmente nos registros de Emílio Conde, isto é, não existem trabalhos acadêmicos acerca do surgimento das Assembleias de Deus em solo espírito-santense.

O Espírito Santo se destaca como um dos estados com a maior proporção de evangélicos no país,[5] sendo que, segundo o censo de 2010, 55,2% desses evangélicos pertencem à tradição pentecostal.[6] Apesar de ser um grupo expressivo e potencialmente capaz de contribuir para importantes transformações sociais, o estudo e a análise dos evangélicos, em especial das Assembleias de Deus, não recebeu a devida atenção dos centros de pesquisa capixabas. É nesse contexto que esta pesquisa se insere, buscando responder à seguinte pergunta: como se deu o processo de inserção, expansão e institucionalização das Assembleias de Deus no estado do Espírito Santo? Com pesquisa bibliográfica e recursos da história oral, este estudo pretende preencher uma lacuna no campo histórico e lançar um esboço para futuras pesquisas, que têm se mostrado relativamente influentes nas agendas eleitorais, questões sociais e nos usos e costumes que delineiam a sociedade capixaba.

A história oral é uma metodologia de pesquisa que valoriza a voz das pessoas, permitindo que aqueles que geralmente são excluídos da história oficial possam ser ouvidos e ter sua própria visão de mundo registrada para análises futuras. Essa metodologia tem sido amplamente utilizada no campo das Ciências das Religiões, pois é capaz de remontar a história de grupos religiosos, considerando suas narrativas míticas, ufanismos e capitais

---

[4] FAJARDO, Maxwell. *Onde a luta se travar*: uma história das Assembleias de Deus No Brasil. São Paulo: Recriar, 2019. p. 11.

[5] COMUNHÃO. *Proporção de evangélicos no ES é maior do que no restante do Brasil.* Disponível em: https://comunhao.com.br/proporcao-de-evangelicos-no-es-e-maior-que-no-restante-do-brasil-aponta-ibge/ Acesso em 13 de Dezembro de 2023.

[6] IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo brasileiro de 2010.* Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/pesquisa/23/22107> Acesso em 13 de Dezembro de 2023.

simbólicos, que acabam se convertendo em hagiografias. Além disso, a história oral consiste na "arte da escuta", que permite incluir relatos de fontes normalmente esquecidas, ignoradas ou negligenciadas pela história oficial, como histórias regionais, de pessoas marginalizadas e de grupos minoritários. No entanto, é importante destacar a meticulosidade, a técnica e o respeito necessários ao lidar com fontes orais, para garantir confiabilidade e precisão dos dados coletados. É importante salientar também que não é o objetivo dessa pesquisa criar uma dicotomia entre tradição oral e tradição escrita. Muito pelo contrário, ao apresentar a oralidade como fonte histórica, pretende-se quebrar o paradigma de superioridade entre as fontes e afirmar a importância de cada uma delas.

A história oral é considerada uma fonte inestimável de dados e narrativas de pessoas que, ao focar em suas memórias, constroem uma visão mais precisa da dinâmica da trajetória do grupo social ao qual pertencem. A pesquisa visa estabelecer novas fontes para a pesquisa histórica contemporânea, utilizando a técnica de entrevistas gravadas e transcritas, sistematizadas com métodos, problemas e pressupostos teóricos claros, com o objetivo de compartilhar as descobertas da pesquisa com o grupo de origem.

Há uma discussão em curso entre os estudiosos sobre a definição e aplicabilidade da história oral. Alguns a consideram uma ferramenta ou técnica, enquanto outros a veem como uma disciplina ou metodologia. Nesse sentido, essa pesquisa pretende abordar a história oral como uma opção metodológica e refletir sobre suas aplicações e implicações, a partir das contribuições de autores como Alberti, Meihy, Holanda, Portelli, Thompson, Joutard e outros. Quando vista como metodologia, a história oral pode ser dividida em três gêneros: história oral de vida, tradição oral e história oral temática.

A pesquisa se enquadra na subárea de História das teologias e religiões no campo das Ciências das Religiões e adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar em diálogo com as bases epistemológicas da História. A metodologia de história oral, situada no gênero história oral temática, é utilizada, neste caso, para reconstruir a história das Assembleias de Deus no Espírito Santo, focando no período de 1922 a 1970. As principais obras utilizadas para entender as Assembleias de Deus são: *Matriz pentecostal brasileira 1911-2011* de Gedeon Freire de Alencar, e *Onde a luta se travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil* de Maxwell Fajardo.

A dimensão profissional da pesquisa situa-se no fato de apontar novos caminhos e possibilidades para o diálogo entre a História e Ciências das Religiões. Possibilitará ao historiador compreender melhor o universo do religioso e aproveitar em sua análise os mitos, ufanismos e simbologias contidas na narrativa do entrevistado/a, pois trabalhar com grupos

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

religiosos é uma experiência que exige métodos e pressupostos adequados. Além disso, a pesquisa em questão fornecerá aos demais pesquisadores interessados no assunto uma historiografia concisa e inédita acerca do surgimento do pentecostalismo capixaba.

O texto é divido em três capítulos. O primeiro contextualiza a pesquisa, discutindo o surgimento do pentecostalismo moderno e a sociedade capixaba no início do século XX, levantando questões importantes, como os antecedentes históricos e teológicos do pentecostalismo moderno, a teoria da pentecostalidade de Bernardo Campos, o *ethos* da transformação social presente na tradição pentecostal, a formação étnica-cultural da sociedade capixaba, o contexto religioso e o processo de urbanização do estado do Espírito Santo.

No segundo capítulo, apresenta-se a história oral como um recurso metodológico importante para as Ciências das Religiões, reabilitando a oralidade como fonte de conhecimento histórico tão importante quanto a fonte escrita. São apresentadas definições de história oral e as diversas formas de compreendê-la e aplicá-la, bem como algumas especificidades do trabalho com história oral, principalmente no que se refere à linguagem, narrativa, memória, identidade e mitos religiosos.

Finalmente, no terceiro capítulo, o objetivo é reconstruir a história das Assembleias de Deus no Espírito Santo de 1922 a 1970, utilizando tanto fontes bibliográficas como entrevistas com pessoas-chave que desempenharam um papel importante na construção dessa história recente, incluindo familiares dos pioneiros, líderes e fiéis. O primeiro tópico, que abrange o período de 1922 a 1944, analisa a introdução do pentecostalismo no estado do Espírito Santo, com o intuito de apresentar diferentes perspectivas para além da narrativa predominante de Emílio Conde, que muitas vezes é reproduzida sem reflexão nas plataformas digitais das convenções assembleianas locais. O foco deste tópico é o papel pioneiro de Daniel Berg e João Pedro da Silva na formação das primeiras Assembleias de Deus na região. O segundo tópico se concentra nas narrativas de expansão lideradas por José Camilo Peclat, especialmente na região sul do estado, utilizando como fonte principal a sua biografia. O último tópico apresenta a expansão exponencial do movimento pentecostal e o processo de institucionalização e formação dos aparelhos burocráticos da igreja, sob a liderança de Waldomiro Martins Ferreira, utilizando fontes orais, bibliográficas e documentais.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

1 O PENTECOSTALISMO MODERNO E A SOCIEDADE CAPIXABA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Alguns estudiosos da fé cristã especulam que o cristianismo pode ser pentecostalizado em breve, considerando a grande proporção que o movimento pentecostal/carismático tem tomado em tão pouco tempo. Atualmente, os pentecostais e carismáticos representam mais de meio bilhão de pessoas em todo o mundo.[7] De acordo com dados levantados pelo historiador Synan, esses grupos religiosos estão presentes em 9 mil culturas etnolinguísticas e se dividem em 740 denominações pentecostais, 6.530 denominações com movimentos carismáticos e 18.810 denominações e redes neocarismáticas independentes.[8] As estimativas do *World Christian Database* sugerem que, em 2025, os pentecostais podem chegar a representar 1 bilhão de pessoas.[9]

O pentecostalismo é considerado por muitos historiadores o maior fenômeno religioso do século XX, sendo inclusive referido como o "século pentecostal" ou "século do Espírito"[10]. De fato, este movimento tem dado uma nova face ao cristianismo em nível global. Harvey Cox argumenta que o pentecostalismo está reformulando a religião do século XXI,[11] demonstrando a natureza transformadora dinâmica e missionária deste movimento, graças à sua ênfase na espiritualidade carismática. Devido a sua importância, o pentecostalismo se destaca não apenas como uma ramificação do protestantismo, mas como uma "terceira força" na tradição cristã, como Van Dusen apontou, sugerindo o surgimento de um novo ramo cristão ao lado do catolicismo e do protestantismo.[12]

Em 2009, a Universidade do Sul da Califórnia criou a IPPC (Iniciativa para Pesquisas Pentecostais e Carismáticas) com uma doação de 6,9 milhões de dólares da Fundação John Templeton. O representante do projeto, Donald Miller, destacou na imprensa que o objetivo da iniciativa é compreender por que o pentecostalismo tem crescido tão rapidamente e qual é o impacto que tem causado na sociedade.[13] Diante disto, tendo em vista que a religião faz parte do cotidiano das pessoas e é capaz de (re)configurar uma sociedade, esse capítulo

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[7] ANDERSON, Allan H. *Uma introdução ao pentecostalismo:* cristianismo carismático mundial. São Paulo: Loyola, 2019. p. 13.
[8] SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo:* 100 anos do avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Vida, 2009. p. 504.
[9] SIQUEIRA, 2018, p. 15.
[10] MENZIES, Robert. *Pentecostes, essa história é a nossa história*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 38.
[11] Essas palavras aparecem no subtítulo da obra: COX, Harvey. *Fogo do céu*: o surgimento da espiritualidade pentecostal e a reformulação da religião no século XXI. Nova York: Addison-Wesley, 1995. p. 33-37.
[12] POMERVILLE, Paul. *A força pentecostal em missões:* entendendo a contribuição dos pentecostais na teologia missionária contemporânea. Rio de Janeiro: CPAD, 2020. p. 44.
[13] MENZIES, 2017, p. 93.

contextualiza a pesquisa, discutindo o surgimento do pentecostalismo moderno e a sociedade capixaba no início do século XX, levantando questões importantes como os antecedentes históricos e teológicos do pentecostalismo moderno, a teoria da pentecostalidade de Bernardo Campos, o *ethos* da transformação social presente na tradição pentecostal, a formação étnica-cultural da sociedade capixaba, o contexto religioso e o processo de urbanização do estado do Espírito Santo.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

1.1 O SURGIMENTO DO PENTECOSTALISMO MODERNO

O objetivo deste tópico não é aprofundar-se nas origens do pentecostalismo, mas sim destacar sucintamente alguns elementos histórico-teológicos que compõem a conjuntura do surgimento e formação do pentecostalismo moderno, bem como evidenciar o seu poder transformador na sociedade. A teoria de Campos é utilizada para apontar uma lógica que justifica a variedade de tipos de pentecostalismos presentes na história e na atualidade. Por fim, serão apresentadas algumas teorias acerca do desenvolvimento e formação do pentecostalismo no Brasil.[14]

O teólogo peruano Bernardo Campos criou o conceito "princípio da pentecostalidade", que sugere uma universalidade da experiência do Espírito Santo que é livre e aberta, não exclusiva dos pentecostais.[15] Essa ideia destaca uma experiência matriz que conecta todos os movimentos carismáticos – o próprio Pentecostes. Essa visão não é nova, já que há termos semelhantes, como o "princípio protestante" de Tillich, o "princípio da misericórdia" de Sobrino e o "princípio da esperança" de Ernst Bloch. No entanto, o "princípio da pentecostalidade" busca mostrar que há uma conexão entre todas as vertentes e denominações cristãs, e um elo que permeia toda a cristandade – o próprio Espírito de Deus, segundo Bernardo Campos.[16]

Bernardo Campos amplia o escopo desse conceito ao destacar que "não haverá paz entre as nações se não houver paz entre as religiões; não haverá paz entre as religiões sem o diálogo; não haverá diálogo entre as religiões se não se pesquisam os fundamentos das religiões"[17]. Vale destacar que o "princípio da pentecostalidade" não significa rotular todos como pentecostais ou interpretar os demais grupos a partir desse princípio. Ao contrário, esse

[14] Isso não significa teorias de mapeamento do fenômeno.
[15] CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade*: hermenêutica, história e teologia. São Paulo: Recriar, 2018. p. 8.
[16] CAMPOS, 2018. p. 8.
[17] CAMPOS, 2018. p. 8.

princípio enfatiza a importância de não se apegar a verdades absolutas e de estar aberto a outras experiências e crenças. Ou seja:

> O pentecostalismo, graças ao princípio pentecostal, sempre aparecerá como novidade e cheio de surpresas. Mudará de novo quantas vezes seja necessário e – ainda voltado sempre às fontes – não se agarrará a uma tradição. Será capaz de renovar-se permanentemente. Mais que um conceito é uma metodologia para apontar uma ética que resista ao absolutismo, que provoque possibilidades criativas e que forje alternativas a qualquer mundo dado. O projeto não está terminado.[18]

A partir dessa premissa, o cristianismo sempre foi caracterizado por uma tensão entre a organização eclesiástica e o carisma, entre o formalismo e a espontaneidade, entre a experiência e a ortodoxia, entre a instituição e o movimento. Ou seja, sempre houve movimentos com tendências carismáticas dentro dessa religião. É nesse contexto que surge o pentecostalismo. Esse movimento se destaca por sua dinâmica, entusiasmo, impulso evangelístico e escatológico. Em resumo, representa uma rebelião contra qualquer forma de mecanização e monopolização da fé cristã.

O "pentecostalismo moderno" é um movimento cristão-evangélico que surgiu no século XX, tendo como base a afirmação do batismo no Espírito Santo como uma experiência distinta da conversão, evidenciada pelo falar em outras línguas (glossolalia). De acordo com Menzies, "há um consenso geral de que as origens do movimento pentecostal moderno podem ser rastreadas até 1º de janeiro de 1901, na escola bíblica em Topeka, Kansas, EUA".[19] Suas principais características incluem ênfase no fervor espiritual e dons espirituais, nova dinâmica litúrgica, intensa atividade de leigos na expansão e administração das igrejas, ênfase no advento e santidade. O adjetivo "moderno" refere-se ao fato de que o movimento incorporou, de forma híbrida, pensamentos anteriores com características semelhantes em sua teologia e cultura. Portanto, pode ser considerado o resultado de um longo processo histórico marcado pelo carisma.[20] Atualmente, é utilizado o termo "pentecostalismos", uma expressão que demonstra a diversidade do movimento. É importante destacar algumas raízes que deram origem a essa nova, recente e expressiva vertente cristã. Segundo Gutierres Siqueira:

> O movimento pentecostal é uma evolução do pensamento wesleyano, do movimento de santidade, da teologia dos avivamentos, do pietismo, da reforma, do montanismo, do milenarismo, etc. Ou seja, é, ao mesmo tempo, uma reação consciente ou não ao racionalismo, à escolástica, ao nominalismo, ao clericalismo, etc. Assim como um pentecostal é a miscelânea de várias tradições cristãs, outras correntes cristãs sofrem

[18] CAMPOS, 2018. p. 14.
[19] MENZIES, 2017, p. 13.
[20] Carisma são os dons espirituais descritos na Bíblia em I Coríntios 12:8-10. A pesquisa utiliza a seguinte versão do texto bíblico: BÍBLIA de Estudo Pentecostal [Autor dos comentários e notas: Donald Stamps]. Trad. João Ferreira de Almeida. ARC (Almeida Revista e Corrigida). Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> influências teológicas da mesma nascente pentecostal. O pentecostal, assim como os demais homens racionais, não é tabula rasa, ou seja, ele influencia enquanto é influenciado.[21]

A palavra pentecostal deriva de Pentecostes, que se refere à narrativa lucana em Atos 2. Nesse relato, durante a celebração da festa judaica da colheita, houve o derramamento do Espírito Santo, que Lucas identifica como o cumprimento da profecia de Joel. No entanto, o movimento pentecostal não pode ser compreendido como está escrito em Atos 2.2: "de repente veio do céu", mas como tendo suas raízes históricas nos primórdios do cristianismo. Muitos estudiosos, incluindo Hyatt em sua obra "2000 Anos de Cristianismo Carismático", apontam o movimento montanista do século II como o precursor mais antigo do pentecostalismo moderno. Por volta de 172 d.C., Montano enfatizou o ministério sobrenatural do Espírito, principalmente o dom de profecia, o dom de línguas e a segunda vinda de Cristo, em resposta ao formalismo crescente na igreja e à progressiva lassidão moral. Isso o levou a entrar em conflito com muitos líderes da igreja que insistiam no predomínio da hierarquia eclesiástica sobre os dons espirituais. No Concílio de Constantinopla, em 381, o montanismo foi considerado herético.[22]

É crucial enfatizar que não há nenhum registro escrito sobrevivente dos montanistas, apenas as críticas de seus oponentes, como Eusébio de Cesareia. Em sua obra *História Eclesiástica*, uma das mais antigas do cristianismo, Eusébio relatou que Montano encarnava o Paracleto e afirmou que a vinda de Jesus ocorreria naquela época para estabelecer a Nova Jerusalém na Frígia.[23] No entanto, em 1750, John Wesley escreveu em seu diário que os montanistas eram cristãos bíblicos genuínos, e Tillich mais tarde reiterou que "a igreja cristã excluiu o montanismo de seu seio. Foi um avivamento do Espírito, e não há evidências que confirme as acusações feitas contra Montano".[24] Mencionar esse precursor não implica em tentativa de apologia ou ressurreição de problemas resolvidos nos concílios da igreja. Contudo, é necessário destacar as semelhanças entre os movimentos e o fato de que a história não pode ser vista apenas de um ângulo ou por meio de uma única fonte. As fontes históricas não representam a história em si, mas sim o que restou dela. A partir desses fragmentos, os historiadores se dedicam a (re) construí-la. Ainda assim, a escassez de fontes e a distância temporal podem ser problemáticas e exige do pesquisador/a uma aplicação de técnicas e metodologias apropriadas. De acordo com Allan Anderson:

[21] SIQUEIRA, 2018, p. 16.
[22] HYATT, Eddie. *2000 anos de cristianismo carismático*. Natal: Carisma, 2018. p. 50.
[23] CESAREIA, Eusébio. *História eclesiástica:* os primeiros quatro séculos da igreja cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 181.
[24] TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão*. São Paulo: Aste, 2004. p. 60.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> A história não pode ser entendida apenas a partir de fontes escritas, especialmente quando essas fontes são os únicos documentos escritos desse período e refletem quase exclusivamente as posições oficiais de poder e privilégio de seus autores. Temos de ler nas entrelinhas dos documentos, atas e boletins informativos para descobrir as indicações de um mundo mais amplo do que o que eles descrevem. Esse é certamente um exercício perigoso, pois as possibilidades de interpretações equivocadas aumentam quando há informações incompletas, especialmente no caso daqueles que já morreram e cujas vozes foram perdidas.[25]

A declaração de Anderson destaca a importância do cuidado que um historiador deve ter ao trabalhar com fontes históricas. Embora a verdadeira imparcialidade não seja possível, um olhar minucioso e certo grau de desconfiança são necessários para evitar a criação de mitos ao tentar aproximar-se da verdade histórica. A função do historiador não é simplesmente contar história, mas sim problematizá-la. Como afirmou o historiador britânico Collingwood, "a evidência não constitui conhecimento histórico disponível e pronto, que pode ser simplesmente engolido e digerido pelo historiador".[26] Em outras palavras, os vestígios do passado, sejam eles fontes escritas ou não, só são úteis quando o historiador os submete a uma série de conhecimentos contextualizados que ele já possui.

No livro *Raízes Teológicas do Pentecostalismo*, Dayton identifica cinco elementos histórico-teológicos que contribuíram para o surgimento do pentecostalismo: o movimento metodista, o movimento de santidade, o batismo com o Espírito Santo, o movimento de cura divina e o pré-milenismo. Já Synan, em *O Século do Espírito Santo*, destaca três movimentos que antecederam o pentecostalismo moderno, todos originários da Grã-Bretanha e caracterizados por uma ênfase na perfeição e no carisma: "o movimento de santidade metodista, a Igreja Apostólica Católica (fundada por Edward Irving) e o movimento Vida Superior de Keswick"[27].

O movimento de santidade do século XIX foi fortemente influenciado pelo metodismo de John Wesley (1703-1791), que tinha raízes no anglicanismo, puritanismo e pietismo, conforme destaca Dayton em sua obra.[28] O metodismo, por sua vez, enfatizava a religiosidade experiencial e emotiva, que contrastava com a forte institucionalidade da igreja anglicana. O movimento metodista pode ser entendido como uma reforma da Reforma Protestante inglesa, uma vez que a nova igreja já nasceu com uma estrutura burocrática proveniente da união entre a igreja e o Estado.[29]

[25] ANDERSON, 2019, p. 24.
[26] PINSKY, Carla B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 94.
[27] SYNAN, 2009, p. 16.
[28] DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do pentecostalismo*: Natal: Carisma, 2020. p. 73.
[29] PASSOS, João D. *Pentecostais, origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 47.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

A teologia da "segunda benção" de Wesley estava relacionada a santificação, mas foi seu colega John Fletcher que a denominou como o "batismo do Espírito Santo".[30] Para o pentecostalismo, o batismo no Espírito Santo é caracterizado pela glossolalia, e não se trata da mesma ideia de segunda benção ou santificação, mas de uma experiência pós-conversão. A ideia da segunda benção influenciou e culminou no pentecostalismo moderno, mas existe uma grande diferença entre esses movimentos. De acordo com Anderson, "foi essa doutrina da segunda benção que teve uma influência significativa sobre o pentecostalismo, mas apenas quando essa doutrina foi transmitida e reinterpretada pelo movimento de santidade americano"[31].

No contexto extremamente racionalista, o movimento metodista foi caracterizado pela experiência, evangelismo e santificação como uma obra distinta da conversão. Isso, por si só, foi uma ruptura com o pensamento dominante da época e com a tradição calvinista, que considerava a santificação como um produto da conversão e não algo subsequente.[32] O movimento de santidade entre os metodistas, ao buscar o fervor espiritual, acabou proporcionando experiências sensitivas e místicas dentro das comunidades cristãs. Grupos *holiness* começaram a experimentar o fenômeno da glossolalia e, nos Estados Unidos, se tornaram os antecedentes diretos dos pentecostais modernos.[33]

Anderson é notável por chamar a atenção para o fato de que os primeiros historiadores do pentecostalismo moderno se concentraram nos escritos do cronista Bartleman, que, sob paradigmas históricos e teológicos, acabou criando um "mito central de origem", negligenciando outros pontos de origem do movimento.[34] Segundo Anderson, "o pentecostalismo praticado nos EUA é apenas uma parte do quadro total de muitas formas de pentecostalismo, e os tesouros escondidos dessas histórias locais precisam ser descobertos".[35] O trabalho de Anderson tem uma abrangência global e possui como objetivo apontar a dinâmica não ocidental do pentecostalismo, sem negligenciar a importância internacional do movimento que começou na Rua Azusa e se espalhou pelo mundo. De acordo com Anderson, é importante tratar do assunto com honestidade para evitar o risco de criar ou repetir hagiografias.[36] É necessário revisar e narrar a história do pentecostalismo de forma contra-

[30] SYNAN, 2009, p. 16.
[31] ANDERSON, 2019, p. 38.
[32] ALMEIDA, Tiago B. História do pentecostalismo brasileiro: origem, crescimento e expansão. *Revista REPAS*, Joinville, v. 8, n. 8, p. 1-24, 2021. [*online*]. p. 13.
[33] OLIVEIRA, David M.; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal:* reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 72.
[34] ANDERSON, 2019, p. 23.
[35] ANDERSON, 2019, p. 23.
[36] ANDERSON, 2019, p. 27.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

hegemônica, dando voz aos coadjuvantes que, por tanto tempo, foram esquecidos. Segundo Anderson:

> A revisão da história do pentecostalismo no século XXI deve ser empreendida, não enfatizando os heróis missionários das nações poderosas e ricas do mundo, mas dando voz às pessoas que vivem nas partes mais marginalizadas do planeta. Precisamos escutar as margens, permitindo que aqueles até então sem voz e muitas vezes sem nome falem, e reconhecendo a contribuição dos obreiros pentecostais esquecidos do passado que foram negligenciados em nossas histórias e hagiografias. Então, juntos, chegaremos a uma avaliação honesta de nossas histórias e seremos mais capazes de sugerir soluções para os problemas de divisão, paroquialismo, racismo e etnocentrismo que ainda hoje atormentam o pentecostalismo.[37]

É verdade que nenhum dos outros movimentos de avivamento apresentou as línguas como o sinal bíblico do batismo no Espírito Santo. Isso foi um símbolo importante e fundamental da mensagem pentecostal que se espalhou pelo mundo.[38] Sem menosprezar outros pontos de origem, é evidente a importância do avivamento da Rua Azusa como a chave catalisadora para o atual movimento pentecostal. De maneira similar, a Reforma Protestante teve vários pontos de origem e culminou em outras reformas (calvinista, anabatista, anglicana etc.), mas o ponto crucial foi na Alemanha com o reformador Martinho Lutero. Portanto, é compreensível que as historiografias apontem para a Reforma Luterana como a mola propulsora e desencadeadora das demais reformas.

O avivamento da Rua Azusa (1906-1909), em Los Angeles, Califórnia, EUA, foi liderado pelo afro-americano William J. Seymour (1870-1922). Seymour era filho de ex-escravos e estudou na escola bíblica Betel, em Topekas no Kansas, liderado por Charles Fox Parham (1873-1929), numa época de segregação racial. Influenciado pelo movimento de santidade e pela teologia de Parham acerca do batismo no Espírito Santo evidenciada pelo falar em línguas, Seymour liderou prolongadas reuniões de orações e ministração da Bíblia na Rua Azusa 312. A ênfase nos dons espirituais e suas manifestações aproximaram muitos simpatizantes de todos os lugares do mundo. O movimento chamou a atenção não apenas por sua forma litúrgica extravagante, ou pela doutrina do batismo com o Espirito Santo, mas, principalmente, pelo fato de unir, no mesmo ambiente, negros e brancos, ou seja, foi marcado pelo seu caráter inter-racial e multicultural.[39] Segundo Synan:

> Os acontecimentos relacionados ao avivamento da Rua Azusa fascinaram os historiadores durante décadas e até hoje não foram plenamente entendidos e explicados. A Missão da Fé Apostólica da Rua Azusa realizava três cultos por dia, sete dias por semana, durante três anos e meio. Milhares de pessoas receberam o

[37] ANDERSON, 2019, p. 27.
[38] MENZIES, 2019, p. 14.
[39] SYNAN, 2009, p. 19.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> batismo no Espirito Santo com a evidência inicial do falar em línguas. O movimento da Rua Azusa parece ter sido uma fusão da religião branca holiness com os estilos de adoração da tradição cristã negra dos Estados Unidos, que se iniciou nos tempos da escravidão sul. O louvor e a adoração expressivos da Rua Azusa, caracterizados por danças e clamores, eram comuns tanto entre os brancos apalachianos quanto entre os sulistas negros. A mistura de línguas e outros dons carismáticos, música de brancos e negros e variados estilos de adoração deu origem a uma forma local de pentecostalismo. Essa nova expressão de vida cristã provou-se extremamente atrativa para as pessoas discriminadas nos Estados Unidos e em outras nações. A posição inter-racial da Rua Azusa era uma admirável exceção ao racismo e à segregação da época. O fenômeno que reunia brancos e negros para a adoração sob a liderança de um pastor negro parecia inacreditável para quem estava de fora.[40]

A partir da Rua Azusa, o movimento pentecostal ganhou projeção global e se espalhou rapidamente por diversos países das Américas e além. Esse movimento de avivamento teve um caráter inclusivo e permitiu que os pobres, mulheres, negros e outras pessoas marginalizadas assumissem um papel de destaque na liderança religiosa. "A ênfase na liderança leiga e sua democratização nos cultos, existe como uma sociedade sem classes, subvertendo a ordem social tradicional na linguagem do simbolismo religioso".[41] Os pentecostais, direta ou indiretamente, têm se engajado na questão da transformação social, tanto por meio de esforços religiosos quanto políticos.

Observa-se, portanto, que o avivamento da Rua Azusa não é simplesmente uma abordagem teológica diferente das demais. Dado o contexto social dos Estados Unidos, marcado pela segregação racial, o pentecostalismo surgiu como um movimento revolucionário capaz de desafiar estruturas sociais injustas. Como observou Berger, "toda a sociedade humana é um projeto de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento"[42]. Nesse sentido, o pentecostalismo representa um protesto simbólico e legítimo contra todas as formas de autoritarismo e tradicionalismo, capacitando às classes subalternas e marginalizadas a lutar por mudanças sociais em diferentes áreas da atuação.[43] No cerne deste movimento, encontram-se posturas revolucionárias, expressas através da dinâmica, da oralidade, da experiência e do conceito de batismo no Espírito Santo. Este último fornece aos fiéis um senso de empoderamento e revestimento de poder para combater as forças demoníacas e se capacitar para o serviço missionário. Em termos culturais,

[40] SYNAN, 2009, p. 19.
[41] ANDERSON, 2019, p. 324.
[42] BERGER, Peter L. *O dossel sagrado:* elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 15.
[43] BARRETO JR., Raimundo C. *Evangélicos e pobreza no Brasil*: encontros e respostas éticas. São Paulo: Recriar, 2019. p. 216.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

o pentecostalismo deve ser entendido como uma manifestação de resistência política e religiosa.[44] Segundo Johns:

> Há características inerentes ao pentecostalismo que conduzem por si mesmas à conscientização. Elementos como as raízes do movimento de santidade e sua origem negra, sua teologia narrativa e oral, sua hermenêutica pneumática, criam um ethos que dá dignidade ao marginalizado e voz aos sem voz. Tais dinâmicas convocam as pessoas a realizarem suas vocações ontológicas como sujeitos da história. E tais características são poderosos meios de libertação e humanização dentro dos espaços livres das comunidades pentecostais, e estão impregnadas com a possibilidade de transformação das estruturas sociais.[45]

O pentecostalismo moderno, que surgiu com grande destaque mundial a partir da Escola Bíblica de Betel de Charles F. Parham e do avivamento da Rua Azusa de William J. Seymour foi fortemente influenciado por movimentos carismáticos e experiências dentro do cristianismo, especialmente por movimentos recentes como o movimento metodista e o movimento de santidade, que introduziram a ideia de uma "segunda benção" como uma experiência após a conversão. Inicialmente, o Pentecostalismo moderno era relativamente homogêneo, mas devido ao seu ethos reformista, carismático e experiencial, não demorou muito para se tornar bastante heterogêneo. É difícil falar em Pentecostalismo no singular, uma vez que esse termo é limitado e não representa a totalidade deste movimento que é muito vasto e diverso.

Dado o caráter complexo do fenômeno pentecostal, várias teorias foram formuladas para ajudar a entender suas partes e o todo. Uma dessas teorias é a do princípio da pentecostalidade, de Campos, que sugere que todas as variações carismáticas, pentecostais e pós-pentecostais estão conectadas por meio da experiência matriz do evento de Pentecostes em Atos 2. O pentecostalismo, por sua vez, seria uma versão religiosa da pentecostalidade, com a experiência de Azusa considerada a raiz do pentecostalismo moderno e suas variantes subsequentes, tanto em termos históricos quanto teológicos. No contexto brasileiro, Isael de Araújo apresenta três teorias para explicar a sequência do movimento pentecostal no país. A teoria das ondas, de David Martin, adaptada para o Brasil por Paul Freston, é a mais conhecida, abordando o assunto a partir de aspectos histórico-institucionais. A teoria dos surtos, de Antônio Gouvêa de Mendonça, sugere que, em intervalos de tempo, surgiram ensinamentos repentinos que foram considerados pentecostais. A terceira teoria é a das ênfases, que se refere ao fato de que, ao longo do tempo, pastores e pregadores das

[44] OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 176.
[45] JOHNS, Cheryl B. *Pentecostal formation:* a pedagogy among the oppressed. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993. p. 139.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

denominações tradicionais (metodistas, batistas, presbiterianos etc.) enfatizaram um ou dois temas em suas igrejas, como o batismo com o Espírito Santo, escatologia ou prosperidade.[46]

De acordo com o sociólogo Ricardo Mariano, o pentecostalismo pode ser classificado em três categorias: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo. O pentecostalismo clássico inclui a Congregação Cristã (fundada em 1910) e as Assembleias de Deus (fundada em 1911), com ênfase na glossolalia como evidência inicial do batismo no Espírito Santo. O deuteropentecostalismo inclui a Igreja do Evangelho Quadrangular (fundada em 1951), Brasil Para Cristo (fundada em 1955) e Deus é Amor (fundada em 1962), com ênfase em milagres, cura divina, cruzadas evangelísticas e o uso da rádio. Já o neopentecostalismo inclui a Universal do Reino de Deus (fundada em 1977) e a Internacional da Graça de Deus (fundada em 1980), com ênfase na teologia da prosperidade e o uso da televisão.[47] Essa classificação, portanto, resume as teorias mencionadas, apresentando suas diferenças teológicas em ordem cronológica.

Em resumo, o objetivo deste tópico foi destacar que o surgimento do pentecostalismo não foi um evento isolado, mas sim resultado de um processo histórico mais amplo, no qual movimentos com ênfase em experiências extáticas, sensitivas, perfeccionistas e carismáticas culminaram na vertente cristã que hoje mais cresce no mundo. Os movimentos religiosos são híbridos e se influenciam mutuamente, e o pentecostalismo apresenta características de vários movimentos, como puritanismo, pietismo, liberalismo e fundamentalismo. Os aviamentos dos séculos anteriores, especialmente aqueles originados na Grã-Bretanha nos séculos XVIII e XIX, prepararam o terreno para o movimento religioso revolucionário do século XX, capaz de produzir mudanças significativas e subverter a ordem social por meio de sua teologia aberta e criativa, que não se prende ao absoluto e ao definitivo. Como há uma grande variedade de pentecostalismos existentes atualmente, ainda falta ao mundo acadêmico propostas inovadoras e interdisciplinares para mapear essa ampla gama de expressões pentecostais.

1.2 A SOCIEDADE CAPIXABA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

A sociedade capixaba[48] no início do século XX apresenta certos atrasos em seu desenvolvimento econômico em relação a outros lugares e territórios do Brasil na mesma época, tendo em vista a demora em estabelecer atividades voltadas para a indústria e

[46] ARAÚJO, Isael. *História do movimento pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016a. p. 14.
[47] MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999. p. 34.
[48] Capixaba é sinônimo de espírito-santense.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

urbanização, além da interiorização do desenvolvimento e ocupação do estado. A imigração e miscigenação, presentes desde o período pós-colonial, são aspectos materiais e imateriais que caracterizam a população capixaba. Este tópico tem como objetivo realizar uma revisão breve da formação da sociedade capixaba no início do século XX, com foco na formação étnica da população, além das virtudes e desvantagens das escolhas desenvolvimentistas adotadas para o estado. É importante estabelecer essas relações, visto que a formação dessa sociedade e população envolve diversas questões interligadas, sobretudo a economia e a determinação das escolhas para a ocupação do estado.

O Espírito Santo está localizado na região Sudeste do Brasil, fazendo divisa ao norte com o estado da Bahia, ao sul com o estado do Rio de Janeiro, a oeste com o estado de Minas Gerais e a leste com o Oceano Atlântico. A sua posição geográfica permite que receba uma forte influência dos estados vizinhos, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, além do próprio estado da Bahia, com o qual faz limite.[49]

Figura 1 – Mapa do estado do Espírito Santo



A historiografia que aborda o Espírito Santo nas primeiras décadas do século XX destaca a predominância da economia agrícola, o poder dos coronéis, o início do processo de urbanização e a fragilidade dos governos locais. Dentro desse contexto, o governo de

[49] NEVES, Luiz G. S. *Nosso Estado, o Espírito Santo:* história do Estado do Espirito Santo para o ensino fundamental. Curitiba: Base, 2004. p. 8.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Jerônimo de Sousa Monteiro (1908-1912) ganha destaque por seus esforços em modernizar o estado, com foco especial na capital, Vitória.[50]

A partir da segunda metade do século XIX, muitos europeus emigraram para o Brasil e os Estados Unidos, e essa migração também afetou o ES. Os primeiros imigrantes chegaram ao estado em 1859 e seus descendentes formam hoje uma das maiores comunidades pomeranas do mundo, localizada nas montanhas da macrorregião metropolitana. Ao longo dos anos, o ES recebeu diversas levas de imigrantes, sendo que 97,34% deles eram europeus, provenientes principalmente da Itália, Alemanha, Espanha, Polônia e da extinta Pomerânia. [51]

A formação demográfica do ES tem dentre seus ingredientes a mudança da vertente econômica produtiva do açúcar para o café que passou a ser explorado principalmente por fluminenses e mineiros, e por volta de 1874, à imigração italiana teve uma grande massificação e em 20 anos praticamente dobrou a população capixaba. Tendo ainda a fundação da primeira cidade italiana por imigrantes no estado, Santa Teresa no centro sul do território. Assim adentra-se o século XX com essa mudança econômica, porém com o enfrentamento dos desafios.[52]

É importante ressaltar que a formação cultural e as raízes étnicas da população do ES resultam de uma mistura diversa de culturas, que engloba desde a miscigenação dos povos originários da colonização europeia e indígena até a população de origem africana, em decorrência da predominância da escravidão no estado. Essa diversidade é acentuada pela base agrícola dos séculos passados e pelas migrações posteriores, sobretudo de europeus de diversas regiões, como poloneses, austríacos, italianos e pomeranos.[53]

No início do século XX, o café se tornou o principal produto da economia capixaba e a principal fonte de exportação até meados do século. Cerca de 90% da produção do estado era de café, e essa cultura financiou a estruturação e urbanização da capital, Vitória. No entanto, a política de erradicação dos cafezais teve um grande impacto na economia. Embora tenha injetado uma grande quantidade de recursos financeiros, principalmente nas regiões centrais, devido à indenização pela eliminação dos pés de café, essa prática levou à extinção de muitos postos de trabalho nos cafezais.[54]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[50] SIMÕES, Regina H. S.; SALIM, Maria A. A. A organização de grupos escolares capixabas na cena republicana do início do século XX: um estudo sobre a reforma Gomes Cardim (1908-1909). *Cadernos de Pesquisa em Educação*, Vitória, a. 9, v. 18, n. 35, p. 93-111, 2012. p. 95.
[51] PIRES, 2006, p. 94.
[52] MENDONÇA, Marcos C.; CAMPOS JR, Carlos T. O discurso da modernidade na construção de Vitória-ES. *Revista Geotextos*, Salvador, v. 15, n. 1, p. 13-39, 2019. p. 14.
[53] NEVES, 2004, p. 84.
[54] NEVES, 2004, p. 56.

As consequências da política de erradicação dos cafezais no ES foram significativas e levaram a fatores que possibilitaram a realização dos grandes projetos industriais. A migração dos trabalhadores excedentes, que perderam seus empregos nos cafezais, foi um desses fatores. Como muitas cidades do interior eram pouco desenvolvidas na época, essas pessoas precisaram buscar sustento nos grandes centros urbanos. [55]

Quanto ao processo de urbanização, destaca-se que a rejeição às fraudes eleitorais, presentes especialmente nas primeiras décadas da República, gerava tensões entre o governo central e os estados e ampliava a sensação de ilegitimidade do regime. Setores médios, embasados nas reclamações dos militares também descontentes com a política brasileira que os excluía do poder, buscavam revitalizar a República e propunham uma renovação política. "Paralelamente, a elite dominante que compunha o cerne do sistema político encontrava-se envolta em conflitos internos que neste período passam do âmbito econômico se manifestando também no âmbito político e ideológico"[56].

> A ideia de renovação no âmbito da política se estendeu ao campo social. Tornou-se cada vez mais urgente inserir o Brasil nas diretrizes econômicas que foram traçadas a partir da Revolução Industrial, em que se instalou uma ampla rede de relações comerciais e tecnológicas interpaíses desenvolvidos. Neste momento, o Brasil tentava inserir-se nas redes comerciais internacionais, através do setor exportador e da adoção de práticas culturais próprias do mundo civilizado. O afrancesamento da estrutura urbana mostrava-se fundamental para a consolidação desta condição de destaque. Urgia romper os elos com a antiga sociedade agrária adequando esses espaços aos propósitos modernizadores emergentes.[57]

No início do século XX, a cidade de Vitória possuía uma fisionomia definida pela arquitetura colonial, construída em um conjunto estreito de colinas rochosas. Os edifícios do governo e das igrejas eram os principais destaques, representando o poder burocrático e religioso. Grande parte do território do ES ainda era coberta por matas e a produção era desarticulada.[58] Segundo José Shayder, Vitória era uma cidade pequena e precária, com condições insalubres, com uma população inferior a dez mil habitantes. Não havia infraestrutura urbana, como abastecimento de água e esgoto, e o sistema de iluminação pública eram precários. Além disso, havia falta de transporte e a participação na economia local era limitada, o que deixava Vitória em uma condição de isolamento expressivo em

[55] NEVES, 2004, p. 62.
[56] PIRES, 2006, p. 96.
[57] PIRES, 2006, p. 96.
[58] SCHAYDER, José Pontes. *História do Espírito santo: uma abordagem didática e atualizada*. Campinas: Companhia da escola, 2002, p. 89.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

relação às outras regiões do ES. As iniciativas de organização do território, no contexto capixaba, foram tardias em comparação com a maioria das capitais brasileiras.[59]

> Vitória era uma cidade pacata e insalubre, com ruas estreitas e tortuosas, cercada por 'pardieiros infectos'. Por isso, o presidente Muniz Freire deu início a um processo de expansão do centro urbano da capital, com um trabalho de drenagem, saneamento e aterro das áreas pantanosas e alagadiças. Este projeto urbanístico foi chamado de novo arrebalde.[60]

No começo do século XX, os governadores do ES tinham como principais objetivos: continuar o processo de povoamento do território capixaba, incentivando a chegada de novos imigrantes; melhorar a infraestrutura e saneamento de Vitória; modernizar a economia local através da criação de indústrias; e desenvolver a infraestrutura necessária para transportar os recursos econômicos provenientes do interior do estado.[61]

"O intendo de modernizar Vitória se acelerou durante a administração de Muniz Freire (1892-1896), através da proposta de loteamento do lado leste da cidade, com fins especificamente empresariais, dando novas formas de organização à cidade."[62] O sucesso das prioridades estabelecidas pelos governadores do ES no início do século XX foi viabilizado pelo crescimento econômico da época, impulsionado pela expansão da produção de café e o aumento dos preços no mercado internacional, o que beneficiou as atividades comerciais relacionadas ao café, bem como a diversificação das atividades comerciais na cidade.[63]

As ruas foram reformadas para acomodar o tráfego de veículos, contribuindo para a melhoria do fluxo urbano. Edifícios foram derrubados e becos foram eliminados para erradicar as fontes de doenças causadas pela falta de saneamento. Pires ressalta que "embora o período abordado seja de crescimento urbano e econômico, não se apresentam registros que identifiquem um crescimento populacional".[64] Contudo, há evidências de que ocorreu uma queda significativa devido à atividade agrícola voltada para o café, que levou à maioria da população a residir em áreas rurais.[65]

A remodelação urbana foi interrompida durante as gestões subsequentes devido a uma crise econômica que afetou não apenas o estado, mas todo o país. O século XX foi caracterizado por avanços e retrocessos, com sucessivas crises financeiras, tensões políticas e

[59] SCHAYDER, 2002, p. 89.
[60] SCHAYDER, 2002, p. 89.
[61] NEVES, 2004, p. 89.
[62] PIRES, 2006, p. 97.
[63] PIRES, 2006, p. 97.
[64] PIRES, 2006, p. 98.
[65] PIRES, 2006, p. 98.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

revoltas populares. O processo de urbanização só ganhou novo impulso durante o governo de Jerônimo Monteiro, no quadriênio de 1908-1912.[66]

De fato, o governo de Jerônimo Monteiro foi fundamental para o início da transformação urbana de Vitória. Durante a sua gestão, foram inaugurados importantes serviços de infraestrutura, como a iluminação elétrica e o abastecimento de água. Sobre as inovações de Monteiro para urbanizar a cidade, Luiz S. Derenzi afirmou: "Vitória tornou-se cidade habitável, quanto às condições sanitárias, e em pé de igualdade com as melhores capitais brasileiras. Água pura, serviço regular de limpeza pública, hospital moderno, polícia, ruas iluminadas"[67].

No entanto, é preciso ressaltar que o discurso e o processo de urbanização de Vitória estavam intimamente relacionados a um modelo de modernização excludente. Todas essas intervenções eram justificadas pelo pensamento positivista que predominava na época. Segundo Wanessa Palacios:

> Os espaços periféricos da capital não cresceram em habitação e em população de forma imediata. O foram, à medida que o projeto político de urbanização de Vitória e do remodelamento de seu centro foi se efetivando gradativamente. Dessa forma, os espaços em Vitória foram organizando-se e se homogeneizando de acordo com as condições socioeconômicas de seus cidadãos: a maioria dos espaços no centro da cidade ficou para a elite, para a classe média e para as atividades relacionadas ao lazer, à administração e ao comércio. Não se excluíram totalmente do centro da cidade as camadas menos favorecidas da população, mas, com certeza, seus espaços ficaram bem menores. A grande maioria dessa população dirigiu-se para os arrebaldes da capital, como Jucutuquara, Santo Antônio, Ilha de Santa Maria, Praia Comprida, Suá e Vila Rubim. Esses espaços foram se consolidando enquanto lócus dessas camadas, paralelamente ao aumento da população da Vitória e do processo de modernização da cidade.[68]

Da mesma forma que em outras cidades brasileiras, as escolhas para o desenvolvimento de Vitória foram estabelecidas de acordo com o capital disponível, sua origem e as políticas locais específicas. Nesse sentido, o processo de modernização na cidade, nas primeiras décadas do século XX, apresentava uma grande sensibilidade impregnada de valores tradicionais, o que destoava da concepção de modernidade nos projetos de desenvolvimento da capital do ES.[69]

Por outro lado, as medidas modernizadoras implementadas, como a reforma da instrução pública, eram limitadas e ambíguas em Vitória, uma vez que se tratava "na época,

---

[66] SCHAYDER, 2002, p. 90.
[67] DERENZI, Luiz S. *Biografia de uma ilha.* Rio de Janeiro: Pongetti, 1965. p. 163.
[68] PALACIOS, Wanessa D. *A expansão dos espaços periféricos em Vitória durante o processo de urbanização em Vitória (1889-1930).* Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007. p. 173.
[69] PIRES, 2006, p. 96.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

de modernizar alguns elementos da vida pública, como a gestão do estado, sem modificar a estrutura mais larga dos privilégios da sociedade"[70]. Essa ambiguidade decorria do conservadorismo das lideranças políticas provenientes dos círculos da oligarquia cafeeira local.

Durante muito tempo, o Espírito Santo não recebeu investimentos em espaços educacionais públicos, tendo como únicas opções as instituições de ensino jesuítas. Esse cenário persistiu até um período de crescimento econômico mundial, apesar das crises no início do século XX, quando a demanda por mão de obra qualificada gerou um grande déficit no estado.[71]

Por fim, após mobilização de recursos e investimentos governamentais, privados e estrangeiros, a indústria começou a se desenvolver em Vitória. Entretanto, a demanda por emprego não foi suprida pela cidade, que não conseguiu absorver todo o excedente de mão de obra que buscava oportunidades principalmente no centro. Os grandes projetos de desenvolvimento se estabeleceram, sobretudo, na segunda metade do século XX, o que contribuiu para a formação de bolsões de ocupação desordenada da cidade e para a percepção de despreparo e insuficiência dos serviços públicos de saúde e educação, além da infraestrutura urbana existente. Essas condições levaram ao aumento dos índices de criminalidade, violência, mortalidade infantil e outras mazelas comuns na época.[72]

Os primeiros anos do século XX têm sido descritos pela historiografia como marcados por percepções contraditórias, em particular pela lenta transição entre a República Velha e a República Nova. "A classe operária, oriunda da crescente e marcante urbanização, atuou significativamente na condução da rede de protestos, expressando interesses diferentes das práticas políticas e econômicas que até então vinham sendo efetuadas"[73].

Durante o século XX, ocorreu um novo fluxo migratório no Espírito Santo impulsionado pelos grandes projetos de desenvolvimento que chegaram ao estado nas décadas de 60 e 70. A vinda de mão de obra nacional se tornou necessária, já que o estado não possuía pessoas com qualificação para serem absorvidas pelo mercado de trabalho. Isso resultou na formação de aglomerados urbanos, principalmente em cidades satélites como Serra, Vila Velha e Cariacica, uma vez que a capital abrigava um grande contingente populacional e seu espaço é bem menor que o do restante dos municípios. Como resultado, diversos bairros

[70] NEVES, 2004, p. 89.
[71] SIMÕES; SALIM, 2012, p. 15
[72] GOMES, Eduardo R. A modernização urbana do centro de Vitória: considerações preliminares sobre a geografia do passado de uma cidade. *Revista Geografares*, Vitória, n. 6, p. 73-87, 2008. p. 81.
[73] PIRES, 2006, p. 102.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

desses municípios foram compostos por conjuntos habitacionais criados para abrigar esses trabalhadores, sendo que alguns conjuntos foram financiados pelas próprias empresas que vieram desenvolver seus projetos no Estado.

No início do século XX, houve uma mudança significativa nas raízes econômicas do ES, passando da produção de açúcar para a monocultura do café. Esse incentivo aos produtores cafeeiros levou ao desenvolvimento econômico e demográfico da capital do estado, graças às indenizações pagas pelo governo. No entanto, essa mudança também trouxe desemprego e um desenvolvimento ainda insuficiente para atender às demandas por vagas de trabalho, o que dificultou a vida na capital e região circunvizinha.

Mesmo assim, é possível afirmar que a formação da sociedade capixaba esteve intrinsecamente relacionada às decisões governamentais sobre a economia, e somente após meio século é que a indústria passa a se configurar como uma possibilidade de prosperidade para a região central do ES e sua capital, sobretudo pela utilização de seus evidentes atributos logísticos.

1.3 O CONTEXTO RELIGIOSO CAPIXABA DO SÉCULO XX

No século XIX, o estado do ES foi profundamente moldado por uma série de influências religiosas que deixaram marcas duradouras em sua cultura, sociedade e desenvolvimento. Esse tópico aponta as principais correntes religiosas que desempenharam um papel significativo durante esse período, examinando como essas influências contribuíram para a formação da identidade do estado.[74]

O catolicismo desempenhou um papel crucial nas influências religiosas do ES no século XIX. Com a colonização do Brasil, o catolicismo romano foi introduzido pelos colonizadores portugueses e logo se estabeleceu como a religião predominante. A Igreja Católica exerceu uma forte influência sobre a vida das pessoas, moldando suas crenças, valores e rituais. As irmandades religiosas eram organizações fundamentais na vida religiosa do ES. Elas desempenhavam um papel vital na promoção da fé católica, além de serem importantes nas áreas de assistência social e caridade. Essas irmandades eram frequentemente associadas a santos padroeiros e promoviam festas e celebrações religiosas, criando um senso de comunidade entre os fiéis.[75]

[74] DADALTO, Maria C. Os rastros da diversidade da identidade capixaba. *Revistas Sinais*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 57-74, 2007. p. 69.
[75] NEVES, 2002, 34.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Além do catolicismo, o século XIX testemunhou a chegada e expansão das influências protestantes no ES. Diferentes correntes protestantes, como o metodismo e o presbiterianismo, ganharam espaço e trouxeram consigo novas perspectivas religiosas e sociais. Uma das principais contribuições das influências protestantes foi na área da educação. Muitas instituições educacionais foram fundadas por missionários protestantes, trazendo um foco renovado na educação formal e na alfabetização.

Com a presença de comunidades quilombolas e a prática de religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, o estado se tornou um caldeirão de tradições religiosas diversas.[76] O sincretismo religioso se manifestou de maneiras únicas no ES, resultando na interação entre elementos católicos e africanos em práticas religiosas. Isso levou à criação de novos rituais e festivais que incorporavam elementos de ambas as tradições, enriquecendo a cultura local.[77]

Dirce Ferreira e Cleonara Schwartz contextualizam suas análises dentro da história do ES, explorando o contexto colonial, o período imperial e o século XX. Eles destacam como diferentes correntes religiosas foram introduzidas e se desenvolveram ao longo dessas épocas, traçando um panorama abrangente das transformações religiosas na região. Uma das contribuições mais notáveis da obra é o enfoque nas dinâmicas locais.[78] Andrade e Schwartz dedicam atenção especial às práticas religiosas arraigadas na comunidade, como as irmandades religiosas e os festivais tradicionais. Eles examinam como as práticas católicas evoluíram, como as correntes protestantes ganharam espaço e como as religiões de matriz africana interagiram com as tradições locais. Essa análise cuidadosa proporciona insights sobre os fatores que impulsionaram as mudanças e a forma como as diferentes correntes coexistiram.[79] Outro ponto relevante abordado por Andrade e Schwartz é o impacto das influências religiosas na identidade cultural capixaba. Eles destacam como as crenças religiosas influenciaram as artes, a música, as festas populares e até mesmo o dia a dia das pessoas. Essa análise demonstra como a religião transcende o âmbito espiritual e se entrelaça com todos os aspectos da vida.[80]

As influências religiosas do século XIX moldaram profundamente o estado do ES, criando uma rica tapeçaria de crenças, práticas e tradições. A interação entre o catolicismo, as

[76] FERREIRA, Dirce N. A.; SCHWARTZ, Cleonara M. A religião católica na história da educação capixaba do século XIX: uma análise do regimento das escolas de primeiras letras de 1871. *Revista Ágora*, Vitória, n. 18, p. 21-39, 2013. p. 27.
[77] NEVES, 2004, 82.
[78] FERREIRA; SCHWARTZ, 2013, p. 31.
[79] FERREIRA; SCHWARTZ, 2013, p. 32.
[80] FERREIRA; SCHWARTZ, 2013, p. 32.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

influências protestantes e as práticas de matriz africana contribuíram para a diversidade cultural e religiosa que caracteriza o estado até os dias atuais. O entendimento dessas influências ajuda-nos a apreciar a complexidade da história do Espírito Santo e a riqueza de sua identidade cultural.[81]

Embora o catolicismo ainda tenha desempenhado um papel central no ES no século XX, este período testemunhou mudanças significativas na forma como a religião era praticada e percebida. Com o avanço da modernidade e a expansão das comunicações, os fiéis começaram a ser expostos a novas ideias e perspectivas.[82] Uma das mudanças mais notáveis foi à descentralização da prática religiosa. As igrejas locais ganharam maior autonomia e passaram a adotar abordagens mais adaptadas à realidade local. Isso resultou em uma maior diversidade de práticas e rituais, refletindo as diferentes necessidades e crenças das comunidades. O século XX também foi marcado pelo crescimento significativo das correntes evangélicas no ES, como a presbiteriana, luterana, batista e a metodista. Igrejas pentecostais e neopentecostais ganharam destaque, atraindo um número crescente de seguidores. De acordo com João Décio Passos:

> O pentecostalismo brasileiro eclode no século XX, espalha-se num processo de adaptação onde adquire formas e expressões muito variadas em sua história, embora conservem o paradigma original dos grupos holiness norte americanos, que legam sua característica de, propriamente, pentecostalismo no singular. Um fenômeno sociorreligioso que tem rompido com os antigos invólucros denominacionais, quase sempre fechados, e conquistado visibilidade social, poder econômico e força política. Este percurso histórico do paradigma pentecostal foi marcado por dinâmicas de conservação, transformação, e adaptação nos contextos em que se inseriu, de forma que podemos perceber um novo campo religioso. Os velhos territórios vão se adequando dialeticamente dentro da cultura moderna, no esforço de preservação e expansão da identidade cristã, em uma sociedade sempre mais secularizada, sobretudo em suas estruturas e papeis.[83]

Décio Passos mostra como o pentecostalismo se adaptou ao solo brasileiro, transformando o Brasil no país com maior número de pentecostais, transformando profundamente o perfil religioso do país e (re)configurando a sociedade. No próximo capítulo busca-se apontar a metodologia da história oral e sua relevância para a área das Ciências das Religiões. Sua principal finalidade é criar fontes históricas através de entrevistas gravadas com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e

[81] FERREIRA; SCHWARTZ, 2013, p. 33-34.
[82] FERREIRA, Herberth G. *Religião na esfera pública*: os desafios do debate entre fé e razão de Habermas. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2014. p. 41.
[83] PASSOS, 2005, p. 11.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

modos de vida da história recente. Essa metodologia leva em consideração questões importante que fazem parte da narração, tais como: memória, narrativa e identidade.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

2 HISTÓRIA ORAL

Existe um debate no mundo acadêmico sobre se a história oral é uma técnica de pesquisa, uma disciplina ou uma metodologia. No entanto, o objetivo desta pesquisa não é aprofundar essa discussão, mas sim apresentar a história oral como um recurso metodológico, capaz de orientar e sistematizar a busca por respostas aos problemas de pesquisa definidos a partir de um referencial teórico. A história oral utiliza a oralidade como fonte de conhecimento histórico e valoriza a prática de entrevistas com indivíduos que presenciaram ou participaram de fatos ou momentos históricos. Dessa forma, ela aproxima o pesquisador/a do objeto de estudo, permitindo uma compreensão mais aprofundada e rica do contexto histórico em questão.[84] De forma mais assertiva:

> A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador de fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido. Portanto, trata-se, pois, de metodologia interdisciplinar por excelência.[85]

A utilização da história oral se beneficia do uso de ferramentas teóricas de diversas disciplinas das ciências humanas, tais como história, antropologia, literatura, sociologia e psicologia. Além disso, essa abordagem tem sido empregada em diferentes áreas do conhecimento, incluindo educação, direito, administração, enfermagem, serviço social, música e teatro, entre outras. Sua ampla utilização se deve à sua capacidade de produzir com riqueza detalhes e oferecer uma oportunidade única de (re) construir a história na linguagem do narrador/a, cumprindo assim um importante papel social.

Dentre os estudiosos que defendem a história oral como metodologia, destacam-se nomes como Alessandro Portelli, Daniele Voldman, Giovanni Levi, Henry Rousso, Pierre Bourdieu, René Rémond, Roger Chartier, Luisa Passerini, Marieta de Moraes Ferreira, Verena Alberti e Janaína Amado, entre outros. Quando utilizada como metodologia, a história oral pode ser classificada em três áreas principais: história oral de vida, tradição oral e história oral temática.[86]

---

[84] MOREIRA, Almerinda; BARBOSA, Lana M. A.; CUNHA, Suzana C. V. História oral como método de pesquisa: possibilidades para a pesquisa em enfermagem. *Revista Enfermagem Brasil*, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 249-253, 2014. p. 251.
[85] PINSKY, 2021, p. 155.
[86] MOREIRA; BARBOSA; CUNHA, 2014, p. 251.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

De acordo com Samantha C. Branco, a primeira modalidade da história oral, a história oral de vida, permite que o narrador/a fale livremente e relate suas experiências pessoais, sem muita contestação do pesquisador/a. Essa modalidade busca reconstruir os acontecimentos que o narrador/a vivenciou ao longo do tempo e transmitir a experiência que adquiriu.[87] Já na tradição oral, segundo Meihy, o objetivo é compreender a visão de mundo de comunidades e grupos sociais, cujos valores são filtrados por estruturas mentais asseguradas em exemplos do passado remoto, pelo folclore, mitos e pela transmissão oral de geração em geração.[88] Na história oral temática, por sua vez, busca-se a narrativa do entrevistado/a sobre um evento específico previamente definido. A presente pesquisa se enquadra na modalidade da história oral temática, que visa esclarecer a opinião do entrevistado/a sobre o pentecostalismo capixaba. Nesse caso, os detalhes da vida do narrador/a e suas experiências pessoais são relevantes apenas na medida em que revelam aspectos relacionados à temática central.[89] Para uma melhor compreensão desses tipos de história oral, algumas de suas características foram listadas no quadro abaixo.[90]

Quadro 2. História oral - tipos[91]

História Oral – Tipos

História Oral de Vida	História Oral Temática	Tradição Oral
- Sujeito primordial: depoente (narrador). - Valorização do relato ou da versão apresentada pelo narrador. - A entrevista é realizada com base em tópicos ou perguntas amplas, de forma a permitir a abordagem de experiências pessoais do entrevistado, segundo a sua vontade. - O pesquisador/entrevistador não contesta a narrativa.	- A atuação do pesquisador/entrevistador é mais explícita e fica evidenciada na pesquisa. - O pesquisador tem um papel ativo, inclusive sendo a ele possibilitada a contestação. - A entrevista é utilizada pelo pesquisador mais como um documento para a busca de esclarecimentos acerca de uma temática central, previamente selecionada. - Centra-se em um assunto específico e preestabelecido, objetivando-se narrativa do entrevistado vinculada a esse acontecimento. - Detalhes da vida pessoal do narrador adquirem interesse apenas se vinculados à temática central.	- Tem como ênfase a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto. - Perpassa questões que se manifestam pelo folclore e pela transmissão geracional. - A narrativa do entrevistado adquire caráter mais coletivo que individual. - A entrevista deve ser realizada com pessoas que sejam depositárias das tradições de tribos, comunidades, clãs ou outros grupos.

Fonte: Adaptado de Meihy (2002).

[87] BRANCO, Samantha C. História oral: reflexões sobre aplicações e implicações. *Revista Novos Rumos Sociológicos*, São Paulo, v. 8, n. 13, p. 1-14, 2020. p. 12.
[88] MEIHY, José C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. *História oral:* como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2020. p. 86.
[89] BRANCO, 2020, p. 12.
[90] BRANCO, 2020, p. 13.
[91] Adaptado de: MEIHY; HOLANDA, 2020, p. 23.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

É relevante enfatizar que a história oral oferece a vantagem de coletar sentimentos, ações e informações valiosas para a área histórica. É um método apropriado para visualizar várias perspectivas de um evento histórico, ou seja, a representação dos fatos com base nos valores históricos do entrevistado/a, do pesquisador/a e do leitor. Em suma, é mais do que uma técnica e menos do que uma disciplina. Com o aumento do uso da história oral em pesquisas quantitativas, este capítulo tem como objetivo apresentar esse método no campo das Ciências das Religiões, contribuindo como referência para futuros estudos sobre a temática aqui discutida. O primeiro tópico busca reabilitar a oralidade como fonte histórica; o segundo tópico apresenta as definições, aplicações e implicações da história oral; No terceiro tópico, aponta-se algumas especificidades e pressupostos do trabalho de campo com história oral, sobretudo, com grupos religiosos.

2.1 A ORALIDADE COMO FONTE DE CONHECIMENTO HISTÓRICO

O uso de fontes é fundamental para a pesquisa histórica, pois elas são as principais evidências que levam à construção de teses, teorias e interpretações acerca de determinados eventos históricos. Sem fontes confiáveis e um trabalho metodológico adequado sobre elas, não é possível realizar uma pesquisa histórica significativa. Na ausência de fontes, não se inicia sequer uma operação historiográfica autêntica, e tudo o que pode ser feito é referir-se indiretamente ao que outros historiadores já disseram sobre o tema. A importância das fontes para pesquisa histórica é inegável e fundamental.[92]

Barros considera as fontes históricas como uma espécie de máquina do tempo, já que sem elas não é possível acessar o passado. As fontes possibilitam ao historiador viajar até tempos passados para compreender as "sociedades que já desapareceram ou que se transmutaram – ou, mais ainda, com processos que já se extinguiram ou que fluíram através de transformações que terminaram por atravessar os tempos até chegar ao presente produzindo novos efeitos"[93]. Portanto, as fontes históricas são, em essência, resíduos, vestígios, discursos e materiais de diversos tipos provenientes do passado que foram preservados até os dias atuais. Nas palavras de José Barros:

> Fonte histórica é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferências, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente. As fontes históricas são as marcas da história no tempo. Quando um

[92] BARROS, 2020, p. 2.
[93] BARROS, 2020, p. 2.

> indivíduo escreve um texto, ou retorce um galho de árvore de modo a que este sirva de sinalização aos caminhantes certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente à sua volta – em todos estes momentos, e em muitos outros, os homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural.[94]

Existem vários tipos de fontes históricas, incluindo documentos escritos, como cartas, crônicas, ofícios, diários e relatos; fontes arqueológicas, como objetos de cerâmica, construções e estátuas; fontes imagéticas, como quadros, pinturas e fotografias; e fontes sonoras, como narrativas orais, filmes e músicas, entre outras. É importante ressaltar que a oralidade é uma fonte histórica tão antiga quanto a própria história e não é menos ou mais importante do que as outras fontes.[95]

Entretanto, a história oral e a história do tempo presente não foram sempre consideradas problemáticas e como uma prática nova na pesquisa histórica. Tanto Heródoto quanto Tucídides[96] consideravam as testemunhas oculares como fontes privilegiadas, já que com os instrumentos analíticos de seu tempo, eles viam na subjetividade e na memória um meio para construção do conhecimento histórico, sem interdição aos estudos de fatos recentes. Embora Tucídides fosse um pouco mais cauteloso do que Heródoto ao trabalhar com fontes orais, ele não as desprezava, mas cruzava as informações orais com outras fontes.[97] Portanto, a história oral é tão antiga quanto à própria história, sendo a primeira espécie de história.

A problemática em relação à história oral como fonte histórica surgiu no contexto da consolidação da história como disciplina acadêmica no século XIX. Foi nesse período que se estabeleceram parâmetros metodológicos mais rígidos, baseados em critérios cientificistas que priorizavam a investigação da autenticidade documental. Nessa concepção predominante na historiografia, a comparação entre documentos era vista como a forma mais precisa de reconstruir os eventos do passado.[98]

A divisão entre passado e presente surgiu como uma forma de distinguir os historiadores profissionais dos amadores no século XIX. Esses profissionais eram, em sua maioria, especializados na antiguidade e na Idade Média, período que exigia um conjunto de procedimentos eruditos para o seu estudo. A ênfase na valorização do passado distante e o desprezo pelo passado recente ou inacabado levou à desqualificação do testemunho direto

[94] BARROS, José A. *Fontes históricas:* introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 15.
[95] BARROS, 2019, p. 15.
[96] O historiador grego Tucídides transpõe para a linguagem escrita os relatos da guerra do Peloponeso, representando um dos primeiros e mais notáveis exemplos da importância do registro das tradições e histórias passadas de geração para geração.
[97] FERREIRA, Marieta M. História do tempo presente: desafios. *Revista Cultura vozes*, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 1-18, 2000. p. 1.
[98] PINSKY, 2021, p. 11.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

como uma contribuição teórico-metodológica para a pesquisa histórica.[99] Segundo Marieta Ferreira:

> Ao valorizar o estudo das estruturas, dos processos de longa duração, a nova história atribuiu às fontes seriais e às técnicas de quantificação uma importância fundamental. Em contrapartida, ao desvalorizar a análise do papel do indivíduo, das conjunturas, dos aspectos culturais e políticos, também desqualificou o uso dos relatos pessoais, das histórias de vida, das autobiografias. Condenava-se a sua subjetividade, levantavam-se dúvidas sobre as visões distorcidas que apresentavam, enfatizava-se a dificuldade de se obter relatos fidedignos. Alegava-se também que os testemunhos não podiam ser considerados representativos de uma época ou de um grupo, pois a experiência individual expressava uma visão particular que não permitia generalizações. Não é preciso dizer que os historiadores identificados com a tradição de annales excluíram a possibilidade de valorização dos testemunhos.[100]

Dessa forma, "os documentos escritos receberam uma áurea de sacralidade, de intangibilidade, pelos paradigmas cientificistas: através deles, o passado seria reconstruído em sua totalidade"[101]. Antes, era comum entre os historiadores a ideia de que era necessário "provar" tudo o que afirmavam por meio de documentos. No entanto, com o tempo, essa ideia foi substituída pela necessidade de "demonstrar" tudo o que se afirma. Essa mudança de abordagem é sutil, mas muito significativa para as novas posturas historiográficas.[102]

Segundo Fiorucci, nas ciências humanas é necessário adotar uma abordagem específica que esteja adequada ao objeto de estudo. Para os historiadores, a função é interpretar e argumentar racionalmente, e não consolidar verdades. Isso significa que a história não deve ser vista como uma busca por objetividade científica, mas sim como uma busca pela honestidade transubjetiva, ou seja, é a tentativa de se chegar o mais próximo possível da verdade.[103] É muito ingênuo pensar que existe uma única verdadeira história, mas é possível afirmar que existe uma percepção verdadeira do real. Em resumo, a história é sempre uma construção humana.

De acordo com Barros, "historiadores franceses e ingleses, em meados do século XX, propuseram uma nova história, livre de cânones rígidos, em que a história do presente, do cotidiano e da experiência individual adquirisse significativa importância".[104] A prática convencional de escrever história, que se baseava em simplesmente descrever os eventos, apresentar fatos em sequência e fornecer informações, foi gradualmente substituída por uma

[99] FERREIRA, 2000, p. 3.
[100] FERREIRA, 2000, p. 6.
[101] PICOLI, Bruno A. História, memória e oralidade. *Mnemosine Revista*, Campina Grande, v. 1, n. 1, p. 168-184, 2010. p. 168.
[102] BARROS, 2020, p. 9.
[103] FIORUCCI, Rodolfo. Considerações acerca da história do tempo presente. *Espaço Acadêmico*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 109-123, 2011. p. 116.
[104] BARROS, 2020, p. 9.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

abordagem que se concentra em elaborar interpretações dos processos históricos, levantar hipóteses, conduzir análises críticas e questionar o conhecimento histórico existente. Segundo Barros:

> Desde já, é oportuno ressaltar que a ampliação documental – ou a crescente multidiversificação das fontes históricas – foi uma conquista gradual dos historiadores. Verificou-se, mais intensamente, à medida que a historiografia expandia seus limites no decurso do século XX. O historiador moderno, contribuindo para uma incessante renovação do seu próprio saber, adotaria no mundo contemporâneo novas perspectivas, passaria a dispor de novos métodos e a contar com o diálogo e intercurso de outras disciplinas como a Geografia, Linguística e a Psicologia. Tudo isto e mais o interesse por novos objetos, até então negligenciados pela História tradicional, fez com que a historiografia contemporânea se encaminhasse para necessitar cada vez mais de outros tipos de fontes que não só as tradicionais crônicas e os habituais registros arquivísticos.[105]

Isto é, as novas abordagens historiográficas romperam com a abordagem exclusivamente empírica dos registros escritos e valorizaram a fonte oral como uma das primeiras fontes históricas. Com o avanço tecnológico e as novas urgências teóricas, percebeu-se o valor da oralidade para a pesquisa em história e outras ciências.[106] Esse novo quadro só foi possível a partir de uma nova concepção do que é considerada uma fonte e de uma nova configuração social, resultando no retorno da oralidade como fonte de conhecimento.

As novas abordagens históricas têm o potencial de modificar, enriquecer e subverter os setores tradicionais da História. O desenvolvimento da metodologia e a maneira de lidar com o objeto de estudo possibilitaram ao historiador expandir seus horizontes epistemológicos e dialogar com novas disciplinas. Isso abriu novas possibilidades para a atuação do historiador no presente, anteriormente restrita a jornalistas, antropólogos e psicólogos. A oralidade como fonte de conhecimento histórico ganhou mais espaço entre os historiadores e no campo historiográfico em geral. Nesse sentido, a história oral é um recurso metodológico valioso para produzir e registrar narrativas por meio do diálogo entre o narrador/a e o entrevistador/a.[107] Isso permite uma nova interpretação da história e novas produções historiográficas, alterando o enfoque da história e revelando novos campos de investigação. Edward Palmer Thompson, um historiador marxista britânico, é um importante nome na historiografia da história oral. Juntamente de outros historiadores como Rodney Hilton, Dorothy Thompson, Cristopher Hill e Eric Hobsbawm, ele procurou romper com a

[105] BARROS, 2020, p. 9.
[106] É importante ressaltar que as entrevistas em História oral posteriormente são convergidas em documentos, seja por intermédio da gravação ou transcrição.
[107] ALBERTI, Verena. *Ouvir contar, textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 16.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

forma tradicional de fazer história que considerava somente documentos escritos e achados arqueológicos como fontes confiáveis.[108]

Os historiadores racionalistas franceses entendiam que o período anterior à escrita era uma pré-história, ou seja, história antes da história, o que sugere que, para eles, não existia história antes da escrita ou que a escrita marcou o início da história da humanidade. No entanto, essa perspectiva foi um equívoco, uma vez que a história é simplesmente a ciência que estuda a humanidade no tempo e a escrita é apenas uma das diversas fontes utilizadas pelos historiadores para entender o passado. Ou seja, "sem o reconhecimento da oralidade como fonte, toda produção humana anterior aos códigos escritos é desprovida de história, e, portanto, não tem valor histórico, independentemente de suas fontes constituidoras"[109].

Durante a pré-história, a oralidade era o principal meio da comunicação e grande parte do conhecimento era transmitida oralmente de geração em geração. O linguista Marcuschi, em seu livro "Da fala para a escrita", trata a linguagem oral e escrita de forma não dicotômica. Segundo ele, a abordagem dicotômica levou à criação do mito da superioridade cognitiva da escrita e à ideia de que as sociedades letradas eram superiores às sociedades de cultura e tradição oral.[110]

A riqueza da oralidade está presente em sua capacidade de transmitir não apenas informações, mas também narrativas, memórias coletivas, subjetividades, intersubjetividades, identidades e experiências. Por isso, "não há dúvida de que a possibilidade de registrar a vivência de grupos cujas histórias dificilmente eram estudadas representou um avanço para as disciplinas das ciências humanas"[111].

> A oralidade como fonte histórica possibilita revelar outros campos para a pesquisa e apresentar novas e múltiplas versões para a história, a partir das memórias dos entrevistados/as. Com ela é possível coletar informações e reconstruir aspectos que não se encontram em outros tipos de documentos, como experiências pessoais, impressões, estabelecendo evidencias com o cruzamento entre as memórias e outras fontes. A partir da história oral não se chega somente a história de um acontecimento, mas também a história da memória daquele acontecimento.[112]

A abordagem que valoriza a oralidade abriu um novo caminho para os testemunhos diretos e desmistificou a concepção ultrapassada que enxergava na memória dos sujeitos

[108] MARTINELLI, Maria L.; LIMA, N. C. História oral: o exercício democrático da palavra. *In:* MARTINELLI, M. L.; DINIZ; Rodrigo; MONTEIRO, Amor A.; SANTOS, Neusa C. (orgs.). *A história oral na pesquisa em Serviço Social:* da palavra ao texto. São Paulo: Cortez, 2019. p. 27-37.
[109] XAVIER, Antônio R. História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. *Revista Pemo*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-14, 2020. p. 7.
[110] MARCUSCHI, Luiz A. *Da fala para a escrita:* atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 25.
[111] PINSKY, 2021, p. 158.
[112] ALBERTI, 2004, p. 27.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

parcialidades, distorções e interesses políticos, levando à desqualificação da oralidade pelos historiadores positivistas. Atualmente, a oralidade é vista como uma fonte adicional e imprescindível à pesquisa, rica em detalhes e necessária para a compreensão dos processos históricos recentes.

2.2 HISTÓRIA ORAL: DEFINIÇÕES E POSSIBILIDADES

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

A história oral moderna surgiu após a Segunda Guerra Mundial, quando o professor Allan Nevis lançou *The Oral History Project* na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, em 1948. Esse desenvolvimento ocorreu devido à combinação do avanço tecnológico com a necessidade de investigar as experiências vividas por combatentes, familiares e vítimas dos conflitos. Com o surgimento do gravador, as entrevistas se tornaram essenciais para a captação desses acontecimentos e para a construção de uma história mais rica em detalhes e perspectivas.[113] Vale destacar, entretanto, que "o que define entrevistas como história oral é a exigência de um projeto atento a estabelecer o uso do oral vertido para o escrito em textos que servirão para registro, arquivamento e/ou uso analítico"[114].

Foi apenas em 1970 que a metodologia da história oral se tornou uma prática comum no meio acadêmico. No Brasil, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas criou, em 1970, o Programa de história Oral. No entanto, foi somente a partir dos anos 90 que essa abordagem começou a se expandir significativamente, com a criação da Associação Brasileira de história Oral (ABHO), que promove encontros nacionais e publica uma revista para estimular a discussão entre pesquisadores e praticantes da metodologia em todo o país. Ao longo do tempo, essa metodologia foi sendo incorporada em diversas áreas do conhecimento, incluindo a história, a antropologia e a sociologia.[115] Para Ferreira e Amado, "a multiplicação de seminários e a incorporação pelos programas de pós-graduação em história e de cursos voltados para a discussão da história oral, são indicativos importantes para a vitalidade e dinamismo da área"[116]. Para Ferreira e Amado:

> Com o passar do tempo à história oral se democratizou e passou a pesquisar os mais diversos temas, mas com forte tendência ao estudo dos que estavam (ou ainda estão) à margem da sociedade: mulheres, negros, homossexuais, lésbicas, transgêneros,

[113] MEIHY, José C. S. B. *Manual de História oral.* São Paulo: Loyola, 1996. p. 78.
[114] MEIHY; HOLANDA, 2020, p. 91.
[115] MEIHY; HOLANDA, 2020, p. 91.
[116] FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 2.

> operários e comunidades minoritárias tradicionais. A partir dos anos 1990, diferentemente da década anterior, os pesquisadores que trabalham com a metodologia, que eram em sua maioria cientistas sociais, passaram a serem os historiadores.[117]

A partir do consenso entre pesquisadores, tornou-se evidente que a dinâmica da sociedade, a aceleração do tempo, as transformações constantes, a perda de sentido e identidade, demandaram o retorno à narrativa como forma de compreensão do mundo.[118] Desde então, a metodologia da história oral tem contribuído para a transformação da prática científica, que frequentemente se desliga de seu entorno e dos sujeitos sociais envolvidos.[119] Em oposição à história positivista do século XIX, a história oral se tornou uma "contra-história" por sua capacidade de incorporar o local e o comunitário, em oposição à história nacional ou da civilização e do progresso, que frequentemente reproduzia a história das elites e dos vencedores, deixando de lado a história dos excluídos e marginalizados.[120]

Durante muito tempo, a fonte escrita foi considerada a única forma imparcial e imóvel de registrar o passado, o que acabou relegando a oralidade a um estado de marginalidade no meio acadêmico. As entrevistas, por exemplo, eram vistas apenas como um recurso para jornalistas e áreas afins, utilizadas somente para captar o momento presente de forma imediata, sem levar em conta o contexto e os processos históricos dos grupos estudados. No entanto, a incorporação da oralidade em projetos de história oral ajuda a compreender como os sujeitos, por meio de suas narrativas e interpretações do mundo, constroem significados por meio da linguagem. Valorizar a importância da oralidade na pesquisa implica reconhecer todo o universo simbólico de tradições presentes nas manifestações humanas.[121] Meihy, pioneiro da história oral no Brasil, apresenta a seguinte definição sobre essa metodologia de pesquisa:

> É um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definições de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.[122]

[117] FERREIRA; AMADO, 2006, p. 2.
[118] PICOLI, 2010, p. 171.
[119] MEIHY, HOLANDA, 2020, p. 84.
[120] PINSKY, 2021, p. 157-158.
[121] CANABARRO, Ivo S.; MOSER, Liliam M.; ERNESTO, Eduardo S. História, memória e identidade: refletindo sobre a oralidade como aporte para a leitura de uma cultura. *Memória em rede*, São Paulo, v. 10, n. 18, p. 112-127, 2018. p. 126.
[122] MEIHY José C. S. B.; SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e narrativas:* história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020. p. 27.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

A expressão história oral é comumente usada para descrever o uso de fontes orais na pesquisa histórica. Assim como outras fontes, as fontes orais também devem ser examinadas criticamente para avaliar sua confiabilidade e utilidade.[123] No entanto, a história oral não deve ser vista como um meio de tampar buraco na ausência de fontes escritas, não se trata de uma fonte alternativa ou algo do tipo. Em vez disso, considerar as narrativas por si mesmas é uma abordagem saudável para a história oral.[124] As fontes escritas e orais não são mutuamente exclusivas, mas sim complementares. É importante ter em mente que há informações que não podem ser obtidas apenas a partir de documentos escritos, e há informações que não podem ser obtidas por meio da pesquisa oral.[125] Por isso, é crucial cruzar e confrontar informações, complementando-as com um senso crítico e metodologias apropriadas.

As fontes não devem ser consideradas como um fim em si mesmas, mas sim como um meio para iluminar o nosso olhar sobre o passado, contribuindo para a discussão e, talvez, para a solução de problemas contemporâneos. A história oral pode ser definida como o gênero de discurso em que a palavra oral e a escrita se desenvolvem em conjunto, permitindo que cada uma fale sobre o passado para a outra.[126] Martinelli e Lima ressaltam que a pesquisa não deve ser baseada em uma única fonte. A fonte oral é um elemento adicional que o pesquisador/a utiliza e que possibilita a construção do texto de sua pesquisa, visando aos objetivos estabelecidos. De acordo com Martinelli e Lima:

> É um momento muito criativo, um verdadeiro artesanato intelectual, em que o pesquisador deverá tecer uma teia densamente tecida com os fios da narrativa, já devidamente transcrita, com os fios da teoria e com os fios de sua experiência, enriquecida agora com o conjunto das experiências dos sujeitos, com a polifonia de múltiplas vozes.[127]

Ao contrário das fontes históricas convencionais, as fontes orais não são encontradas, mas sim produzidas no encontro entre entrevistador e entrevistado. Tal relação não é hierárquica e nem de mera transmissão de informações, mas sim de colaboração mútua na reconstrução e memória do passado. história oral não é apenas história do passado, mas também do presente em constante mudança. A ideia positivista de distanciamento absoluto do objeto de estudo na análise histórica é uma utopia. Em vez disso, valoriza-se a proximidade e

[123] PORTELI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 9.
[124] MEIHY; HOLANDA, 2020, p. 25.
[125] MATOS, Júlia S.; SENNA, Adriana K. *História oral como fonte*: problemas e métodos. *Revista Historiae*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. p. 96.
[126] PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 22, p. 9-36, 2001. p. 13.
[127] MARTINELLI; LIMA, 2019, p. 6.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

a relação colaborativa entre os sujeitos envolvidos na pesquisa, tanto para a compreensão do passado quanto para reflexão sobre o presente. Na análise de Ferreira:

> O pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Assim, a falta de distância, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental, que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história.[128]

Essa forma de produção do conhecimento histórico possui uma característica singular, que consiste em dar voz e ouvir aqueles que normalmente são silenciados. Essa metodologia de pesquisa tem como objetivo capturar e documentar as histórias dos sujeitos que foram excluídos das narrativas oficiais e integrá-los à história.[129] Como disse Portelli, "o respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo é, portanto, uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo na história oral".[130] Ao entrevistar um grupo que normalmente não tem voz na sociedade, documentar suas histórias e publicá-las, essa metodologia de pesquisa revela um caráter empoderador.

Nessa metodologia de pesquisa, o protagonista não é o entrevistador/a, mas sim o próprio narrador/a. O papel do historiador é o de escutar e, com ferramentas analíticas, transformar a narrativa oral em conhecimento histórico. O pesquisador/a desempenha um papel social importante ao cooperar para a divulgação da identidade de grupos que frequentemente são marginalizados, reconhecendo que as trajetórias individuais e coletivas, bem como as suas especificidades, merecem ser ouvidas, conhecidas e respeitadas. "A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construídas por elas mesmas"[131].

A história oral valoriza o sujeito e o diálogo, não sendo um trabalho solitário, mas sim um projeto em que o conhecimento emerge da colaboração, do saber ouvir e da democracia. É construída de forma aberta, livre e criativa, sendo um exercício democrático da palavra. A documentação viva, a subjetividade, a narrativa e a memória são usadas para expor o material que será analisado e elaborado para produzir o resultado. E o mais importante, como afirmou Meihy, é que esse resultado seja devolvido ao grupo entrevistado/a. Quem se compromete com a história oral deve ter consciência de que o conhecimento não deve ficar restrito à

[128] FERREIRA, 2000, p. 10.
[129] ALVES, Maria C. S. O. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. *In*: SEMANA DE HISTÓRIA DO PONTAL E ENCONTRO DE ENSINO DE HISTÓRIA, IV, 2016, Ituiutaba. *Anais*... Uberlândia: UFU, 2016. p. 1-9. [pdf]. p. 3.
[130] MEIHY; HOLANDA, 2020, p. 58.
[131] THOMPSOM, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. 337.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

academia, mas deve promover a aproximação, o diálogo, a igualdade e a justiça. Dessa forma, fica evidente a importância da história oral e o seu papel na reflexão sobre as modalidades e mecanismos para a inclusão de grupos marginalizados na sociedade. De acordo com Martinelli e Lima:

> Cabe destacar, também, o crescimento que a história oral teve nas últimas décadas, expandindo-se pelos diferentes quadrantes do mundo, permitindo que os pesquisadores se organizassem em associações nacionais e internacionais e se inserissem de maneira expressiva no contexto acadêmico. Embora tenhamos ainda um caminho a percorrer no que se refere à questão dos fundamentos teóricos da metodologia da história oral e de seu alcance enquanto pesquisa científica é importante ressaltar que este é um modo de pesquisar que nos coloca muito próximos dos sujeitos históricos em suas práticas cotidianas, oportunizando-nos conhecer a mais rica das possibilidades humanas, a sua experiência social, o seu modo de esquecer, de lembrar, de narrar, de denunciar, de se fazer presente, enfim, na tessitura da história. Há uma dimensão política na história oral que deve ser permanentemente valorizada. É precisamente um método para contestar, para dizer não à ideologia hegemônica, deixando claro que sempre houve uma participação popular nos acontecimentos históricos. A história não se faz por si só, somos nós que a fazemos com nossas próprias histórias, com nossas lutas políticas e sociais, pois somos realidade e somos palavra. Nossas principais ferramentas, a memória e a linguagem, são valiosas para romper com os silêncios da história oficial, para desafiar as ideologias dominantes, para alimentar as lutas por igualdade e para manter sempre vivo e renovado o diálogo, através do exercício democrático da palavra![132]

Sendo assim, a história oral permite que pessoas que não têm a oportunidade de protagonizar histórias possam ter suas vozes ouvidas, rompendo com o silenciamento ao qual são relegadas pela história oficial dos poderosos, que impõem suas versões por meio da palavra escrita. No entanto, a história oral não deve ser entendida como uma metodologia militante e partidária. Não é função do pesquisador/a ser um ativista político em seu trabalho científico. A história oral também não é uma história vista de baixo, militante ou das minorias. Essas polarizações do tipo "história vista de cima versus história vista de baixo" contribuem para diluir a especificidade e relevância científica da história oral. Portanto, a História oral não deve ser vista apenas como uma compensação para a incapacidade dos grupos de escreverem sobre si mesmos.[133]

2.3 ALGUMAS ESPECIFICIDADES DO TRABALHO COM HISTÓRIA ORAL

Conforme mencionado anteriormente, a história oral também é uma História do tempo presente, pois se trata de um passado inacabado, de processos históricos em movimento e de

[132] MARTINELLI; LIMA, 2019, p. 11.
[133] PINSKY, 2005, p. 157.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

um presente em constante transformação. Essas histórias são marcadas por tensões e repercussões de curto prazo, uma simbiose entre memória e história, com pessoas ainda vivas e ativas, muitas vezes envolvidas nos processos de transformação em curso.[134] Nesse sentido, o pesquisador/a que trabalha com um recorte temporal recente não realiza um trabalho solitário, como aqueles que estudam períodos mais antigos. Ele não se limita apenas a ler livros, mas deve também saber ouvir as narrativas orais com instrumentos teóricos adequados, contextualizá-las, interpretá-las e devolver a pesquisa ao grupo entrevistado. Ou seja, trata-se de um processo colaborativo em que ambas as partes contribuem para a construção do conhecimento histórico. Segundo Ferreira e Delgado:

> A História oral tem possibilitado o registro de inúmeras narrativas, que são importantes construções memoriais, individuais e coletivas. São diferentes sujeitos e testemunhas da história que, estimulados por historiadores e profissionais de áreas afins à História, relatam suas experiências de vida, as quais se convertem em documentos passíveis de crítica e análise. Em outras palavras, narrativas e testemunhos são identificados como registros relevantes – como documentos – que podem contribuir para um melhor embasamento da história do tempo presente.[135]

Nem todas as entrevistas podem ser consideradas trabalhos de história oral. Embora as entrevistas sejam uma fonte de informação valiosa para entender o passado, espera-se que o pesquisador/a tenha métodos rigorosos, racionalidade e um compromisso científico. Além disso, uma fonte histórica não se torna uma pista para a pesquisa histórica se o pesquisador/a não tiver um problema a ser explorado. Não é suficiente ter apenas uma fonte ou uma ideia na cabeça para construir uma história. É necessário que haja um entrelaçamento entre a fonte e o problema para que se estabeleça a historiografia científica.[136]

As entrevistas realizadas para a história oral são capazes de revelar o papel fundamental da linguagem em fixar imagens que se referem e que dão significado à experiência. “As histórias dentro da entrevista são o maior tesouro dessa metodologia de pesquisa porque nelas de condensam esteticamente enunciados carregado e de sentido”[137]. Para transformar as fontes orais em história é necessário ter um domínio sólido das bases epistemológicas, pois a história oral é um processo planejado e decorrente de um projeto bem elaborado.[138] Nada é espontâneo e improvisado: tudo é planejado, medido e orientado por

[134] FERREIRA, Marieta M.; DELGADO, Lucília A. N. História do tempo presente e ensino de história. *Revista História Hoje*, Vitória, v. 2, n. 4, p. 18-33, 2013. p. 25.
[135] FERREIRA; DELGADO, 2013, p. 28.
[136] BARROS, 2020, p. 10.
[137] ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. Contribuições da história oral à pesquisa organizacional. *In:* SILVA, A. B.; GODOI, C. K.; MELLO, R. B. (orgs.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais:* paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 185-209.
[138] FERREIRA; DELGADO, 2013, p. 29.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

indicações de passos ordenados e comunicantes.[139] Dessa forma, é fundamental ter um projeto bem estruturado e elaborado para se realizar entrevistas planejadas e obter resultados confiáveis em história oral. Entrevistas soltas ou realizadas para outros fins não constituem história oral, sendo fundamental o compromisso com a metodologia e o rigor científico.

A realização da história oral não segue uma única forma, apesar de manuais sobre o tema terem sido produzidas. O entrevistador/a é visto como um "parteiro de lembranças", alguém que media e facilita o processo de resgate das memórias.[140] É importante respeitar e transcrever a fala do entrevistado/a tal como ela foi dita, e é essencial destacar que o entrevistado/a não tem a obrigação de atender às expectativas teóricas ou metodológicas da pesquisa em andamento. É responsabilidade do pesquisador/a ter conhecimento prévio sobre o objeto de estudo, respaldado por uma variedade de fontes, a fim de compreender melhor a fala do entrevistado/a. Portanto, a habilidade de ouvir é uma das principais características de quem utiliza essa metodologia.[141]

No processo de desenvolvimento da história oral como campo de estudo, a narrativa e a dimensão linguística têm sido amplamente estudadas. A narrativa é uma base fundamental dessa metodologia, sendo essencial que o pesquisador/a se aprofunde nela, acompanhando o processo de atribuição de significados e reconstrução a partir da perspectiva do entrevistado/a.[142]

Ao narrar suas vivências, o entrevistado/a realiza um processo de seleção e organização dos eventos, moldando-os de acordo com seus referenciais no presente e atribuindo-lhes significados através da linguagem. Segundo Alberti, "a ideia da linguagem como ação confere a ela um estatuto de produtora de realidade".[143] Isso significa que a narração é um ato criativo que envolve mundos, simbolismos e realidades. Quando o entrevistado/a conta suas experiências, ele seleciona e organiza os acontecimentos com base em seus referenciais no tempo presente, criando uma versão atualizada do passado. É importante que o pesquisador/a não tente documentar e oficializar uma única versão, mas sim conhecer as diferentes versões, a fim de captar o que é factual e o senso de identidade da pessoa pertencente ao grupo estudado. Dessa forma, novas possibilidades e caminhos na

[139] MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 33.
[140] MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 113.
[141] ICHIKAWA; SANTOS, 2006, p. 201.
[142] MARTINELI; LIMA, 2019, p. 5.
[143] ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. *In:* SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), XXII, 2003, João Pessoa. *Anais*... João Pessoa: ANPUH, 2003. p. 1-10. [pdf]. p. 3.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

historiografia podem ser apresentados. A linguagem oral é sempre rítmica e narrativa, descrevendo uma ação ou uma paixão, nunca princípios ou conceitos.[144]

> A narrativa histórica é composta de versões construídas sobre os fatos e, portanto, estão permeados de interesse os mais diversos – geralmente, são esses interesses que determinam o que deve ser visto e o que precisa ser esquecido. Por isso, é importante conservar o espírito crítico e a capacidade de reflexão diante das versões desenhadas e preservadas do passado. Refletir historicamente implica navegar contra essa maré que constrói uma única versão do passado, que trabalha uma única verdade que se crê definitiva e, portanto, morta, inalterável.[145]

As narrativas são uma forma de resistência à perda da memória. O narrador/a conta sua história para que possa permanecer viva na história. A narração é a mediação entre o tempo vivido e a memória que dele foi (des)construída. As narrativas desempenham um papel fundamental na democratização do conhecimento e na riqueza de detalhes, permitindo a formulação de questões importantes para a compreensão do ser humano e sua relação com o tempo.[146] Como Souza observou, o historiador não tem acesso ao passado em si, mas apenas aos vestígios que chegaram até ele.[147] Da mesma forma, o narrador/a tem apenas os fragmentos de suas experiências passadas, tal como sua memória os retém. Assim, o esquecimento se torna uma parte necessária da memória e, consequentemente, da pesquisa.[148]

A memória não pode ser compreendida apenas como um mero recurso para recuperar dados históricos precisos, como datas, locais e nomes, mas sim como uma combinação de passado e projeções para o futuro, que resulta na construção da identidade individual e coletiva. A memória individual está intrinsecamente ligada à memória coletiva, permitindo que a temporalidade individual da biografia se conecte à temporalidade coletiva da história.[149]

Em outras palavras, a memória e a imaginação são processos interligados e têm origens similares, pois lembrar algo do passado muitas vezes envolve um grau de inventividade. Nas palavras de Picoli: “no fundo, é a identidade que está na origem da memória. Nós não somos as somas de nossas recordações, mas aquilo que somos determina o conjunto de nossas recordações”[150]. Cada cultura tem seus próprios métodos para lembrar e esquecer. Recordar é uma forma de refazer, reconstruir e repensar, com a perspectiva atual, as

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

PPGFCR Faculdade Unida de Vitória

[144] POMMERENING, Claiton I. Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 24, p. 117-133, 2011. p. 118.
[145] SCHAYDER, José. *História do Espírito Santo:* uma abordagem didática e atualizada 1535-2002. São Paulo: Cia da Escola, 2002. p. 8.
[146] SOUZA, Robério A. C. Narrativas orais como fontes para uma compreensão histórica da experiência vivida. *Revista Macaranan*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 118-129, 2017. p. 123.
[147] SOUZA, 2017. p. 123.
[148] SOUZA, 2017, p. 123.
[149] SOUZA, 2017, p. 125.
[150] PICOLI, 2010, p. 169.

experiências do passado.[151] A memória pode ser vista como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos, nunca em sua totalidade, mas em partes devido aos estímulos que as selecionam. Ela é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. As memórias individuais e coletivas se misturam involuntariamente e somos influências enquanto influenciamos.[152] A memória é crucial para a construção da identidade de um grupo, já que ela resulta do trabalho de organização e seleção do que é importante para o sentimento de unidade, continuidade e coerência do grupo.[153] Segundo João Carlos Tedesco:

> Por isto a memória está ligada a um papel importante no mundo social, a de conservar informações psíquicas capaz de atualizar impressões passadas, assim como representações sociais que são neutralizadas do cotidiano de um grupo, informando ainda a estes indivíduos inseridos em sua coletividade o sentido de sua própria colocação no tempo, interligando o passado ao presente.[154]

Souza ressalta que "qualquer pesquisador/a que lance mão da tríade memória, oralidade e narrativa em seus estudos irá se deparar com uma seara rica em possibilidades e recompensas, mas igualmente espinhosa"[155]. Apesar de ter sido criticada por muitos estudiosos devido à possíveis distorções da memória, decorrentes da subjetividade do entrevistado/a, é importante notar que a análise dessas distorções, de forma interdisciplinar, pode levar a uma melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de cada grupo. "Hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico"[156]. Inúmeras críticas foram direcionadas a essa metodologia em seus primórdios. No entanto, atualmente, ela não é mais marginalizada, mas sim amplamente aceita e aplicada em diversas universidades do Brasil e do exterior. Além disso, mesmo aqueles que inicialmente duvidavam da sua eficácia agora a consideram uma metodologia consolidada em pesquisas qualitativas nas áreas de ciências humanas e sociais.[157]

De acordo com Joutard, a legitimidade e a identidade de uma comunidade são baseadas na lembrança histórica. A memória é estruturada em torno de um evento fundador,

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[151] PICOLI, 2010, p. 169.
[152] MATOS; SENNA, 2011, p. 96.
[153] PINSKY, 2021, p. 167.
[154] TEDESCO, João C. *Nas cercanias da memória:* temporalidade, experiência e narração. Caxias do Sul: EDUCS, 2004. p. 32.
[155] SOUZA, 2017, p. 129.
[156] PINSKY, 2021, p. 163.
[157] GILL, L. A.; SILVA, E. B. Perspectivas para a história oral. *In:* ROBERTT, Pedro; RECH, Carla; LISDERO, Pedro; FACHINETTO, Rochele. (orgs.). *Metodologia em Ciências Sociais hoje:* práticas, abordagens e experiências de investigação. Jundiaí: Paco, 2016. p. 107-126.

especialmente no contexto religioso, em que o processo geralmente se refere a narrativas mitológicas e hierofânicas e, por isso, estende-se por um período muito longo. A memória religiosa é, portanto, de uma natureza diferente, sendo sagrada e formando a base de toda a existência do praticante religioso.[158]

Nesse contexto, a manipulação da história por um grupo religioso pode resultar em um mito fundador[159], em que uma narrativa não coerente com os fatos pode se tornar a força motriz para a criação de crenças, práticas e narrativas que definem o grupo. É importante observar que o mito, em um sentido técnico, não é uma mentira, mas sim uma narrativa que utiliza recursos linguísticos para transmitir uma mensagem que se baseia na realidade ou para explicá-la. Segundo Mircea Eliade, a função mais importante do mito é estabelecer modelos exemplares para todos os ritos e atividades humanas significativas.[160] De acordo com Gonzalez, vários estudiosos argumentam que o mito é uma narrativa que interpreta a "realidade", já que essa realidade não faz sentido sem interpretação. Em outras palavras, o mito é uma parte integral do conhecimento da vida.[161] Dessa forma, a linguagem de um mito é a memória da comunidade de fé:

> Os mitos transcendem a pura racionalidade e a ciência porque eles falam de coisas que as pessoas podem não perceber diretamente, e de mistérios e realidades infinitas que eles não podem compreender completamente. Mitos olham abaixo da superfície do mundo para o que realmente está acontecendo nele. Eles são a linguagem não apenas do pensamento, mas da imaginação. Eles falam indiretamente de coisas dificílimas das pessoas suportarem, forçando-as a descobrirem seus significados através da atividade e do pensamento imaginativos até que a verdade se torna clara para elas.[162]

No entanto, existem vários tipos de mitos, incluindo os cosmogônicos, escatológicos e teogônicos. O mito fundador é uma categoria específica de mito que é frequentemente utilizado para explicar crenças, religiões, cidades, nações, ritos, grupos e instituições. Ele cria discursos que representam *o que é*, mas também pode indicar o que o grupo gostaria de ser ou, ao contrário, o que o movimento nega, mesmo que o pratique.[163]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

---

[158] JOUTARD, P. Memória coletiva. *In:* BURGUIÉRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 526.

[159] Esse conceito de mito fundador ou mito fundante está presente em diversas obras, tais como a de Gedeon F. Alencar, Marina Corrêa, Moab César C. Costa e Maxwell P. Fajardo, ambos estudiosos da Assembleia de Deus no Brasil. Por exemplo: ALENCAR, Gedeon F. *Assembleias de Deus*: origem, implantação e militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010. p. 20-32.

[160] ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano:* a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 84.

[161] GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 214.

[162] HIEBERT, Paul; SHAW, Daniel; TITE, Tíenou. *Religião popular:* uma resposta cristã às crenças populares. Belo Horizonte: Horizontes, 2009. p. 357-358.

[163] ALENCAR, Gedeon F. *Matriz pentecostal brasileira, 1911-2011*. São Paulo: Recriar; Vitória: Unida, 2019. p. 45.

O mito fundador é gerado principalmente quando um grupo precisa legitimar sua presença e atuação na sociedade. Inicialmente, o grupo se baseia em uma experiência compartilhada e não necessariamente em um mito. De acordo com Cácio Silva, o mito é criado a partir da realidade presente em direção a um paradigma originário, ou seja, a origem "histórica" que fundamenta o grupo é apenas um paradigma construído a partir dos próprios interesses e não necessariamente da historicidade.[164] O mito fundador é uma construção histórica que surge a partir do desejo de legitimação e institucionalização de um movimento. Para isso, é necessário narrar sua origem e trajetória, o que pode levar à criação de hagiografias que fundamentam algumas práticas, alteram ideologias, pessoas e lugares. É importante utilizar recursos teórico-metodológicos da história oral para distinguir as práticas, discursos, crenças e comportamentos que foram impostos por meio da alteração dos fatos.

O mito fundante possui certas características peculiares que podem, sorrateiramente, desintegrar, fragmentar e individualizar o que está sendo explicado. Ele separa a pessoa de suas ideias, o que pode tanto preservar quanto apagar as pessoas, ideias ou ambos. Isso exige do pesquisador/a uma atenção redobrada, já que seu trabalho será o de encontrar as peças e, por fim, montar o quebra-cabeça. É fundamental que haja uma desconfiança em relação à história apresentada, mesmo que esta seja contada repetidas vezes pelos adeptos do grupo ou terceiros.

Para juntar as peças do quebra-cabeça, é preciso levar em consideração algumas características específicas desse tipo de narrativa. De acordo com Cácio Silva, o mito não tem um autor específico, ele surge a partir do nível popular e é aceito como verdadeiro pelo grupo como um todo, não pertencendo a uma pessoa individualmente.[165] O mito, portanto, tem a função de estabelecer e transmitir a cosmovisão do grupo em questão. Para Silva:

> Em breves palavras, a função do mito é fortalecer a tradição, tornando-a de maior valor e prestígio, remontando a uma maior, melhor e mais sobrenatural realidade dos acontecimentos iniciais. Todo mito tem a função social de manter e reafirmar a identidade de um grupo. Cada vez que o mito é relatado, os costumes do povo são alimentados e encorajados. É necessário, portanto, que descubramos os aspectos socioculturais que são alimentados pelos diferentes mitos.[166]

Os mitos têm o poder de transmitir uma visão de pureza nos discursos, nas práticas, nos comportamentos e nas crenças, uma vez que a narrativa mítica individualiza o grupo que acredita naquela história. O grupo inconscientemente sente-se protegido contra influências

[164] SILVA, Cácio. *Fenomenologia da religião:* compreendendo as ideias religiosas a partir das suas manifestações. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 103.
[165] SILVA, 2014, p. 104.
[166] SILVA, 2014, p. 116.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

culturais, sociais e políticas, sob a prerrogativa da originalidade que acreditam possuir. No entanto, quando a história tradicional é questionada por uma nova perspectiva baseada em fatos, isso pode levar a uma diminuição do muro de isolamento do grupo em relação à sociedade em geral, fazendo com que se assemelhe mais a outros grupos. Como resultado, parte da identidade do grupo pode ser desestabilizada.

A desistoricização é um dispositivo frequentemente utilizado na alteração dos fatos, que consiste na negação da dimensão histórica de determinado evento ou coisa. O mito fundante é resultado da desistoricização, já que sua função é apagar todas as manchas culturais que o grupo não está disposto a assumir, tornando o discurso supostamente puro. Segundo Rocha:

> A desistoricização consiste em anular a atualização da mediação cultural, para identificar "aquela" mediação cultural como definitiva. Há, portanto, na raiz desse processo, o desejo univocizante de identificação de um método que permita a proclamação de um discurso, o qual, por sua vez, possa ser controlado por uma instituição. A desistoricização serve, portanto, à hierarquização univocizante da fala e, em decorrência disso, do poder que dela emana. Esse processo encerra inúmeras dimensões de poder. Isso cria uma estrutura necessária que, por sua vez, estabelece a impossibilidade de qualquer ação autônoma, tanto na dimensão hermenêutica quanto, posteriormente, na política.[167]

A desistoricização é um processo que busca afirmar uma verdade histórica modificada, que se torna o mito fundante de um grupo. Essa verdade é utilizada para legitimar práticas e discursos coerentes com a narrativa criada. No entanto, essa negação da dimensão histórica e cultural de outros grupos pode levar à violência simbólica e à negação da identidade desses grupos. A desistoricização apaga as linhas que entrelaçam os diferentes grupos, criando um discurso unívoco que tende a negar a validade das outras perspectivas e identidades.

O historiador que utiliza a história oral como fonte deve levar em consideração todos os aspectos mencionados anteriormente. Não basta apenas entrevistar, transcrever e publicar, é fundamental dissecar o material coletado com instrumentos apropriados para o objeto de estudo. Trabalhar com a oralidade e com a História de forma geral não tem como objetivo consolidar verdades ou estabelecer uma única história oficial e possível, mas sim analisar, constatar, decifrar e discernir de forma adequada cada fonte, a fim de propor novas perspectivas, ampliar o que já foi dito e aprimorar continuamente as abordagens sobre um objeto de estudo.

Ao lidar com a oralidade, é importante que o historiador não tenha apenas a intenção de "resgatar" fatos, mas sim de compreender a configuração do cotidiano do grupo

[167] ROCHA, Alessandro R. *Teologia sistemática no horizonte pós-moderno:* um novo olhar para a linguagem teológica. São Paulo: Vida, 2007. p. 96.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

pesquisado por meio da leitura de sua cultura, a qual é construída socialmente por meio de imaginários, práticas, significações e representações compartilhadas coletivamente.[168] O trabalho do pesquisador/a em história oral é fundamental para preservar as memórias de pessoas ainda vivas como um registro documental para o futuro. Essas memórias, se não forem registradas e preservadas, podem se perder para sempre, já que muitas pessoas não escrevem suas próprias histórias. Assim, cabe ao historiador do presente obter esses relatos através de entrevistas, gravá-las e transcrevê-las para que possam ser utilizadas como fontes documentais para os pesquisadores do futuro.[169]

A história oral tem uma grande importância na construção de narrativas que indicam a coerência entre as principais ideologias que organizam a humanidade, desde as mais simples e remotas até as mais complexas e proeminentes. Embora seja possível tentar colonizar e subjugar certos povos através de uma versão historiográfica, isso se torna difícil quando essas sociedades conseguem manter vivas suas narrativas através da oralidade.

> A história oral possibilita captar as experiências elaboradas por indivíduos pertencentes a categorias sociais cujas percepções e intervenções geralmente são excluídas da história oficial e da documentação oficial das organizações, deixando registrada sua visão de mundo, suas aspirações e utopias e, consequentemente, aquelas do grupo social ao qual pertencem. A história oral tem condições de recuperar a visão de pessoas comuns, de grupos excluídos do processo decisório, que de outa forma não poderiam ser levadas em conta, nem fazer parte da história. Pode ser vista como um modo de construir o conhecimento e reconstruir identidade e a história recente desses grupos diante dos processos sociais internos as organizações e do processo de globalização.[170]

Sendo assim, a história oral tem como objetivo reconstruir a história e preservar memórias e narrativas, tendo em vista a complementação entre fontes textuais já consolidadas e a tensão com o presentismo histórico, que busca negar o passado. Entretanto, simultaneamente, a história oral tenta recriar o passado no presente, uma vez que, embora a narrativa se refira ao tempo passado, ela se atualiza no presentismo que é criado pelo narrador/a em cada nova ocasião em que conta a sua história.

A história oral é uma prática dinâmica, em que a cada conto é possível acrescentar novas informações. Para que seja efetiva, é necessário que se utilize a memória, mas é importante ter em mente que, ao expressá-la pela linguagem, elementos reais, simbólicos ou míticos podem ser adicionados ou omitidos, dando espaço à subjetividade do narrador/a. É

[168] CANABARRO; MOSER, 2018, p. 115.
[169] CORRÊA, Carlos H. P. *O documento da história oral como fonte histórica*: uma experiência brasileira. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 1977. p. 14.
[170] ICHIKAWA; SANTOS, 2006, p. 13.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

por meio da linguagem e da subjetividade que se cria a narrativa, que, dependendo da relevância do fato, pode ter o poder de alterar o curso da história. Dessa forma, a história oral pode não apenas influenciar a maneira como a história é registrada por escrito, mas também moldar o futuro da história.

A importância da história oral é destacada (não somente) por sua capacidade de dar voz a grupos que não possuem acesso à escrita ou a outras formas complexas de linguagem, permitindo que suas histórias sejam organizadas e que se tornem protagonistas das narrativas que compõem obras literárias. Isso torna a história oral fundamental para o estudo das religiões, uma vez que através dela é possível conhecer a história, os mitos fundantes e as crenças que compõem as religiões.

No próximo capítulo pretende-se com pesquisa bibliográfica e recursos da história oral elucidar o surgimento e a expansão das Assembleias de Deus no estado do Espírito Santo, 1922-1970. A relevância do pentecostalismo no ES transcende a esfera religiosa, estando relacionada aos movimentos migratórios e aos ciclos econômicos regionais e nacionais, além de possuir implicações culturais e políticas que refletem na disseminação do movimento pentecostal e suas ramificações na região. Embora existam diversas lacunas a ser preenchida, esta pesquisa visa abordar uma delas: quando e como ocorreu o processo de inserção e expansão das Assembleias de Deus no ES? A história oral temática é fundamental para a presente pesquisa, já que permite ouvir pessoas que participaram e que estão inseridas nessa história recente, possibilitando a criação de novas fontes históricas para análises futuras.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

3 HISTÓRIA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 1922-1970

O objetivo desse capítulo é reconstruir a história das ADs no ES de 1922 a 1970. O primeiro tópico, que abrange o período de 1922 a 1944, analisa a introdução do pentecostalismo no estado do ES, com o intuito de apresentar diferentes perspectivas para além da narrativa predominante de Emílio Conde, que muitas vezes é reproduzida sem reflexão nas plataformas digitais das convenções assembleianas locais. O foco deste tópico é o papel pioneiro de Daniel Berg e João Pedro da Silva na formação das primeiras ADs na região. O tópico dois se concentra nas narrativas de expansão lideradas por José Camilo Peclat, especialmente na região sul do estado, utilizando como fonte principal a sua biografia. Já o tópico três procura apresentar a expansão exponencial do movimento pentecostal e o processo de institucionalização e formação dos aparelhos burocráticos da igreja, sob a liderança de Waldomiro Martins Ferreira, utilizando principalmente as fontes orais.

A primeira vez que a AD no Brasil se preocupou com o resgate de sua história foi em 1959, ocasião das comemorações do cinquentenário que aconteceria dois anos depois. Isso marcou o início de uma historiografia que estabeleceu a "memória oficial da igreja", elegendo fatos, personagens e locais como protagonistas da edificação do movimento pentecostal assembleiano no início do século XX.[171] Essa memória oficial nada mais é do que a perspectiva histórica "nacional" do movimento, principalmente os advindos da coleção em três volumes: *Pioneiros Pentecostais*, editados pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). Existem, entretanto, poucas obras a respeito das histórias das ADs em âmbitos regionais. "A História regional requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador/a uma ideia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua."[172] De acordo com Anderson:

> A importância de recuperar as tradições orais é acentuada aqui, porque precisamos registrar para a posteridade as histórias dos ainda vivos que se lembram do passado. Quando as primeiras histórias do pentecostalismo ainda estão em memórias vivas, estas devem ser recontadas antes que seja tarde demais. É claro que, quanto mais voltamos no tempo, mais difícil é recuperar as histórias, já que as fontes se tornam mais escassas. Precisamos mergulhar nas profundezas das histórias orais e trazer à luz aquilo que ficou escondido por tanto tempo.[173]

[171] FAJARDO, Maxwell P. Religião e memória: afirmação da memória institucional da igreja Assembleia de Deus no Brasil. *Revista Brasileira de História das Religiões*, São Paulo, n. 13, p. 273-284, 2012. p. 270.
[172] SAMUEL, Raphael. História local e história oral. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-242, 1990. p. 223.
[173] ANDERSON, 2019, p. 24.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Segundo Freston, no que se referem às fontes, muitas dificuldades são encontradas pelos historiadores que se propõe a pesquisar as denominações pentecostais, pois há relativa escassez de fontes primárias, e os poucos registros existente são de difícil acesso. Até mesmo as entrevistas, que em alguns casos, são dificultados devido á rejeição existente entre os pentecostais ás interpretações das ciências humanas.[174] As fontes mais antigas que tratam das Assembleias de Deus no Espírito Santo são: *Diário do Pioneiro*. "O livro do Gunnar Vingren é o resultado da copidescagem de vinte e cinco diários realizada por seu filho Ivar Vingren."[175]; o livro *Despertamento Apostólico no Brasil*, publicado na Suécia em 1934 e traduzido no Brasil somente em 1987, escrito por oito missionários que relatam a atuação da missão sueca livre no Brasil. Essa obra possui textos de Daniel Berg, Paul Ongman, Samuel Nystrom, Nels J. Nelson, Joel Carlson, Otto Nelson, Samuel Hedlund e Gustavo Nordlund;[176] *História das Assembleias de Deus no Brasil* (1960), de Emílio Conde, publicado por ocasião do cinquentenário da instituição. Para Moab Costa:

> No final da década de 1950, as ADs preparavam-se para comemorar seu cinquentenário. Já era uma instituição consolidada, forte, presente em todos os estados e nas principais cidades do país. Possuía uma convenção geral (CGADB), criada em 1930, uma editora (CPAD) e um jornal de circulação nacional (Mensageiro da Paz), mas até então, não possuía uma história oficial. Seus heróis e figuras ilustres ainda não haviam sido coroados e canonizados, não havia uma tradição mítica que pudesse servir de elemento unificador do projeto institucional. É consenso entre os historiadores e cientistas das religiões que pesquisam sobre as ADs, que o livro, "História das Assembleias de Deus no Brasil", de Emílio Conde, além de criar e consolidar uma tradição – um mito fundante – e reafirmar um modelo de identidade institucional produziu um padrão historiográfico para a escrita sobre as ADs.[177]

Outra obra religiosa é a de Abraão de Almeida datada de 1982, que é uma versão ampliada da obra de Conde, com poucos acréscimos em relação ao ES; uma obra sueca intitulada *Det borjade i Pará – Svensk pingstmission i Brasilien* (*Começou no Pará – Missão pentecostal Sueca no Brasil*), editada em 1994, ainda não foi traduzida para a língua portuguesa; o livro *100 Acontecimentos que Marcaram a História das ADs no Brasil* de 2011, de Isael de Araújo. O livro traz imagens e fotografias que estão anexados nessa pesquisa;

[174] FRESTON, *Paul. Breve História do pentecostalismo brasileiro*, 1994. In: ANTONIAZZI, Alberto. Nem anjos nem demônios: uma interpretação sociológica do pentecostalismo. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 68.
[175] ALENCAR, 2019, p. 39.
[176] Não está especificado o nome de quem escreveu cada relato no livro *Despertamento apostólico no Brasil*, mas, se comparar com o relato da biografia de Samuel Nystrom, fica evidente que foi Otto Nelson quem escreveu. Saiba mais em: NELSON, Samuel. *Samuel Nystrom*: pioneiro do ensino pentecostal em escolas bíblicas. Rio de Janeiro CPAD, 2008. p. 80-81.
[177] COSTA, Moab C. C. *O aggiornamento do pentecostalismo*: as Assembleias de Deus no Brasil e na cidade de Imperatriz - MA (1980-2010). Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. p. 84.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Dicionário do Movimento Pentecostal de 2015, também de Isael de Araújo. Obra de referência para o estudo das ADs no Brasil; *Pioneirismo Pentecostal, Ministério e Vida do Pastor Camilo José Peclat* de1986. É uma biografia escrita por seu filho, Odonias Peçanha Peclat. Trata-se de uma biografia esquecida pelos pentecostais capixabas. Uma fonte importantíssima para conhecer um pouco da expansão da fé pentecostal no ES, principalmente na região sul; a dissertação de mestrado de Washington Phillip Spanhol Carneiro, intitulada *pentecostais na política capixaba* de 2013. Em relação ao surgimento das ADs no ES, Carneiro é bem superficial, até porque não era o objetivo de sua pesquisa discutir e aprofundar no assunto, mas, vale sublinhar, que, em relação ao processo de institucionalização e a relação do pentecostalismo com a sociedade capixaba, de acordo com o momento histórico em questão, sua pesquisa é de grande relevância e bem fundamentada. No âmbito acadêmico, a pesquisa de Carneiro foi a primeira a lançar luz sobre o assunto.

Por se tratar de uma história recente, as fontes orais foram utilizadas em complementariedade recíproca com as demais fontes. Para obtenção dos resultados foram entrevistadas cinco pessoas, dentre elas estão: familiares dos pioneiros, membros e líderes, que, de certa forma, presenciaram, escutaram e/ou contribuíram com a expansão do pentecostalismo capixaba. Porém, foram transcritas apenas três entrevistas, pelo fato que os relatos se concentraram mais sobre na vida pessoal dos entrevistados; apresentaram muitos ressentimentos com o período da cisão; e recusaram-se a responder certas perguntas. As entrevistas foram realizadas na casa dos/as entrevistados/as, com autorização prévia e gravação de vídeo. Os nomes dos entrevistados/as ficarão em sigilo, será posto entrevistado/a 1, 2 e 3. As entrevistas foram realizadas com pessoas acima de 70 anos de idade. Por parte do grupo entrevistado, percebeu-se um sentimento de alegria por estar participando da (re)construção dessa história recente. As perguntas feitas em relação ao período de 1944 a meados da década de 1960 foram respondidas com alegria e entusiasmo. Já as perguntas relacionadas ao final da década de 1960 em diante foram respondidas com receios, pelo fato de despertar lembranças desagradáveis devido a brigas, divisões e disputas pelo poder.

Além dessas fontes, as consultas no jornal *Mensageiro da Paz,* um veículo de divulgação da denominação fundado em 1930 e disponibilizados no site da Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (RELEP Brasil), foram fundamentais para entender a história do pentecostalismo assembleiano no estado do ES. O jornal *Mensageiro da Paz* é uma fonte rica em informações e detalhes. As obras utilizadas para entender as Assembleias de Deus e para instrumentalizar as referidas fontes são: *Matriz pentecostal brasileira 1911-2011* de Gedeon Freire de Alencar; *Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercício de*

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

poder de Marina Corrêa; e *Onde a luta se travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil* de Maxwell Fajardo.

3.1 A INSERÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO: PIONEIRISMO PENTECOSTAL DE DANIEL BERG E JOÃO PEDRO DA SILVA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

De acordo com o relato de Ivar Vingren no *Diário do Pioneiro,* no verão de 1920, seu pai, Gunnar Vingren, que pastoreava em Belém do Pará, sentiu a necessidade de expandir o trabalho missionário para o sul do país. Gunnar acreditava que as grandes cidades do sul, com centenas e milhares de habitantes, ainda não haviam sido alcançadas pela mensagem pentecostal e, por isso, considerava que o sul estava carente dessa mensagem. Para ele, a base do trabalho missionário já estava consolidada no norte do Brasil e era necessário avançar para outras regiões.[178] Em 24 de junho de 1920, Gunnar Vingren teria iniciado sua primeira viagem ao sul, rumo à cidade do Rio de Janeiro. Durante a viagem, ele passou por quatro capitais, incluindo a cidade de Vitória. O navio em que ele viajava chegou à Vitória às 8h55 da manhã e partiu às 11h20, tornando a passagem pela capital capixaba breve e rápida, descrevendo-a como: "uma entrada só de montanhas altas de ambos os lados. Muito bonito"[179].

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

Em relação a Daniel Berg, outro pioneiro sueco, existe duas narrativas acerca da sua passagem pelo estado do ES. Em 1919, Daniel Berg visitou a Suécia, onde conheceu e se casou com Sara em 31 de julho de 1920. Em março de 1921, o casal veio para o Brasil. De acordo com A obra *Despertamento Apostólico no Brasil*, em 1922, Berg e Sara viajaram para Vitória para estabelecer a AD na capital, permanecendo até 1924.

> Para esta cidade veio o irmão Daniel Berg e esposa no ano de 1922. Foi à primeira visita de um pastor pentecostal a esse local. Não tardou muito começaram a fazer cultos e a testificar deste evangelho pentecostal. Mas, como em outros lugares, teve, no princípio, muito vento contrário, o que durou por dois anos ou todo o tempo que permaneceram ali. Durante este tempo regaram aquele solo com as suas lágrimas e orações. Foi com os corações pesados que saíram dali para ir a Santos, sem haver visto nenhum fruto do seu trabalho. Mesmo assim, dois anos de luta e oração não deixam de dar resultado ainda que demorasse a ser visto. O irmão Daniel Berg teve a alegria de efetuar o primeiro batismo em Vitória, antes de deixar o Brasil para ir trabalhar na obra do Senhor em Portugal e pôde, assim, pôr o primeiro fundamento para um trabalho florescente.[180]

[178] VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973. p. 111.
[179] ARAÚJO, Isael. *100 Acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 174.
[180] VINGREN, Ivar. *Despertamento apostólico no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 1987. p. 73.

No entanto, Conde registra 1924 como o ano em que Berg chegou a Vitória com o objetivo de estabelecer uma igreja, como antes fizera em outros lugares, mas retornou para Santos em São Paulo alguns meses depois. Conde considerou que ainda não havia chegado o tempo de se estabelecer o trabalho pentecostal naquela cidade.[181] Alencar expressa ceticismo em relação à precisão das datas na obra de Conde e destaca que foi ele quem criou o mito historiográfico sobre os suecos, que tem sido repetido em outras publicações. Além disso, Alencar aponta que essa narrativa tem sido abordada de maneira descuidada em textos acadêmicos. Em suas palavras:

> Conde não falava ou lia sueco, onde ele pesquisou para escrever sua história das ADs, em 1960, além dos jornais (isso se ele tivesse uma coleção particular de periódicos, visto que na época não existiam arquivos de jornais)? Apenas a versão oral dos suecos com quem conviveu? Difícil é repetir datas e locais com tanta precisão algumas décadas depois dos eventos.[182]

Pelo menos no que se refere ao ES, é bem provável que Conde não tenha consultado a obra *Despertamento apostólico no Brasil*, talvez pelo fato de que até o momento de sua historiografia no final da década de 1950, a obra não havia sido traduzida. Existem pelo menos três fontes que contrariam essa datação de Conde em relação à chegada de Berg no ES. Primeiro, é a já citada obra *Despertamento apostólico no Brasil* que é bem anterior a obra de Conde; em segundo lugar, uma obra sueca intitulada *Det borjade i Pará – Svensk pingstmission i Brasilien* (Começou no Pará – Missão pentecostal Sueca no Brasil). Onde é dito que Daniel Berg foi para Vitória em 1922 com o evangelista Almeida Sobrinho e sua família[183]; terceiro, o *Diário do pioneiro*, no qual está relatado: "No dia 1º de novembro de 1923, Gunnar Vingren chegou a Vitória, estado do Espírito Santo, onde estava seu velho amigo de trabalho, Daniel Berg, morando e trabalhando. Realizaram muitos cultos gloriosos juntos durante três semanas"[184]. Portanto, é bem provável que, de fato, Berg tenha ficado dois anos no estado do ES, de 1922 a 1924.

Conde, entretanto, relata que os primeiros pentecostais a chegarem à cidade de Vitória foram Francisco Galdino Sobrinho e sua esposa, no ano de 1922, motivados por um ímpeto missionário. Conde destaca que, durante dois anos, eles não receberam a visita de nenhum pregador ou pastor pentecostal na cidade.[185] Mas, como visto anteriormente, Berg já se encontrava em solo capixaba nesse período. Daniel Berg realizou os primeiros cultos em

[181] CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973. p. 203.
[182] ALENCAR, 2019, p. 37.
[183] ARAÚJO, 2011, p. 174.
[184] VINGREN, 1973, p. 130.
[185] CONDE, 1973, p. 203.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Santo Antônio, no centro de Vitória. Durante o dia, ele visitava as famílias e as convidava para assistir aos cultos à noite, fazendo um trabalho de evangelização pessoal.[186] Percebe-se em ambos os relatos que Berg não obteve êxito na evangelização em solo capixaba, mas deixou ali uma semente que posteriormente iria florescer. Esse provavelmente deve ser um dos motivos pelo qual não há relatos em sua biografia (*Enviado por Deus: Memórias de Daniel Berg*) acerca de sua passagem em terras capixabas, ou seja, o fato de não ter obtido êxito na propagação da mensagem pentecostal naquele período.

Naquele tempo, a ilha de Vitória não possuía pontes que ligassem ao continente. A única conexão era através de uma construção precária, que atualmente é conhecida como "ponte da passagem". Essa situação geográfica pode ter sido um dos obstáculos para a implantação do movimento pentecostal naquela época. A primeira ponte a ser construída foi a Florentino Avidos, em 1928, que ficou conhecida como "cinco pontes", cujo material veio da Alemanha. Nesse mesmo período, o governador Florentino Avidos também construiu a primeira ponte que atravessa o Rio Doce em Colatina, facilitando a povoação do território capixaba e da região norte do estado.[187] Alencar também menciona que nas primeiras décadas, a atuação dos missionários enfrentou dificuldades causadas pela Igreja Católica, pelas denominações evangélicas tradicionais e pela pobreza de seus membros, ou seja, havia limitações tanto internas quanto externas.[188]

Segundo Pommerening, entre 1911 e 1950, o pentecostalismo não tinha grande influência no Brasil. No entanto, a demanda mundial por borracha durante as guerras impulsionou a migração de pessoas para as regiões produtoras, especialmente o Norte e o Nordeste, onde muitos tiveram contato com o pentecostalismo por meio do porto de Belém. Com o declínio da indústria da borracha, muitos migrantes se deslocaram para o Sul e Sudeste do país em busca de trabalho, levando consigo a mensagem pentecostal para suas cidades de origem. Nesse período a igreja sueca começou a contribuir financeiramente com a causa pentecostal no Brasil.[189] Segundo Rolim:

> Cada crente que se desloca carrega consigo sua igreja para plantá-la no lugar aonde vai morar. Não espera a construção de um templo, nem mesmo pela chegada de algum pastor. Estabelece o culto em sua própria casa, nas periferias das cidades ou vilas, ou mesmo na área rural. [...] O pentecostalismo se difundiu em todos os estados e territórios nacionais graças ao ardoroso proselitismo de pedreiros, carpinteiros, faxineiros, motoristas, serventes, trabalhadores de enxada e empregadas

[186] CONDE, 1973, p. 203.
[187] SCHAYDER, 2002, p. 93.
[188] ALENCAR, 2019, p. 27.
[189] POMMERENING, 2008, p. 56.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> domésticas, trazendo muitos à fé no poder do Espírito, ao contrário das demais igrejas evangélicas que quase nenhuma penetração teve nas camadas pobres.[190]

Segundo Conde, "em 1927, a AD em Belém PA, considerando a falta de pastores e evangelistas, e atendendo ao fato de que muitas igrejas passavam meses seguidos sem visita de obreiros, iniciou o que se pode chamar de evangelismo itinerante."[191] Entre 1927/28, sete membros da AD de Aracaju SE chegaram a Vitória e iniciaram um trabalho de evangelização. Esses fiéis mantiveram contato com os crentes de Sergipe.[192] De acordo com o livro *Despertamento apostólico no Brasil*, naquela época, havia bastante possibilidade de trabalho material, com bom salário, e, por esta razão, muitos se mudavam pra lá. Estes crentes se juntaram e começaram com cultos.[193] Conforme o número de adeptos aumentava, tornou-se necessário organizar o trabalho. Dessa forma, os fieis solicitaram à igreja em Sergipe que lhes enviasse um pastor.[194]

Para atender à solicitação dos pentecostais sergipanos que estavam em Vitória, foi enviado o pastor cearense João Pedro da Silva (1895-1934), com o objetivo de organizar o trabalho em Vitória e dar continuidade ao trabalho que já havia iniciado.[195] João Pedro da Silva se converteu a fé pentecostal em 1922 e foi consagrado ao pastorado em 1924. Nesse período o pastor serviu no Pará, Canavieiras BA, Maceió AL e Aracajú SE. João Pedro da Silva chegou a Vitória ES no dia 9 de Maio de 1930, juntamente com sua esposa Tecla, e dois filhos. Este pastor era colaborador de Otto Nelson e Gerda Nelson, casal sueco que estava na liderança da AD naquela região do Nordeste.[196]

Existe, entretanto, outra narrativa sobre o surgimento das ADs no ES que é contada nas plataformas digitais e replicada na obra de Araújo: *100 Acontecimentos que Marcaram a História das Assembleias de Deus no Brasil*. O texto intitulado: *História das Assembleias de Deus no Estado do Espírito Santo* foi publicada na revista "Seara News" e em outros sites. No texto é dito que:

> Em 1925, José Vicente Ferreira veio de Pernambuco para Vitória ES, a pedido de Daniel Berg, que aqui esteve e preocupou-se com o pequeno número de cristãos aqui residiam. Ao chegar à Vitória só encontrou o irmão Galdino como crente pentecostal, os demais eram batistas. Com estes iniciou um trabalho de evangelização. Em 1927, chegaram à Vitória, precedentes da Assembleia de Deus

[190] ROLIM, Francisco C. *Pentecostais no Brasil*: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 46.
[191] CONDE, 1973, p. 56.
[192] CONDE, 1973, p. 203.
[193] CPAD, 1987, p. 73.
[194] CONDE, 1973, p. 204.
[195] CONDE, 1973, p. 204.
[196] ARAÚJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016b. p. 706.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> em Aracaju, Sergipe, sete evangélicos que se juntaram aos demais iniciando assim um trabalho de evangelização pessoal, que resultou em conversão de várias almas. Havendo muitos novos convertidos que requeriam assistência espiritual e também a necessidade de se abrir uma igreja local, pois os irmãos estavam reunindo-se em residências em Jucutuquara, Santa Lúcia na casa do irmão João Pinheiro e na residência de irmã Francisca Barros. Foi então que o irmão José Vicente Ferreira escreveu a Daniel Berg, solicitando que lhes enviassem um pastor para pôr em ordem o trabalho.[197]

Diante disso, ao menos quatro informações nesse relato não estão presentes nas fontes apresentadas: 1) Em 1925, José Vicente Ferreira veio de Pernambuco para Vitória a pedido de Daniel Berg, que aqui esteve e preocupou-se com o pequeno número de cristãos aqui residiam; 2) ao chegar à Vitória só encontrou o irmão Galdino como crente pentecostal, os demais eram batistas; 3) os irmãos estavam reunindo-se em residências em Jucutuquara, Santa Lúcia na casa do irmão João Pinheiro e na residência de irmã Francisca Barros; 4) foi então que o irmão José Vicente Ferreira escreveu a Daniel Berg, solicitando que lhes enviassem um pastor para por em ordem o trabalho. No entanto, não há evidências da veracidade dessas informações. De acordo com Alencar, Daniel Berg não se envolvia nessas questões mais burocráticas, como solicitar a ida de José Vicente Ferreira para Vitória ou enviar João Pedro da Silva para organizar o trabalho. Berg nunca assumiu qualquer igreja, cargo ou exerceu qualquer forma de influência.[198]

De acordo com João Pedro da Silva: "quando cheguei a esta capital, encontrei, aqui, uma congregação de 16 membros apenas"[199]. Nessa ocasião, havia simpatizantes e interessados, contabilizando de 25 a 30 pessoas[200] presentes no primeiro culto dirigido pelo pastor cearense.[201] De acordo com Carneiro, é possível que o envio de João Pedro da Silva para Vitória tenha sido motivado pela ideia de que a região estava escapando do domínio sueco e passando para as mãos de nordestinos, ou talvez por uma cisão interna que estava acontecendo na igreja naquele período.[202]

João Pedro alugou um salão para realizar os cultos, mas logo percebeu que não havia espaço suficiente para acomodar todas as pessoas que compareciam. O pastor realizou seu

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

---

[197] PONTES, Paulo. História das Assembleias de Deus no Estado do Espírito Santo. *In*: SEARANEWS [*Site* institucional]. 8 mai. 2015. [*online*]. [n.p.].
[198] ALENCAR, 2010, p. 55.
[199] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Fevereiro de 1931. [*online*].
[200] O livro *Despertamento apostólico no Brasil* relata que havia 25 pessoas, enquanto Conde regista 30. Saiba mais em: VINGREN, 1987, p. 31 e também CONDE, 1973, p. 203.
[201] CONDE, 1973, p. 204.
[202] Não há detalhes sobre uma possível divisão sendo gestada nesse período. Nem sobre o fato que levou a estrutura organizada em solo capixaba, até então influenciada por um ethos sueco-nordestino, enviar um pastor como forma de centralizar a liderança em Vitória. Saiba mais em: CARNEIRO, Washington P. S, *Pentecostais na política capixaba:* representação parlamentar da Igreja Assembleia de Deus nas eleições (2002, 2006, 2010). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. p. 66.

primeiro batismo em terra capixaba no dia 8 de junho de 1930 e o segundo em 6 de julho do mesmo ano, menos de um mês depois. Ele relatou ao *Mensageiro da Paz* de outubro de 1931: "no mês de junho batizei nas águas 27 novos crentes, e no mês de agosto batizei a mesma quantidade".[203] Conde registrou que a primeira congregação foi estabelecida no bairro de Santa Lúcia, seguida por Jucutuquara, Pedreiras, Ataíde, Areal e Aribiri, em Vila Velha, respectivamente.[204] João Pedro da Silva relatou:

> Temos cultos todas as noites durante a semana, mas estes dias são poucos para atender aos pontos de pregação, pois, até agora, estou lutando sem cooperador algum. Quero também pedir as orações de todos os santos em favor deste trabalho, para que o Senhor, brevemente, nos dê uma casa de oração, de que muito precisamos.[205]

A igreja em Aribiri tornou-se a sede administrativa das ADs no estado do ES. As novas igrejas fundadas eram filiadas à igreja de Aribiri, e o movimento rapidamente se expandiu para o interior do estado. Em 1933, as ADs ultrapassaram a fronteira do estado, quando uma congregação foi estabelecida no Vale da Anta, município de Resplendor MG, e o movimento continuou a crescer, alcançando o Vale do Rio Doce MG.[206] João Pedro relatou em Julho de 1933:

> O fato de vermos pecadores entregarem-se a Jesus, já é motivo para nos alegrarmos; mas, não é só isso, o Senhor está, também, curando os enfermos, e batizando os crentes no Espírito Santo. As noticias que temos no interior deste estado, e, também, do norte de Minas, são animadoras, deixando-nos compreender que o Senhor está cooperando com os seus servos. Estamos construindo uma casa, que esperamos poder, brevemente, dedicar ao Senhor, para que nela seja anunciado o Evangelho.[207]

A AD no Estado do ES iniciou-se com as seguintes pessoas: Francisco Galdino Sobrinho, Leopoldina da Costa Sobrinho, João Toscano de Brito, Maria de Oliveira, Manoel Tibúrcio, Jose Martins, Antônio Gabriel, Francisco Faustino, Josefa Faustino, Maria Raimundo, Nair Raimundo, Joaquim Galdino, Pulcina da Conceição, Ibiapino Luiz e esposa, Cândido Dias da Hora, Maria dos Anjos da Hora, Madalena dos Anjos Mota, Jose Mota, Maria Hora, Vitor Hora, Abraão e esposa, Adalberto Pacote, Aquino Deodoro, Jose Vicente

[203] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 2º quinzena de Outubro de 1931. [*online*].
[204] CONDE, 1973, p. 204.
[205] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Fevereiro de 1931. [*online*].
[206] CARNEIRO, 2013, p. 67.
[207] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 2º quinzena de Julho de 1933. [*online*].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Ferreira, Manoel Cocino, Fabiano e esposa, Jose Pedro, Antônio da Barra e esposa, Pedro da Silva e esposa, Francisco Santana e esposa, Maria Santana, Ormandina Silva e outros.[208]

Segundo missionário sueco Nils Kastiberg (1896-1978), co-diretor do jornal e pastor substituto na igreja de São Cristóvão RJ, o pastor João Pedro da Silva faleceu em 17 de maio de 1934.[209] Em 27 de Maio de 1934 ocorreu a inauguração do primeiro templo da AD no ES, ou seja, dez dias após a morte de João Pedro da Silva. Segundo o livro *Despertamento apostólico no Brasil*, (trecho escrito provavelmente por Otto Nelson, testemunha ocular):

> Dia 27 de maio de 1934, foi um dia de grande festa para os crentes em Vitória. Com grande alegria, e juntamente com muita gente, puderam inaugurar uma igreja com moradia para o pastor, tudo conseguido pelos esforços e ofertas dos irmãos dali. Deus tinha salvo muitos operários especializados, de modo que não houve necessidade de pedir a algum inconverso para pregar um prego. Todo o trabalho na casa do Senhor foi feito pelos irmãos crentes. Ao terminar o seu horário de serviço onde trabalhavam, reuniam-se na construção do templo e trabalhavam, até horas avançadas da noite. Até o pastor trabalhava junto, e o Senhor abençoou e confirmou o esforço. Tive a alegria de visitar os irmãos ali nessa ocasião. Também os irmãos Samuel Nystrom e Aldor Petterson vieram do Rio de Janeiro para louvar a Deus pela vitória, e pregar a palavra. Mais ou menos 500 pessoas se reuniram domingo, á tarde, e á noite havia mais gente ainda.[210]

Entretanto, a morte de João Pedro da Silva só foi noticiada no jornal *Mensageiro da Paz* em julho de 1935. Mesmo um ano depois, o nome dele ainda constava como pastor da sede em Aribiri na seção final do jornal, que destacava os endereços das igrejas em todo o país e seus respectivos pastores. O pastor era um colaborador regular do jornal, escrevendo frequentemente sobre os resultados da igreja no estado. A demora em noticiar sua morte pode ser atribuída a vários fatores, incluindo a precariedade do controle do trabalho nacional na época, a falta de equipe para conduzir adequadamente o periódico e o isolamento do estado capixaba. Maria Zilda Duarte de Melo, secretária da igreja do Aribiri, relatou em maio de 1944:

> O primeiro pastor deste campo foi o João Pedro da Silva, obreiro incansável, o qual deixou saudades. Foi um herói da fé! Lutou até ao sacrifício para tornar conhecido o Evangelho entre um povo que desconhecia as verdades de Deus. O nosso irmão foi desconsiderado pelos homens, porém Deus cooperou com ele e honrou-o. O trabalho neste campo, comparado com o trabalho de outros lugares do Brasil, em razão do tempo, não tem estado tão promissor, mas nem por isso, tem deixado de avançar, e esperamos ainda maior progresso.[211]

No jornal *Mensageiro da Paz* de julho de 1935, Nils Kastberg relatou que: “O nosso irmão Pedro era um trabalhador incansável. Eu o conhecia, desde Pernambuco, há uns 5 anos

[208] CONDE, 1973, p. 203.
[209] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Julho de 1935. [*online*].
[210] CPAD, 1987, p. 73.
[211] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 2º quinzena de Maio de 1944. [*online*].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

passados, quando veio a pé, pelo sertão de Pernambuco até Recife, por falta de recursos, mas sempre alegre e testificando de Jesus".[212] No bairro de Porto de Santana, localizado em Cariacica-ES, há uma escola municipal que recebeu o nome em homenagem ao pastor Silva: a EMEF João Pedro da Silva. A escola foi fundada pelo pastor Manoel Souza Filho como uma obra social e, posteriormente, passou a fazer parte do sistema oficial de ensino da cidade, recebendo o nome em homenagem ao co-fundador das ADs no Espírito Santo.[213] No bairro Aribiri, situado em Vila Velha-ES, há uma rua que recebe o seu nome, onde também está localizada a sede atual da CADEESO, uma das convenções das ADs no ES fundada em 1959 por Waldomiro Martins Ferreira. Assim como no caso de Daniel Berg, o pastor João Pedro da Silva só recebeu reconhecimento após sua morte. Segundo Alencar:

> A história de Berg e Vingren é heroica e não há nenhum demérito em reconhecê-la. No entanto, eles só assumem essa posição a partir da década de 1960, quando a igreja vai celebrar seu cinquentenário. Nesse caso, é a instituição que precisa dos heróis para se legalizar. Ou, como diz Campos, para a manutenção dos esquemas de poder. A igreja Luterana tem a figura de Lutero, a Presbiteriana tem Calvino, a Metodista tem Wesley; enfim, cada instituição precisa produzir seus heróis fundadores. E quanto mais perto do ideal, melhor. Berg, em 1961, em solenidade no Maracanã recebeu uma placa folheada a ouro, mas nos anos anteriores era uma figura apagada, esquecida e, segundo relatos de contemporâneos, vivia em grande pobreza, abandonado na periferia de São Paulo. Seu heroísmo, decantado na história oficial da igreja, é sua vinda para o Brasil em 1910, porém ninguém louva seu heroico sofrimento de ter sido esquecido desde 1912, quando aconteceram às consagrações de pastores e ele nunca foi lembrado. Não teve títulos e cargos no início e, nos anos seguintes, diversos outros suecos vão assumindo igrejas e postos na hierarquia. Para Berg, restou apenas receber uma placa em 1961. Reverenciado às vésperas da morte, mas esquecido enquanto vivo.[214]

Nils Kastberg relatou que graças ao trabalho de João Pedro da Silva em Vitória, diversas igrejas foram estabelecidas com templos próprios, incluindo Aribiri, com 210 membros; Baixo Guandu, com 120 membros; Peixe Verde, com 40 membros; e Mochuara, com 70 membros, além de oito congregações, totalizando 250 membros. Durante seu pastorado em Vitória, o pastor também fundou igrejas em Minas Gerais, começando por Aimorés, onde deixou cerca de 300 crentes. No total, estima-se que o trabalho de João Pedro da Silva em Vitória e Minas Gerais tenha resultado em cerca de 1.110 crentes.[215] Os primeiros pastores consagrados pela AD de Aribiri foram: Ormídio Siqueira das Neves (1905-1969),

[212] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Julho de 1935. [*online*].
[213] A escola primária pastor João Pedro da Silva, foi fundada em 1964 oferecendo educação primária de 1º a 4º série. No ano de 1966, passou a chamar-se Obra social pastor João Pedro da Silva, quando os professores foram mantidos através do convênio com o Governo do Estado, até o ano de 1975, implantando o ensino de 5º a 8º série. Para mais detalhes, consulte: EMEF JOÃO PEDRO DA SILVA. *História da Escola João Pedro da Silva*. [s.d.]. [*online*]. [n.p.].
[214] ALENCAR, 2019, p. 146.
[215] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Julho de 1935. [*online*].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

para servir em Baixo Guandú e Minas Gerais. Francisco Miranda, que trabalhou em Uberaba MG, Camilo José Peclat, o qual fundou a igreja de Itaperuna RJ, Espera Feliz MG, Cachoeiro de Itapemirim e outras igrejas na região sul do ES.[216] Diante disso, Lopes retrata as características marcantes do pentecostalismo assembleiano, cuja expansão ocorreu aceleradamente ao longo de sua história.

> O formato simples do evangelho pregado, o acolhimento comunitário, a liberdade de pregar concedida aos leigos, independentemente da posição social ou do grau de instrução do fiel, a possibilidade de poder usufruir de bênçãos divinas e de reconhecer-se como instrumento da ação divina, podendo retransmitir livremente a outrem aquilo que crê ser a ação divina em sua vida; as manifestações extracotidianas de glossolalia, profecias e cura divina; a inserção do novo converso em uma comunidade fraternal organizada à parte da estrutura social vigente e o regramento da vida com base em preceitos ascéticos.[217]

Após a morte do Pastor João Pedro da Silva, o primeiro capixaba a assumir a liderança da igreja foi o Pastor Ormídio Siqueira das Neves que havia se convertido em 1929. Ele ficou no cargo durante 1 ano, até 16 de junho de 1935, quando foi substituído pelo Pastor Joaquim Moreira Costa de Araújo, que foi empossado pelo sueco Nils Kastberg.[218] Moreira Costa liderou a igreja até o início de 1940. Após a saída de Moreira Costa, ocorreram várias mudanças de liderança na igreja, com a chegada dos pastores Tales Caldas, Eugenio de Oliveira e José Menezes.[219]

Em 1939 um evento histórico marcou a cidade de Vitória: a inauguração do Cais do hidroavião, no bairro Santo Antônio. A proximidade com o centro da cidade e a presença do bonde de transporte de passageiros foram fatores decisivos para a escolha do local. O Cais do hidroavião tornava-se símbolo de progresso e modernidade, sendo o único meio de inclusão do ES no transporte aéreo nacional.[220] Em 1941, Tales Caldas ficou por poucos meses (aproximadamente três meses) na igreja sede, mas nesse curto período, transferiu a sede do ministério para o centro da cidade de Vitória, pois considerou que o templo no Aribiri em Vila Velha estava longe do centro da cidade. A despeito disso, Tales Caldas escreveu:

> O trabalho está bem unificado, em todos os sentidos. Até agora, a igreja tinha seu templo em lugar um pouco afastado da cidade; sentimos necessidade de um local mais central. Presentemente estamos no centro da cidade de Vitória, onde alugamos

[216] LIMA, Álvaro O. *Estatuto*: regimento interno, código de ética pastoral e histórico da CEMADES. Vila Velha: CEMADES, 2018. p. 23.
[217] LOPES, Deivis V. *A organização eclesiástica da Assembleia de Deus em Canoas/RS*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. p. 25.
[218] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Julho de 1935. [*online*].
[219] ARAÚJO, 2011, p. 176.
[220] ADSA. *A história da Assembleia de Deus em Santo Antônio*. [s.d.]. [*online*]. [n.p.].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> um grande salão que comporta 450 pessoas. O velho templo funciona como ponto de pregação e oração. O nosso novo endereço é Avenida Capixaba, nº 459.[221]

No dia 06 de setembro de 1941, inaugurou-se um novo templo, dessa vez localizada em Fundão ES. Nessa ocasião, esteve presente Samuel Nystrom, Belarmino Pedro Ramos e Eugênio de Oliveira. A AD de Fundão tornou-se marco na evangelização das cidades do Norte do estado; João Neiva, Colatina, Linhares e Serra, através do pastor Antônio Brito, Getúlio Pimentel Loureiro e Esmeraldo Gomes, que foram empossados em Fundão pelo pastor Moreira Costa, conforme registrado em ata da época, datada de 08/12/1935.[222]

Em 6 de Outubro de 1942, vindo de Petrópolis, assumiu o Pastor Belarmino Pedro Ramos (1897-1961), e permaneceu no cargo até 08 de agosto de 1944, quando foi para AD de Duque de Caxias, substituir Tales Caldas.[223] Em seu lugar assumiu o pastor Waldomiro Martins Ferreira, onde permaneceu por 26 anos como pastor regional e intensificou a evangelização. Nesse período, as ADs no ES cresceram exponencialmente, formando alguns aparelhos burocráticos que já estavam em vigor em âmbito nacional. Este assunto será abordado de forma mais detalhada no terceiro tópico.

Em resumo, segundo Alencar, o primeiro momento da história da igreja (1911 a 1946) foi caracterizado como um período de "todos por todos", pois ainda não havia divisões e disputas acirradas como as que viriam posteriormente. Exercer um ministério nas primeiras décadas da história assembleiana implicava em militância na causa evangélica pentecostal. Assim, a dimensão carismática do movimento prevalecia, em que a legitimidade do líder ou da pregação se dava pela aprovação dos fiéis. Essa membresia militante foi fundamental no crescimento e consolidação dessa comunidade.[224] Gedeon Alencar também destaca que esse período foi marcado por narrativas que apontam para a realidade da igreja do primeiro século. Cartas eram enviadas de várias regiões do país, relatando no jornal *Mensageiro da Paz* que, após a conversão, os crentes eram batizados com o Espírito Santo e sofriam perseguições, como desemprego, expulsão de casa e até mesmo hostilidade de outras denominações cristãs.[225]

> Nesta primeira fase é um movimento, porque não tem ainda personalidade jurídica, oficialidade institucional, cargos, títulos e patrimônio; é a soma do altruísmo de alguns suecos, com a militância aguerrida de brasileiros, majoritariamente migrantes e nordestinos. Nós não estamos insinuando que é uma fase perfeita e construída por

[221] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 2º quinzena de Outubro de 1941. [*online*].
[222] PONTES, Paulo. Assembleia de Deus no Aribiri comemora 90 anos de história. *In*: SEARA NEWS [*Site* institucional]. 07 mai. 2015. [*online*]. [n.p.].
[223] ARAÚJO, 2011, p. 176.
[224] ALENCAR, 2019, p. 107-108.
[225] ALENCAR, 2019, p. 107-108.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> gente perfeita, pois tem também suas crises, inclusive pela forma anárquica como é dirigida em seus primeiros dias.[226]

O movimento pentecostal no ES em seu estágio inicial foi caracterizado por um *ethos* sueco-nordestino, resultado do pioneirismo de Daniel Berg, um missionário sueco, e João Pedro da Silva, um pastor nordestino.[227] Berg não fundou uma igreja (templo) em solo capixaba, ele se reunia em casas e praças, e, segundo o livro *Despertamento Apostólico no Brasil*, efetuou o primeiro batismo. A fundação da primeira igreja (templo) pentecostal em solo capixaba foi fundada pelo pastor João Pedro da Silva.

A afirmação de que Gunnar Vingren e Daniel Berg fundaram a igreja mãe das ADs no ES, conforme relato na revista *Seara News* em 2015, por ocasião da comemoração do 90º aniversário da AD em Aribiri, faz parte da construção dos mitos fundadores derivado do senso de identidade do grupo, pois foram esses missionários que fundaram as ADs no Brasil. Na revista, é dito que "a Igreja mãe das Assembleias de Deus no Espírito Santo foi fundada em 1925 por Daniel Berg e Gunnar Vingren"[228]. De acordo, com o *Diário do Pioneiro*, Vingren esteve com Berg em solo capixaba somente durante quinze dias em novembro de 1923, e o mesmo atribuiu a fundação a Berg.[229] É importante destacar, no entanto, que em outra publicação da revista *Seara News*, é contada a história da AD no estado, com base nos registros de Conde, o que revela uma contradição, pois, Gunnar Vingren, nem se quer aparece no relato de Conde, aliás, nenhum outro texto relata a passagem de Gunnar Vingren em 1923 no ES, conforme registrado no *Diário do Pioneiro*. Essa informação passou despercebida pelos demais estudiosos.

Segundo Alencar, preservar certos personagens (ou seja, sem dimensão histórica) faz parte de uma produção simbólica: "eles representam o que essa igreja é, mas também podem sinalizar o que a denominação gostaria de ser; ou, contrariamente, muito do que o movimento nega, mas pratica"[230]. Isto é, com a institucionalização de um grupo, é comum que se crie uma narrativa mitológica sobre sua fundação, muitas vezes em contraposição aos fatos históricos registrados. Nesse processo, os símbolos ou imaginários adquirem grande importância como forma de definir o que é considerado adequado ou inconveniente dentro da comunidade. Os símbolos agregam valores e princípios que são considerados fundamentais para a identidade

[226] ALENCAR, 2019, p. 99.
[227] A mentalidade da AD carrega as marcas dessa dupla origem: da experiência sueca das primeiras décadas do século, de marginalização cultural; e da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte/Nordeste dos anos 30 a 60.
[228] PONTES, 2015, [n.p.].
[229] VINGREN, 1973, p. 130.
[230] ALENCAR, 2019, p. 45.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

do grupo, enquanto tudo o que se opõe a esses valores pode ser visto como diabólico ou nocivo à comunidade.

Este tópico, portanto, procurou esclarecer a origem do pentecostalismo assembleiano no território do espírito-santense, considerando alguns processos socioeconômicos que ocorreram no momento em que o fenômeno pentecostal emergiu. Ao cruzar as poucas fontes disponíveis, primárias e secundárias, foi possível visualizar a história do surgimento da denominação de forma mais clara e ampla, para além da história que é reproduzida nas plataformas digitais das convenções assembleianas estadual. Feito isso, busca-se resgatar a biografia de Camilo José Peclat, que foi pioneiro pentecostal em solo espírito-santense, porém esquecido pela editora das Assembleias de Deus, a CPAD, que já publicou outras biografias e autobiografias, como a de Daniel Berg, Gunnar Vingren, Frida Vingren, Nils Taranger, Samuel Nystron, Nels Nelson, Gustavo Bergston, Lewi Petrus, Alcebíades Pereira Vasconcelos, Moysés Soares da Fonseca, Ary Coelho, Victorino Silva e José Wellington.

3.2 A EXPANSÃO PENTECOSTAL A PARTIR DE CAMILO JOSÉ PECLAT

A biografia de Camilo José Peclat (1901-1977), intitulada *Pioneirismo pentecostal, ministério e vida do pastor Camilo José Peclat*, escrita por seu filho Odonias Peçanha Peclat, apresenta muitas semelhanças com o livro de Atos. É uma biografia repleta de fatos históricos e também de ufanismos. Ou seja, é de suma importância para entender o início das ADs no ES, principalmente na região sul, onde Peclat teve maior atuação. De acordo com Guimarães, os primeiros missionários são tratados como heróis desbravadores e, aos primeiros fieis, somente é feita menção quando na ocorrência de um fato atribuído à ação divina que venha a exaltar o trabalho dos pioneiros. As narrativas seguem o mesmo padrão: um missionário é impelido por uma ação divina a formar um grupo de pentecostais em determinado lugar; o missionário passa por muitas intempéries até atingir o objetivo final; acontecem as primeiras conversões e posteriormente, ou de imediato, o batismo com o Espirito Santo; acontece a construção do primeiro templo; os crentes são perseguidos; a igreja cresce e se fortalece; e, por fim, o missionário parte para outra missão.[231] De acordo com Marina Corrêa:

> Na verdade, a história dos missionários fundadores da igreja Assembleia de Deus corroboram com a teologia da igreja, com o uso dos dons carismáticos, como a

[231] GUIMARÃES, Robson F. *Os últimos dias*: crenças, sentimentos e representações dos pentecostais da igreja Assembleia de Deus em Belo Horizonte relativos ao imaginário do fim dos tempos. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004. p. 19.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> profecia, orações em línguas estranhas, orações de cura, influência sobrenatural na vida cotidiana da membresia brasileira. As narrativas são cercadas de cuidados de instrução em filtrar apenas os aspectos positivos. Não se trata de livros de aventuras ou ficção, porém, os fatos vividos por esses missionários, muitas vezes, remonta a própria imaginação de seus leitores.[232]

De acordo com a biografia, no início da década de 1930, Peclat, juntamente com sua família, vivia em uma fazenda no interior do município de Itaperuna, num distrito chamado Alto Limoeiro RJ. Nessa época, Peclat era dirigente de uma congregação batista, onde ensinava sistematicamente a Bíblia e se dedicava ao evangelismo. Essa congregação era tipicamente tradicional e não trazia problemas ao pastor presidente, Erodice Queiroz.[233]

Até 1933 nada de diferente acontecia naquela congregação, até que Severiano Rodrigues de Souza, cunhado de Camilo, viajou até Rio Doce, e em seu regresso hospedou-se em uma pensão na cidade de Vitória, capital do ES. Da janela de seu quarto, observou um grupo de pessoas na Praça Costa Pereira, cantando e orando. Severiano identificou alguns daqueles hinos e logo pensou ser um culto batista. Imediatamente foi reunir-se com aquele grupo, porém, já estava desconfiado, pois se tratava de um culto recheado de Glória a Deus, Aleluia e línguas estranhas, uma liturgia que nunca havia presenciado antes. Apresentou-se como membro da igreja Batista de Itaperuna e foi bem recebido pelo grupo. Quando terminou a reunião, Severiano resolveu tirar as suas dúvidas. Os fieis, então, apresentaram o pentecostalismo, procurando comprovar tudo que diziam dentro da Bíblia, utilizando principalmente o livro de Atos. Terminado a conversa, Severiano recebeu um exemplar do jornal *Mensageiro da Paz.*[234] No dia Seguinte, Severiano embarcou de volta a Limoeiro de Itaperuna e no caminho foi lendo o jornal, o qual, por sua vez, foi mexendo nas suas convicções. Chegando a Limoeiro, foi logo relatando o que havia acontecido. Mostrou o jornal primeiramente ao pastor Camilo, e este aos seus familiares, o que acabou despertando ali um grande interesse em conhecer a nova doutrina, principalmente os assuntos relacionados com o Espirito Santo, curas divinas e dons espirituais.[235]

Camilo Peclat a princípio não se mostrou tão interessado, pois suas convicções batistas falavam mais alto, contudo, sua esposa e irmãs resolveram organizar estudos bíblicos todas as noites, onde liam o jornal.[236] Essas reuniões foram ganhando adesões, e em pouco tempo,

[232] CORREA, Marina A. O. S. *A operação do carisma e o exercício do poder*: a lógica dos Ministérios das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 23.
[233] PECLAT, Odonias P. *Pioneirismo pentecostal*: ministério e vida do pastor Camilo José Peclat. Rio de Janeiro: Lua Nova, 1986. p. 9.
[234] PECLAT, 1986, p. 9.
[235] PECLAT, 1986, p. 10.
[236] PECLAT, 1986, p. 10.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

além dos familiares, muitos outros crentes batistas aderiram aos estudos daquela nova doutrina. Não passou muito tempo, começou a ter divergências nas reuniões. Alguns diziam que aquilo era apenas para os tempos apostólicos e outros acreditavam que era para os dias de hoje. Diante disto, a esposa de Camilo, Orlandina Peclat, desafiou a todos a se colocarem de joelhos e a orar pedindo o batismo com o Espirito Santo. A primeira a ter a experiência pentecostal de falar em línguas foi Orlandina, logo depois, o restante das mulheres que estavam presentes.[237] O pastor Camilo ainda estava resistente àquela doutrina, até que, convencido por sua esposa, resolveu orar pedindo o batismo pentecostal, fato que, em pouco tempo, veio a ocorrer. Ao chegar até o pastor Erodice à notícia sobre a experiência pentecostal de seus membros, convocou uma reunião com a diretoria da igreja, a fim de tratar do assunto.

> Esta reunião foi das piores que se pode imaginar. Depois de explicar o movimento a seu modo, dizendo conhecer muito bem este tipo de vento de doutrina e que se trava de baixo espiritismo, onde não havia respeito à moral, que não havia, de maneira alguma, lugar para tais pessoas no seio da igreja; um dos presentes à reunião, também discordante de tão edificante renovação espiritual, levantou-se e propôs: - irmãos, não podemos permitir heresias em nosso meio; proponho, então, que todos sejam excluídos da igreja. E assim mais de 30 pessoas foram excluídas.[238]

Com o jornal *Mensageiro da paz* em mãos, Peclat e Severiano anotaram o endereço da igreja no ES, que na época era pastoreada por João Pedro da Silva, e partiram em direção ao ES. Ao relatarem o que havia acontecido naquela pequena congregação Batista, João Pedro da Silva deu grande acolhida e partiu com Peclat e Severiano para Limoeiro. Chegando lá, o pastor João Pedro organizou o trabalho e colocou Peclat como dirigente, prometendo voltar em breve para visita-los, porém isso não aconteceu, João Pedro ficou enfermo e logo veio a falecer. Joaquim Moreira da Costa, pastor no ES, prestou apoio a Peclat por um curto período de tempo.[239]

Por volta de 1935, à congregação de Itaperuna já contava com grande número de membros, muitos convertidos ali, e outros originários de várias igrejas Batistas da redondeza. Nesse ano, Peclat convenceu Manoel Bastos, pastor batista, das doutrinas pentecostais, e a congregação Batista passou a ser congregação pentecostal de Alto-Limoeiro. Esta foi à primeira sub-congregação a ser organizada e ficou sob a direção de Manoel Bastos. Além dessa, foram abertos pontos de pregação em São José do Ubá. Monte Alegre, Valão da Onça,

[237] PECLAT, 1986, p. 11.
[238] PECLAT, 1986, p. 14.
[239] PECLAT, 1986, p. 14.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

São Domingos e Coleginho. Em razão do crescimento de membros, Peclat separou o primeiro obreiro como evangelista, o ex-pregador batista, Antônio de Paula.[240]

Em setembro de 1937 foi inaugurado o primeiro templo. Compareceu no evento Samuel Nystron e Tales Caldas. Um mês antes da inauguração do primeiro templo, no dia 2 de agosto de 1937, Peclat foi consagrado a pastor e, a partir de então, passou a pertencer à "Missão", como era conhecida a AD de São Cristóvão naquele tempo. Ainda em 1937, Peclat chega ao ES numa região conhecida como Moitãozinho acompanhado de Antônio de Paula para organizarem a congregação, onde ficou como dirigente Boanerges Rodrigues, levando a mensagem pentecostal até Itaóca.[241]

> Estando eles em vista aos trabalhos na região, passaram primeiramente por Moitãozinho, e dali visitaram a congregação de Itaóca. Nessa ocasião, um crente da igreja metodista de Cachoeiro de Itapemirim mandou um senhor ao encontro de meu pai, levando um convite para que fosse pregar em sua casa. Jubiloso, meu pai aceitou o convite e os dois pregadores seguiam em direção a Cachoeiro de Itapemirim e, pela primeira vez, foi realizado um culto pentecostal naquela cidade. Isto se deu em 27 de dezembro de 1938, em casa daquele crente metodista, morador do bairro Vila Rica, e que naquele ensejo souberam chamar-se Luiz Gonçalves.[242]

Depois de um tempo trabalhando no estado do ES, foram abertas congregações em Lambari (vila de Anutiba), Alegre, Nova Canaã, Garrafão, Ipê, Muqui e em vários outros lugares. Camilo Peclat relatou no jornal: "o que nos falta agora, é um templo para reunir o povo. Já compramos um terreno para esse fim. Todos os crentes aqui são pobres, mas certamente contribuirão alegremente com o que puderem."[243] Foi inaugurado o templo sede em Cachoeiro de Itapemirim em 1946 na Rua Samuel Levi 135, com a presença de obreiros dos estados do Espirito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, entre eles estavam os missionários Lawrence Olson e Otto Nelson, que ministraram estudos bíblicos.[244]

Em 1946 Peclat passa a igreja de Cachoeiro para o seu genro José Carlos Lessa para pastorear Itaóca. Em 1950, Peclat retorna ao RJ por conta de problemas de saúde, porém, as saudades de estar atuando no campo missionário o levaram a procurar o pastor Waldomiro Martins Ferreira, que era o pastor regional, para, dessa forma, retornar ao pastorado, assumindo em 1958, em substituição ao pastor Lessa, a AD de Alegre ES. O pastor Lessa foi transferido para Cariacica para pastorear a Igreja de Itacibá, de onde pouco tempo depois foi removido para a igreja central, da qual foi eleito vice-presidente e, consequentemente, indo

[240] PECLAT, 1986, p. 19.
[241] PECLAT, 1986, p. 21.
[242] PECLAT, 1986, p. 21.
[243] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Janeiro de 1946. [*online*].
[244] CONDE, 1973, p. 207.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

trabalhar com Waldomiro. Peclat teve ajuda de seu filho Odonias Peçanha Peclat e o genro Roque Ferreira Filho, que, mais tarde, tornou-se pastor presidente da AD de Carapina e presidente da CADEESO. Em 1962 foi inaugurado o templo em Alegre, com a presença de várias congregações, são estas: Anutiba, Celina, Vila do Café, Jerônimo Monteiro, Santa Angélica, Trindade, Iúna, Ibitirama, Santa Marta, São José do Caparaó, Muniz Freire, Vieira Machado, Piaçu, Pedra Rocha, São Domingos, São Mauricio, e vários pontos de pregação.[245]

Entretanto, na convenção geral de 1964, levantou-se uma discussão sobre a "Assembleia de Deus Pentecostal", nome que Peclat colocava nos trabalhos que abria. Por esse motivo, na última sessão realizada na manhã do dia 21 de Novembro, decidiu-se pela jubilação do pastor Peclat e a entrega dos trabalhos.[246]

> Na década de 60, o ministério de Camilo Peclat expandiu-se com a abertura de igreja no Estado do Espirito Santo e Rio de Janeiro sob o nome "Assembleia de Deus pentecostal". Isto Levou Peclat a ser alvo de discussão na convenção geral realizada em 1964. Peclat justificou-se dizendo que acrescentava o título pentecostal ao nome da igreja como referência ao que constava em seu documento de ordenação. Foi formada uma comissão para tratar do assunto, constituída por: Eurico Bergstén, José Amaro da Silva e Rodrigo Santana. Ficou definido que o pastor Peclat seria jubilado pelas ADs do Espírito Santo e entregaria a AD de Alegre e os trabalhos abertos em Marechal Hermes e Volta Redonda, ficando o caso aberto em Queimados, também no Rio de Janeiro, para ser tratado no interregno convencional pela junta executiva da CGADB.[247]

Sobre esse assunto, foi resolvido que o pastor Ely Gomes, de Volta redonda, regressaria ao ES, e o pastor Peclat prometeu retirar-se dos trabalhos existentes, devolvendo as igrejas locais dentro de um mês.[248] Peclat foi um desbravador da mensagem pentecostal na região sul do estado, abriu diversas igrejas e pontos de pregação. No entanto, foi vítima de uma injustiça na convenção geral de 1964, na qual, foi retirado das igrejas em que abriu por um motivo irrelevante, que foi acrescentar o nome "pentecostal" na placa da igreja. Esse tópico, portanto, resgata uma biografia esquecida pelas ADs. A maioria dos assembleianos conhece ou já ouviram falar de Daniel Berg e Gunnar Vingren, estes foram grandes pioneiros pentecostais no Brasil e fazem parte da memória oficial da denominação. Porém, é importante salientar, que existem ainda muitas histórias que precisam ser lidas, ouvidas e/ou contadas. A biografia de Camilo Peclat é uma dessas histórias que estão sucumbidas em meio às histórias oficiais, esquecidas no porão da história assembleiana capixaba e que clamam na

[245] PECLAT, 1986, p. 37.
[246] DANIEL, Silas. *História da convenção geral das assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 133.
[247] ARAÚJO, 2015, p. 551.
[248] DANIEL, 2004, p. 134.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

marginalidade. É necessário resgatá-las e trazê-las para o centro dos acontecimentos, para que possam ser observadas e estudadas.

3.3 A EXPANSÃO E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS ADS NO ES A PARTIR DE WALDOMIRO MARTINS FERREIRA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Esse tópico busca analisar a expansão e a institucionalização do movimento pentecostal assembleiano a partir do pioneirismo de Waldomiro Martins Ferreira (1916-1975). Esse período compreende de 1944 a 1970. Ou seja, é um período de transição do movimento pentecostal propriamente dito para a instituição pentecostal. De acordo com Alencar, nos primeiros anos, a igreja nascia por atividade particular de um membro, como resultado da imigração ou ímpeto missionário, isto é, surgia do nada e sozinha, do voluntarismo e da militância em prol da causa pentecostal. Reuniam-se em casas, cultuavam, e quando crescia solicitavam um pastor para organizar o trabalho. Porém, na medida em que as igrejas-sedes se fortaleceram e se estabeleceram como centro de poder, com a figura do pastor presidente, passou então a enviar obreiros para abrir trabalhos. É importante salientar que essa nomenclatura "pastor presidente" e "igreja sede" não existiam no início da igreja. Com o decorrer do tempo, surgiram essas estruturas burocráticas devido ao aumento do número de membros, capital econômico, e as disputas geográficas com outros ministérios. [249]

Entretanto, antes de adentrarmos no período proposto, vale destacar que, na primeira convenção geral das ADs no Brasil em 1930, foi proposta a transferência da responsabilidade da obra do norte/nordeste aos obreiros nacionais e sul/sudeste aos missionários suecos.[250] A despeito da convenção de 1930, Petrhus relata em sua autobiografia:

> Perguntei aos participantes se já não era tempo de as Assembleias brasileiras e os pastores assumirem a responsabilidade do trabalho nos estados do Norte e Nordeste do país. Nossos missionários poderiam partir para o Sudeste e Sul, regiões brasileiras onde o trabalho pentecostal ainda não existia ou onde ainda era fraco, precisando do apoio dos missionários.[251]

A partir de 1930, a gestão da região Sudeste do Brasil passou a ser dos missionários suecos. Em 1932, Gunnar Vingren passou a igreja de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, para o

---

[249] ALENCAR, 2019, p. 203.

[250] A convenção aconteceu nos dias 12 a 18 de dezembro de 1930, as questões tratadas foram: 1 - as relações conflituosas entre brasileiros e suecos; 2 – entre as igrejas do Norte/nordeste e sul e sudeste; 3 – Jornal boa semente (Belém-PA) e Som Alegre (Rio de Janeiro); 4 – atuação das mulheres na igreja.

[251] PETHRUS, Lewi. *Lewi Pethrus*: a vida e obra do missionário sueco que expandiu a mensagem pentecostal no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 223.

missionário sueco Samuel Nystrom (1891-1960). Samuel Nystrom foi empossado na igreja do campo de São Cristóvão em 14 de agosto de 1932, onde ficou até 1934. Em 8 de Julho de 1934 assumiu, por um curto período, o sueco Nils Kastberg, até o retorno de Nystrom em 1938 e sua saída definitiva em 1945.[252] Na época, o Rio de Janeiro era a capital do Brasil, o que deu ao pastor da igreja de São Cristóvão, a maior igreja da região, a proeminência sobre as demais igrejas, de forma semelhante ao Bispo de Roma na antiguidade, que se destacou por estar na capital do império e ter uma das melhores economias. Era nessa igreja também que se fabricava o jornal da denominação. Diversos presidentes da CGADB exerceram a direção desta igreja.[253] De acordo com Maxwell Fajardo:

> A chegada de Nystrom ao poder no Rio de Janeiro marca o final do projeto de igreja tal qual idealizado por Gunnar Vingren. No projeto do fundador, por exemplo, as mulheres teriam amplo espaço nas atividades ministeriais. No projeto de Nystrom não. A era Nystrom configura-se como um período de transição entre a liderança profética de Vingren e a efetiva instituicionalização do movimento com a burocratização da CGADB. Se na era Vingren ainda não temos ocorrência do termo "ministério" para se referir às frações da igreja, na era Nystrom começa a ganhar corpo á ideia de vários ministérios independentes em torno de uma convenção. No campo político a era Nystrom foi contemporânea ao primeiro período Vargas, incluindo-se aí a Ditadura do Estado Novo com a consequente valorização do nacionalismo como política de governo. É significativo, portanto, que neste período os brasileiros comecem paulatinamente a ganhar maior evidência no campo assembleiano frente aos suecos.[254]

As ADs no ES ficaram por um período sob a tutela da igreja de São Cristóvão, e gradualmente a responsabilidade pelo trabalho foi transferida dos missionários suecos para os obreiros brasileiros. Como pôde ser observado anteriormente, o missionário sueco Otto Nelson enviou João Pedro da Silva em 1930. Após a morte de João Pedro em 1934, o sueco Nils Kastberg consagrou ao pastorado Moreira Costa e Siqueira das Neves. Deu posse Moreira Costa na igreja do Aribiri, e designou Siqueira das Neves para voltar a liderar as igrejas que foram abertas em Minas Gerais na gestão de João Pedro.[255] Após a saída de Belarmino Pedro Ramos, Waldomiro Martins Ferreira foi empossado no dia 30 de Outubro de 1944 pelo sueco Nystrom na AD capixaba, onde ficou por 26 anos, até 1970. Waldomiro já havia ficado a frente da AD capixaba por três meses, quando ainda era solteiro, segundo o relato de Manuel Calazans no jornal de 1942.[256] De acordo com o Entrevistado/a 1:

> Waldomiro retornou para Vitória já casado e com seu filho Levi, com um ano de idade, em 1944. Alugou uma casa em Cavalieri, próximo ao Aribiri, onde passava o

[252] NELSON, 2008, p. 45.
[253] FAJARDO, 2019, p. 93.
[254] FAJARDO, 2019, p. 93.
[255] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Julho de 1935. [*online*].
[256] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Julho de 1942. [*online*]..

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> bonde na porta de casa. O bonde era o principal meio de transporte, ia de Paul até Praia da Costa. Eu lembro que em Una Grande, próximo a Serra, nós íamos à canoa. Tinha uma igrejinha lá. Waldomiro fazia visita nos lares e prestava assistência em todos os pontos de pregação. Waldomiro construiu uma igreja no Aribiri. Bem mais larga e cumprida do que a anterior. A anterior era muito pequena, não cabia quase ninguém. O irmão Chico Ovídio foi um dos primeiros crentes. Waldomiro fez uma casinha pra ele atrás da igreja. Vila Velha começou a crescer. Vila Velha só se conhecia o lado de cá da rodovia Carlos Lindenberg. O outro lado era tudo mato. Não tinha caminho. Não tinha estrada asfaltada para Vitória, só tinha a ponte Florentino Avidos. Aqui não tinha nada. Tinha um bonde que passava por Paul, Garrido, Vila Batista, Ataíde e então fazia Praia da Costa. O melhor meio de transporte era o bonde. Depois começou aparecer os primeiros ônibus. Em Paul tinha lanchas que fazia o transporte até Vitória. Muitos irmãos trabalhavam no remo, eram catraeiros. Transportavam o bote no remo de Paul para Vitória. [...] Waldomiro abriu muitos trabalhos. O primeiro que ele abriu em Vitória, foi em Santo Antônio, uma congregação alugada perto do aeroporto. Antigamente tinha o hidroavião que aterrissava nas águas de Santo Antônio. E assim foi crescendo. Depois foi construído o templo da igreja de Santo Antônio doada pela Família Rocha. Depois abriu outra em Maruípe, onde Waldomiro colocou o pastor Noberto e depois Manoel Antônio para tomar conta. Dali ele consagrou o irmão Rodolfo que foi enviado para Multrapeba município de Fundão. Waldomiro abriu todas as igrejas próximas ao Aribiri. [...] Waldomiro abriu trabalhos em Linhares. Não tinha nem ponte para atravessar. Nós atravessamos na balsa. De lá fomos para São Mateus. Nós passávamos dentro da mata, pois não tinha estrada. Um dos primeiros crentes de São Mateus foi à irmã Rachid e seu esposo Agenor. Depois Waldomiro colocou o pastor Dionísio para tomar conta. Depois ele abriu em Conceição da Barra juntamente com o pastor Vlademir que é pai do pastor Délio Nascimento, que, atualmente, é pastor da região da Serra. Um dos primeiros pastores da Serra foi Esmeraldo Gomes. Em Santa Teresa, Waldomiro abriu o trabalho e colocou Guilherme Klei, vindo da AD de Cachoeiro de Itapemirim. Em Cariacica, o primeiro pastor da Igreja de Itacibá foi Rufino Lima. Depois que veio Manoel Souza Filho. A igreja de Itacibá abriu várias subcongregações. As primeiras foram em Nova Brasília e Alto Laje. Os primeiros pastores em Cariacica foram: Florêncio Flor, João Januário dos Reis, Osvaldo Lírio, Edson Teodoro dos Santos, Pedro Leite, Flodoaldo Rodrigues e Manoel Souza Filho. Waldomiro também fundou a igreja de Aracruz. Aracruz dava assistência em Nova Almeida. Nova Almeida era congregação de Aracruz. Lá, um dos primeiros crentes foi Solom Borges que é Avô do pastor Loureiro [...]. Mais tarde, quando as coisas foram melhorando, Waldomiro comprou um caminhão para fazer evangelismo. Ele levava a banda do Aribiri para cantar nas festividades das congregações. Waldomiro abriu igrejas em todo lugar do ES, de norte a sul. Ele abriu igrejas na Bahia, Minas Gerais e enviou o primeiro missionário para Bolívia, Oscar Castelo. Os primeiros presidentes de mocidades aqui no estado foram: Samuel Tenório, Jaijairo Castelo, Isaque Samora e Levi Aguiar. A mocidade crescia muito. A igreja batista crescia muito também nessa época. O trabalho crescia de maneira extraordinária.[257]

Essa dinâmica de expansão marcada pelo entusiasmo de levar a mensagem pentecostal, bem como das dificuldades enfrentadas na época, pode ser observada também nas palavras de Zilda Duarte no jornal de 1948 e 1943:

> No dia 20 de Junho, pela manhã, numerosa caravana, composta de seis caminhões superlotados de crentes, viajou até a tradicional vila de Nova Almeida, aonde havíamos combinado uma concentração do povo de Deus. Quando ali chegamos já havia crentes dos lugares próximos. Logo que chegamos, reunimo-nos na rua

[257] Entrevistado/a 1. Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> principal, e de sobre um caminhão improvisado em púlpito, o pastor Waldomiro pregou a Palavra de Deus à grande multidão que estava reunida. Ali mesmo, quando um convite para aceitar Jesus foi feito, 10 pessoas levantaram o braço como sinal. A seguir fomos até a praia, onde se realizou o batismo nas águas de 9 candidatos que obedeceram ao que está escrito, para andarem em novidade de vida. Após o batismo, reunimo-nos na casa de oração, que nesse dia foi inaugurada, para servir a causa do Senhor, e no final do culto, mais três pessoas aceitaram Jesus. No culto à noite, após ouvirmos muitos testemunhos das maravilhas que o Senhor fez duas outras pessoas aceitaram Jesus por único salvador. Em toda a região da Serra há grande interesse pelo Evangelho, mas também há muita perseguição. Ultimamente os irmãos foram apedrejados, mas a obra continua a prosperar.[258](...) Em 1940, quando dirigíamos culto na praça desta cidade, fomos alvos de pedradas. Uma das pedras atingiu a irmã em lugar mortal, porém o Senhor guardou-a. Damos graças a Deus porque agora dirigimos cultos em qualquer lugar e somos garantidos pelas autoridades locais.[259]

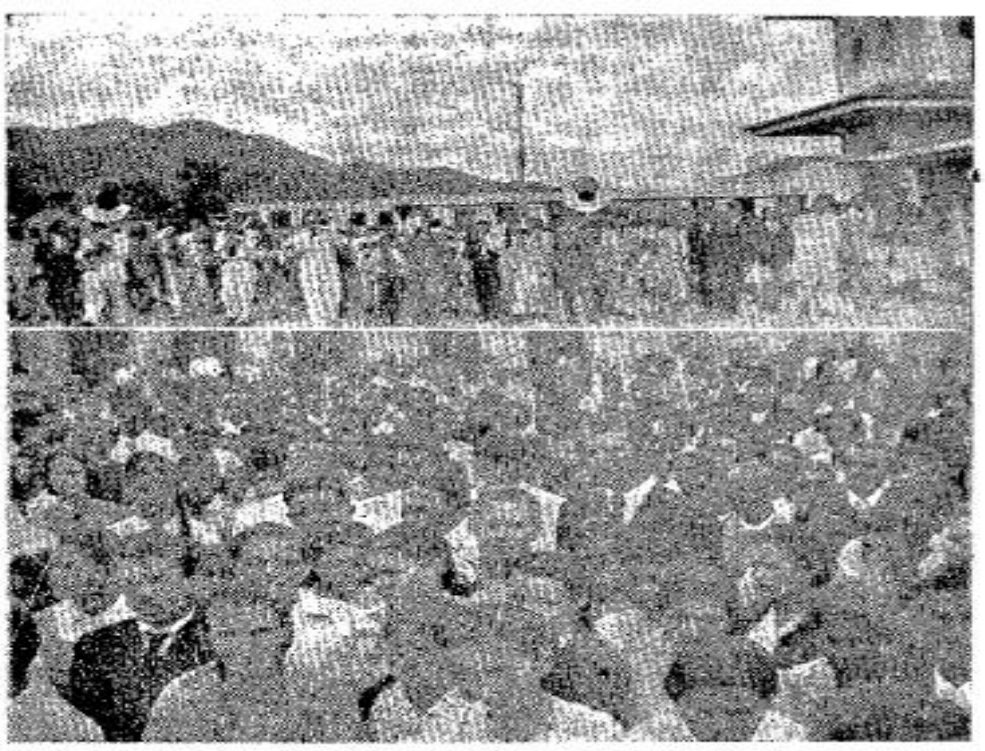
De acordo com Carneiro, o crescimento do fenômeno religioso pentecostal é um fato presente representado por pesquisas que demonstram sua expansão pelas diversas regiões do país. A população pentecostal é apontada historicamente como parte de uma população pouco letrada e de baixa renda. O pentecostalismo é o próprio agente do seu crescimento devido a seu proselitismo crescente, organização interna e externa em meio a um processo de institucionalização e racionalização de suas práticas.[260] Waldomiro evangelizava a pé, andando léguas, a cavalo, em canoa, em navio, ou de avião. Os templos eram erguidos, estabelecendo igrejas em todos os municípios do estado, estendendo a Minas gerais, Bahia e no exterior, na Bolívia. Waldomiro fundou o programa radiofônico "A voz pentecostal" e o "Dia do Obreiro".[261] Fazia grandes concentrações de evangelismo com a presença de autoridades e políticos.[262] Veja a figura abaixo:

Figura 3. Desfile e culto ao ar livre realizado na Serra-ES[263]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

[258] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 2º quinzena de Outubro de 1948. [*online*].
[259] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Dezembro de 1943. [*online*].
[260] CARNEIRO, 2013, p. 47.
[261] ARAÚJO, 2015, p. 19.
[262] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Março de 1958. [*online*].
[263] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Outubro de 1957. [*online*].



Desfile e culto ao ar livre — Serra — Esp. Santo

Segundo Carneiro, com o crescimento de outras religiões e denominações de cunho pentecostal, a disputa pelas almas, por crescimento e por hegemonia num mercado de bens simbólicos, se tornou, cada vez mais, uma necessidade iminente para as agremiações evangélicas, especialmente para as ADs.[264] O período da gestão de Waldomiro foi concomitante com a segunda onda do pentecostalismo no Brasil, por esse motivo, as ADs aderem o rádio como meio de evangelização. Gunnar Vingren já havia proposto o uso do rádio no inicío da igreja, porém, não foi acatado pelos demais suecos, sob a alegação de que o rádio era profano. Ou seja, devido à concorrência com outras igrejas pentecostais que se inseriram em solo brasileiro, o uso do rádio tornou-se necessário na disputa pelo campo religioso. Carneiro salienta que, "a busca por espaço nesse mercado da fé tende levar a denominação a se aproximar da esfera secular, como, por exemplo, a arena política, para sobrevivência e permanência de sua expansão."[265]

Em 1953 Waldomiro recebeu em Vitória o primeiro pregador pentecostal desse estado e do Brasil, o missionário Daniel Berg. Na ocasião, comemorava-se a data de fundação do pentecostalismo capixaba (1924) e a construção do primeiro templo (1934). Na fotografia, Daniel Berg está na primeira fila, e ao seu lado, Waldomiro, com o filho no colo.

[264] CARNEIRO, 2013, p. 51.
[265] CARNEIRO, 2013, p. 51.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> No dia 22 de Março de 1953, a Assembleia de Deus em Vitória reuniu em sua sede os membros de todas as congregações, para comemorar o 29º aniversário de fundação e 19º do primeiro templo construído no Estado. Nesse dia tivemos o privilégio de dar as boas vindas ao missionário mais antigo, isto é, ao primeiro missionário pentecostal que pisou terras do Brasil, o irmão Daniel Berg, o qual chegou ao Pará em 1910, em companhia do irmão Gunar Vingren, que já está com o Senhor. Foi para nós um privilégio ter conosco o irmão Daniel Berg durante 15 dias, o qual visitou também as congregações de: Maruípe, Santo Antônio, Itanguá, Multrapeba, Fundão, Cariacica, Tanque, Leprosário de Itanhenga e Carapina. Também é grato recordar que em todos os lugares visitados vimos pessoas aceitarem Jesus Cristo, durante esses dias. Pelo relato que aí fica, os irmãos podem verificar que Deus deseja que nos apressemos a levar a mensagem de salvação, porque os campos estão realmente brancos e prontos para a ceifa. Todas as congregações desta igreja gozam das mesmas bênções e prosperidade espiritual, pois quem opera nos corações para salvar e batizar com o Espírito Santo, é Jesus Cristo, o qual é o mesmo ontem, hoje e para sempre. [266]

Observe a figura abaixo:

Figura 2. Multidão reunida à frente do templo, na cidade de Vitória-ES



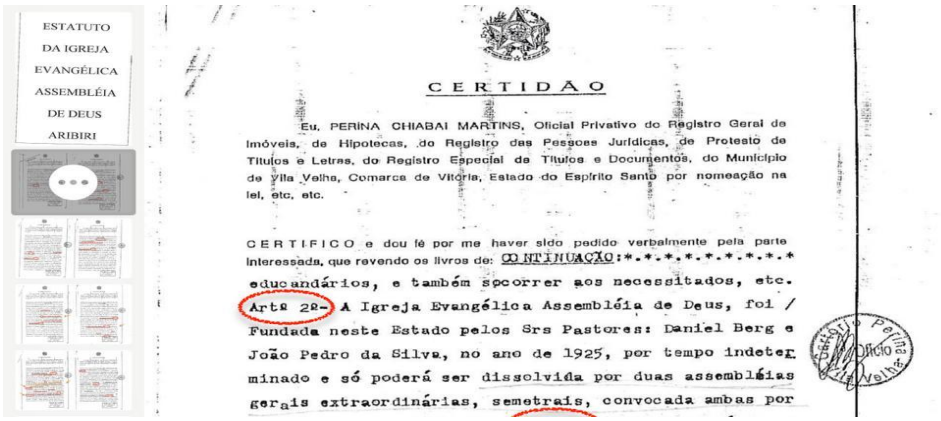
Multidão reunida à frente do templo—Vitoria—Esp. Santo

Uma situação que é importante ressaltar é o registro em cartório de fundação da AD, feita pelo pastor Waldomiro em 17 de março de 1958. Está escrito: "A igreja Evangélica Assembleia de Deus, foi fundada neste Estado pelos Srs pastores: Daniel Berg e João Pedro da Silva, no ano de 1925". Contudo, como já mencionado nos dois registros (*História das Assembleias de Deus no Brasil e Despertamento Apostólico no Brasil*), Daniel Berg deixou Vitória em 1924 e João Pedro da Silva chegou em 1930, portanto, em 1925 nenhuns dos dois estavam presentes no estado. E mais ainda, no ano de 1953, quando Berg visitou Vitória durante 15 dias, como visto acima, considerava-se o ano de 1924 como a data de fundação da mensagem pentecostal (que coincide com os relatos apresentados) e não 1925, como registrado em cartório. No entanto, desde então, leva-se em conta o registro em cartório para a comemoração da fundação da mensagem pentecostal em solo capixaba.

[266] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Outubro de 1953. [*online*].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Figura 4. Certidão de registro em cartório[267]



O pastor Waldomiro foi membro da mesa diretora na CGADB em 1946, 2º secretário em 1953, e membro do conselho administrativo da CPAD por dois mandatos (1948 e 1955). Diante do grande crescimento, Waldomiro fundou em 18 de Outubro de 1959 a Convenção das Assembleias de Deus no Estado do Espírito Santo e Outros (CADEESO).[268] A mesa diretora ficou composta por Waldomiro Martins Ferreira, Oscar Castelo, Vital Elói Guedes e Manoel Souza Filho.[269] A convenção foi criada porque algumas ADs que estavam no ES estavam ligadas ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, e algumas igrejas do campo do ES estavam situadas em Minas Gerais e Bahia. Com a multiplicação dos ministérios e o desejo de seus respectivos pastores-presidentes em ampliar suas redes de igrejas, gerou a problemática das "invasões de campo", um dos temas que passam a aparecer em quase todas as reuniões da CGADB na década de 1960.[270] Isto é, A AD irá se afirmar por meio da organização um aparelho burocrático-institucional ao longo da sua trajetória para alcance de seus objetivos como instituição religiosa.[271] Tal conjuntura é paralela ao processo de desenvolvimento do núcleo urbano da cidade de Vitória, que passa por avanços mais significativos após os anos de 1960. Época em que os grandes projetos industriais são efetivamente implantados, atraindo migrantes.[272] De acordo com o Entrevistado/a 2:

> O pastor Waldomiro deu um "boom" de desenvolvimento porque ele era um bom pregador. Ele não media esforços. Naquela época para viajar para o interior do Espírito Santo era difícil. Ele ia até Minas Gerais. Foi muito boa à gestão do Waldomiro. Ele fazia culto do obreiro. Havia uma unidade muito boa. Mas, com o tempo, devido à doença dele, ele perdeu a visão. Ele teve muita dificuldade. E com a

[267] IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS MINISTÉRIO DO ARIBIRI (IADMA). *Certidão de registro em cartório* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <tiagoborges.icm@gmail.com>. em 23 jun. 2023. 1 *e-mail*.
[268] ARAÚJO, 2016, p. 312.
[269] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 2º quinzena de Junho de 1960. [*online*].
[270] FAJARDO, 2019, p. 351.
[271] CARNEIRO, 2013, p. 54.
[272] CARNEIRO, 2013, p. 78.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> ambição de outros pastores querendo disputar o poder. Sabe como é o poder, né? Aí começou os conflitos. Esses conflitos geraram a primeira cisão. Naquela época o pastor regional tinha várias congregações. Pastor Waldomiro era presidente de todo o estado e se envolveu na política. Naquela época era um pecado gravíssimo, era condenado terrivelmente pela Assembleia de Deus. E ele se candidatou. Não vi falta de lisura. Tinha oposição dentro da igreja por causa do tradicionalismo da Assembleia de Deus. Ele se candidatou a deputado e vereador, porém não se elegeu. Foi proposta a jubilação do Waldomiro, porém ele não aceitava. Depois ele aceitou, por causa da pressão. Os pastores não o queriam na presidência por causa da deficiência visual. Naquela época não aceitavam um pastor cego dirigindo a igreja. O problema todo foi à saúde dele, naquela época o povo achava isso um absurdo. Hoje em dia tem o filho dele que é cego e dirige igreja, tem o Mário Souza que também dirige igreja. Mas naquela época achavam que se Jesus não curasse é porque estava em pecado. Então ele enfrentou muito problema por causa disso. Quando começou essas divisões, a CGADB veio aqui. Cícero Canuto de Lima também veio para tentar conciliar, mas Waldomiro não aceitou a interferência da CGADB, mas depois com outras reuniões ele acabou aceitando. As igrejas prometeram pra ele um valor mensal para se sustentar porque a igreja não tinha fundos para pagar o salário. Só que algumas igrejas pagaram e outras não, e isso gerou um grande problema. Pastor Waldomiro precisava sobreviver, as igrejas não cumpriram o compromisso com ele, ficava difícil, né. Foi então que ele abriu o Ministério Ibes, junto com outro pastor, onde o Levi dirige hoje. Quando Waldomiro saiu, todo mundo se sentiu no direito de registrar a igreja no cartório. As igrejas ganharam autonomia. Porque antes era dirigido por uma pessoa, depois passou a ser dirigido por várias, e cada um se organizou da sua maneira. A CGADB dava apoio a essas coisas. Teve brigas constantes nas igrejas. Você nem tinha prazer em ir aos cultos porque era um falando do outro.[273]

Conforme Alencar, "igrejas formadas, prédios construídos, renda estabelecida, ministérios oficializados, vão gerar novos núcleos de poder, consequentemente alvos de disputa entre os ministérios."[274] Até 1970 as ADs no ES eram unificadas. A igreja sede era o Aribiri e todas as congregações eram filiadas a ela. O Aribiri também era a sede da CADEESO. As congregações tinham sub-congregações. Uma das maiores era a igreja de Itacibá, que tinha cerca de 20 sub-congregações. Nessa época, tinham sim, algumas brigas e disputas, mas eram mínimas. Waldomiro era o pastor da igreja sede e presidente da convenção. Todo ano havia eleições para a presidência da igreja do Aribiri, e ele sempre era eleito. De acordo com o Entrevistado/a 3, havia um grupo de pessoas organizadas para tirar Waldomiro da presidência do Aribiri e da convenção por conta da ambição pelo poder. Foram citados os nomes dos envolvidos/as, porém, por questão de ética, não será exposto.[275]

Alguns motivos levaram a retirada de Waldomiro da presidência que, consequentemente, culminou na grande cisão das ADs no ES: 1) as limitações e dificuldades por causa da deficiência visual e a não aceitação de um pastor cego na presidência; 2) o desejo pela autonomia e emancipação por parte dos pastores de congregações que tinham várias sub-congregações, ou seja, a ambição pelo título de pastor presidente; 3) o envolvimento de

[273] Entrevistado/a 3. Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[274] ALENCAR, 2019, p. 204.
[275] Entrevistado/a 3. Elaboração própria, dados inéditos, 2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Waldomiro na política, que também não era aceitável pelas ADs na época; 4) o desejo de alguns pastores em assumir o lugar de Waldomiro na sede e na convenção; 5) e uma acusação caluniosa de adultério, segundo o Entrevistado/a 1.

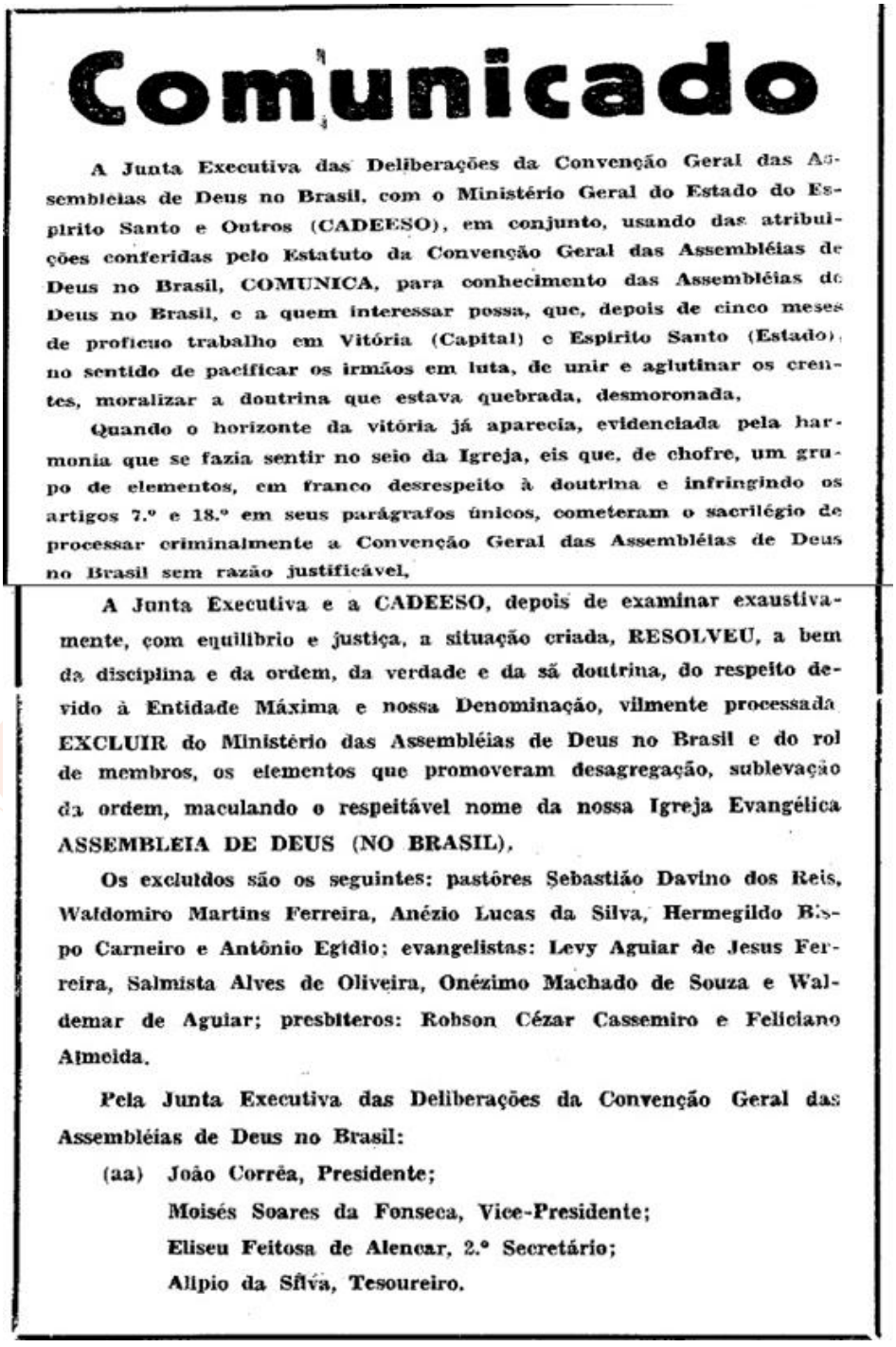
Com a saída do pastor Waldomiro da presidência do Aribiri, o pastor Edmundo Alves de Oliveira assumiu o cargo da presidência da igreja. Esse pastor até hoje é considerado presidente benemérito da CEMADES (Convenção Evangélica dos Ministros das Assembleias de Deus do Espírito Santo). Waldomiro e outros pastores processaram a CGADB pelas interferências no estado e por apoiar as decisões tomadas pela igreja sede. Por esse motivo, a CGADB, junto com a CADEESO (presidida por José de Souza Reis, que foi enviado pela CGADB para substituir Waldomiro), decidiu excluir esse grupo de pastores do rol de membros das ADs no Brasil, como pode ser visto no comunicado abaixo, publicado no jornal *Mensageiro da Paz* em Agosto de 1971.[276]

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

[276] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 2º quinzena de Agosto de 1971. [*online*].

Figura 5. Comunicado da CGADB[277]



Comunicado

A Junta Executiva das Deliberações da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, com o Ministério Geral do Estado do Espirito Santo e Outros (CADEESO), em conjunto, usando das atribuições conferidas pelo Estatuto da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, COMUNICA, para conhecimento das Assembléias de Deus no Brasil, e a quem interessar possa, que, depois de cinco meses de profícuo trabalho em Vitória (Capital) e Espirito Santo (Estado), no sentido de pacificar os irmãos em luta, de unir e aglutinar os crentes, moralizar a doutrina que estava quebrada, desmoronada,

Quando o horizonte da vitória já aparecia, evidenciada pela harmonia que se fazia sentir no seio da Igreja, eis que, de chofre, um grupo de elementos, em franco desrespeito à doutrina e infringindo os artigos 7.º e 18.º em seus parágrafos únicos, cometeram o sacrilégio de processar criminalmente a Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil sem razão justificável,

A Junta Executiva e a CADEESO, depois de examinar exaustivamente, com equilibrio e justiça, a situação criada, RESOLVEU, a bem da disciplina e da ordem, da verdade e da sã doutrina, do respeito devido à Entidade Máxima e nossa Denominação, vilmente processada EXCLUIR do Ministério das Assembléias de Deus no Brasil e do rol de membros, os elementos que promoveram desagregação, sublevação da ordem, maculando o respeitável nome da nossa Igreja Evangélica ASSEMBLEIA DE DEUS (NO BRASIL),

Os excluídos são os seguintes: pastôres Sebastião Davino dos Reis, Waldomiro Martins Ferreira, Anézio Lucas da Silva, Hermegildo Bispo Carneiro e Antônio Egidio; evangelistas: Levy Aguiar de Jesus Ferreira, Salmista Alves de Oliveira, Onézimo Machado de Souza e Waldemar de Aguiar; presbíteros: Robson Cézar Cassemiro e Feliciano Almeida.

Pela Junta Executiva das Deliberações da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil:

(aa) João Corrêa, Presidente;
Moisés Soares da Fonseca, Vice-Presidente;
Eliseu Feitosa de Alencar, 2.º Secretário;
Alipio da Silva, Tesoureiro.

De acordo com o Entrevistado/a 3:

> Esse grupo processou a CGADB porque se julgaram injustiçados. Ficou uma situação muito complicada. Esse pastor Dalvino era o primeiro vice da CADEESO. Parece-me que, por ele ter assumido a CADEESO, ele também queria assumir o Aribiri, porém a igreja não aceitou. Lá pra frente, na gestão do pastor José de Souza

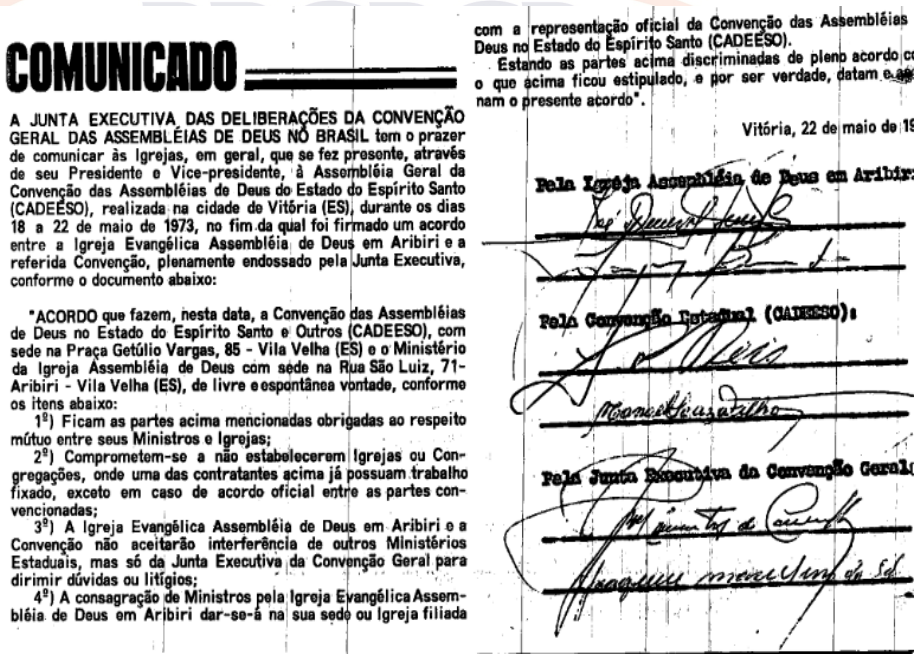
[277] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 2º quinzena de Agosto de 1971. [*online*].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> Reis, é que as coisas começaram a acalmar. Os primeiros anos da década de 70, eu pude presenciar, foi muita briga, o clima era muito tenso.[278]

De acordo com as fontes orais e escritas, subtende-se que, com a saída do pastor Waldomiro, o Aribiri tentou assumir a convenção CADEESO e a CADEESO tentou assumir a igreja do Aribiri, pelo fato da sede da CADEESO ser no Aribiri. Ambos sabiam que se tratava de entidades diferentes, mas a ambição pelo poder gerou essa disputa. Ou seja, a CADEESO não aceitou o pastor Edmundo como presidente da convenção e nem o Aribiri aceitou o vice do Waldomiro na convenção, Sebastião Dalvino dos Reis, como presidente da igreja. Com isso, a CGADB reconheceu à autonomia de ambas as partes. O Aribiri então deixa de ser sede da CADEESO e cria sua própria convenção (CEMADES). Nessa ocasião, algumas igrejas ligaram-se ao Aribiri e outras a CADEESO, com sede em São Torquato, Vila Velha. Dessa forma, a CGADB estabelece um acordo entre as duas partes, com objetivo de pacificar as brigas. O mesmo comunicado foi reiterado em 1977 pelo pastor Túlio Barros, dando a entender que as divergências duraram por toda década de 1970.[279]

Figura 6. Comunicado de pacificação da CGADB[280]



COMUNICADO

A JUNTA EXECUTIVA DAS DELIBERAÇÕES DA CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL tem o prazer de comunicar às Igrejas, em geral, que se fez presente, através de seu Presidente e Vice-presidente, à Assembléia Geral da Convenção das Assembléias de Deus do Estado do Espírito Santo (CADEESO), realizada na cidade de Vitória (ES), durante os dias 18 a 22 de maio de 1973, no fim da qual foi firmado um acordo entre a Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Aribiri e a referida Convenção, plenamente endossado pela Junta Executiva, conforme o documento abaixo:

"ACORDO que fazem, nesta data, a Convenção das Assembléias de Deus no Estado do Espírito Santo e Outros (CADEESO), com sede na Praça Getúlio Vargas, 85 - Vila Velha (ES) e o Ministério da Igreja Assembléia de Deus com sede na Rua São Luiz, 71- Aribiri - Vila Velha (ES), de livre e espontânea vontade, conforme os itens abaixo:

1º) Ficam as partes acima mencionadas obrigadas ao respeito mútuo entre seus Ministros e Igrejas;

2º) Comprometem-se a não estabelecerem Igrejas ou Congregações, onde uma das contratantes acima já possuam trabalho fixado, exceto em caso de acordo oficial entre as partes convencionadas;

3º) A Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Aribiri e a Convenção não aceitarão interferência de outros Ministérios Estaduais, mas só da Junta Executiva da Convenção Geral para dirimir dúvidas ou litígios;

4º) A consagração de Ministros pela Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Aribiri dar-se-á na sua sede ou Igreja filiada com a representação oficial da Convenção das Assembléias Deus no Estado do Espírito Santo (CADEESO).

Estando as partes acima discriminadas de pleno acordo c o que acima ficou estipulado, e por ser verdade, datam e as nam o presente acordo".

Vitória, 22 de maio de 19

Pela Igreja Assembléia de Deus em Aribir

Pela Convenção Estadual (CADEESO):

Pela Junta Executiva da Convenção Geral

De acordo com o Entrevistado/a 3:

> Com a saída do Waldomiro, a CADEESO sai do Aribiri e vai para São Torquato. É nesse caso aí que se processa a divisão. O Aribiri permanecendo onde está, e sendo a mãe de todas as igrejas do estado do Espírito Santo, foi organizado ali um ministério. E esse ministério teve o apoio e o aval da CGADB, também com o apoio

[278] Entrevistado/a 3. Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[279] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, Maio de 1977. [*online*].
[280] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, Agosto de 1973. [*online*].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> do Belenzinho, que tinha na sua presidência o pastor Cícero Canuto de Lima. E esse ministério do Aribiri, recebeu uma condição convencional da CGADB, ao ponto de poder consagrar evangelistas e pastores. E esse ministério, a posteriori, ali na década de 70, se tornou a CEMADES. Então, o Aribiri não estava mais na mão da CADEESO, mas continuava sendo a igreja mãe. Foi por isso que a CGADB se viu na obrigação de dar ao ministério do Aribiri esse status de poder convencional. E em 1973 ocorreu esse acordo, e qualquer conflito que houvesse entre os dois deveria ser resolvido diretamente com a CGADB, que enviaria sua comissão para pacificar. Veja a CEMADES não tem 80 anos como alega ter. Tempos depois, já sobre a chancela do pastor Denerval Mendes, surge a CONFRATERES. Recentemente a CADEESO foi dividida, surgiu a CONFRADEESTO. Foi briga pelo poder![281]

Para entender o que aconteceu na década de 1970, o melhor exemplo é o que aconteceu em 2017 nas ADs em âmbito nacional: a criação da CADB (Convenção da Assembleia de Deus). A primeira igreja AD no Brasil, localizada em Belém do Pará, se desligou da primeira convenção assembleiana brasileira (CGADB). Criou-se ali uma convenção nacional como a CGADB e a CONAMAD (Convenção Nacional de Madureira das igrejas Assembleias de Deus). Isto é, a primeira igreja já não pertencia mais a primeira convenção. Dessa forma, a CADB ao narrar a sua história (como pode ser verificado no site oficial), confunde e mistura propositalmente a história da CADB com a história da igreja em Belém e da própria CGADB, ou seja, criou-se um mito fundante para legitimar a ruptura.[282]

"Ficava evidente a partir de então que no campo assembleiano em formação existiam lideranças com interesses distintos e que agora criavam estratégias para a ampliação de seu poder. Firmava-se ali a luta concorrencial pelo acúmulo de capital simbólico."[283] Essa briga pelo poder e a consequente divisão institucional das ADs, gerou impactos no campo religioso capixaba. O impacto dessa diversificação institucional pode ser percebido a partir da análise dos números dos últimos censos demográficos. De acordo com a tese de Fajardo, a AD é uma igreja que cresce enquanto se fragmenta, isto é, o fator primordial de crescimento numérico das ADs, em sua análise, é as próprias divisões e a lógica organizacional em "ministérios". Nas palavras de Fajardo:

> Enquanto a igreja crescia, motivada principalmente pela ação espontânea de seus membros, sua liderança se institucionalizava e imprimia marcas na estrutura da denominação que até hoje definem o *modus operandi* assembleiano na maior parte de seus ministérios. O fortalecimento da figura do pastor-presidente e o acentuado processo de ministerialização são exemplos do modo típico como as ADs no Brasil desenvolveram suas relações de poder. Tais características permitiram que surgissem no país uma série de vertentes assembleianas que apesar de partirem de uma base comum diversificaram as práticas de culto e de comportamento de seus membros, impedindo-nos assim de nos referirmos ás ADs como uma igreja

[281] Entrevistado/a 3. Elaboração própria, dados inéditos, 2023.
[282] CADB. História da convenção da Assembleia de Deus. (Site institucional) Disponível em <portalcadb.com> Acesso em 14 de Dezembro de 2023.
[283] FAJARDO, 2019, p. 110.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

> homogênea. Desta forma, por conta de suas características burocráticas próprias, a AD se fragmenta cada vez mais, e por conta desta diversidade, cresce entre diferentes grupos sociais, conseguindo atrair tanto aqueles que buscam apego a uma tradição religiosa centenária, bem como aqueles interessados na modernização do culto. Assim, a AD cresce enquanto se esgarça institucionalmente. [284]

A divisão ocorrida em 1970 gerou um trauma coletivo nos que presenciaram tal época. O grupo pesquisado falou da época da união com grande alegria e regozijo, porém, percebeu-se um incômodo em responder as perguntas referentes ao período da divisão. São histórias que muitos preferem que sejam apagadas e esquecidas. Outros ainda guardam (res)sentimentos, e aproveitam a oportunidade para apontar culpados e inocentes. O grupo tende a lembrar de histórias boas, repletas de experiências sobrenaturais, que geram o sentimento de unidade.

A partir da divisão surgiram diversas dúvidas e narrativas sobre qual de fato seria a primeira igreja AD no estado, a igreja mãe, a primeira convenção, os primeiros fundadores, etc. A CEMADES, por exemplo, alega ter 80 anos de fundação e que foi criada pelo pastor Belarmino Pedro Ramos em 1943.[285] A narrativa de fundação da CEMADES se confunde notoriamente com a igreja do Aribiri e com a convenção CADEESO. Eles "justificam-se" dizendo que os pastores e evangelistas que eram consagrados na reunião convencional da CADEESO, na verdade, eram credenciados pela diretoria do ministério do Aribiri. Ou seja, é a mesma narrativa criada pela CADB. Alef Monteiro levanta uma questão fundamental: por que igrejas com as mesmas crenças e as mesmas organizações societárias se enxergam como diferentes? A resposta é inequívoca:

> Essa diferença identitária é o que justifica, em termos retóricos, e ao mesmo tempo escamoteia, a verdadeira causa da existência dessas duas convenções: a disputa política entre pastores dentro da instituição. Justificar um "racha" entre as igrejas devido à mera arbitrariedade de pastores que disputam cargos e privilégios é algo indecoroso, então, a fim de justificar de modo legítimo diante da teodiceia dos fiéis, nas relações de conflito os pastores forjaram significados aceitáveis que tiveram como consequência a criação de identidades diferentes entre sujeitos genericamente iguais.[286]

Com a cisão na década de 1970, a igreja do Aribiri passou a outorgar para si o título de primeira convenção assembleiana no estado do ES (CEMADES). Para ficar mais claro, é necessário fazer duas perguntas: se já existia uma convenção estadual na qual Waldomiro era o presidente, por que ele criaria outra? E mais, se a CEMADES é a primeira, por que a

[284] FAJARDO, 2019, p. 105.
[285] CEMADES.ORG [*Site* institucional]. [s.d.]. [*online*]. [n.p.].
[286] MONTEIRO, Alef. Eles são filhos da mãe, nós somos do pai: apontamentos sobre o jogo identitário entre assembleianos de duas convenções no estado do Pará. Revista *Relegens Thréskeia*, Pará, V. 11, n 1, 2022. 101-116, p. 115.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

CGADB (que é o órgão oficial que dá legitimidade as convenções estaduais) não reconhece ela como sendo a primeira, e sim como a segunda? Como visto anteriormente, a CEMADES surgiu da briga entre a CADEESO e a igreja do Aribiri. Como o Aribiri é a igreja mãe, a CGADB lhe conferiu status convencional na década de 1970.

No entanto, vale salientar que, desde 1935 as convenções estaduais foram autorizadas pela CGADB. Dessa forma, a primeira convenção no ES foi promovida por Moreira Costa em 1936. Moreira Costa escreveu para o jornal: "avisamos os irmãos, trabalhadores do Evangelho, nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, que se realizará, pela AD, em Vitória, a convenção regional, dos dias 27 de Maio a 2 de Junho".[287] Essas convenções eram reuniões para estudos bíblicos, alinhamento ministerial e estratégias missionárias. Segundo Marina Corrêa:

> Se a década de 40 foi considerada importante para os pastores assembleianos nas questões de criação e unificação dos Ministérios das ADs, que buscavam soluções parecidas para atingir as metas de crescimento evangelístico local, atualmente, essa dinâmica segue dentro das convenções estaduais. Ou seja, muitos Ministérios procuram se filiar ou mesmo fundar uma convenção estadual. Estas convenções são extremamente políticas e estratégicas, e por isso buscam adesões não somente dentro do âmbito religioso, nas campanhas de votação das novas lideranças e dos novos pastores-presidentes; cargos, eleições, filiações, como também se infiltram nas alianças políticas em apoio aos candidatos nas eleições, municipais, estaduais e federais. Mas, por fim, tudo é Assembleia, tudo é sagrado, e todos trabalham na obra de Deus. Tanto zelo assim justifica-se os fins, seus membros associados, no futuro, serão figuras importantíssimas de apoio em suas estratégias políticas, cargos e salários. De certa forma, uma brilhante estratégia de parceria entre os Ministérios e essas convenções estaduais. Tudo leva a crer que esses elementos são extremamente importantes e parecem ser fundamentais para se manter o bom funcionamento e crescimentos de todas as ADs; todas separadas e ao mesmo tempo bem unidas, ainda que seja para competir.[288]

Esse tópico, portanto, encerra o capítulo trazendo à tona a obra missionária de Waldomiro Martins Ferreira, a gradativa formação dos aparelhos burocráticos sob sua gestão durante 26 anos (1944-1970), e a briga que dividiu as ADs no estado em 1970. Como pôde ser observado, Waldomiro aproximou-se da política; usou o rádio como meio de evangelização; registrou a igreja do Aribiri e a convenção no cartório; organizou os ministérios assembleianos por meio da convenção regional (CADEESO); distanciou-se gradativamente dos missionários suecos (e vice-versa), ganhando autonomia como presidente regional; na convenção, levantou o assunto sobre salário e aposentadoria pastoral;[289]; antes de sair do Aribiri, já havia comprado o terreno para a construção da sede da CADEESO em São Torquato, visando à geografia do lugar e sua modernização; diferente de Camilo Peclat,

[287] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 1º quinzena de Abril de 1936. [*online*].
[288] CORRÊA, 2012, p. 241.
[289] JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, 2º quinzena de Outubro de 1957. [*online*].

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Waldomiro não aceitou a jubilação e processou a CGADB pelas interferências; dentre outros. Isto é, enquanto Daniel Berg, João Pedro da Silva e Camilo Peclat, quase não se envolvia em questões mais burocráticas, Waldomiro fez parte do processo de institucionalização das ADs no ES.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

CONCLUSÃO

No decorrer dessa pesquisa, buscou-se estudar a inserção e a dinâmica de expansão das ADs no estado do ES, respondendo as seguintes perguntas: como e quando surgiram as ADs no estado do ES? Como se deu o processo de expansão e institucionalização da igreja em solo capixaba? É importante salientar que, nos primeiros anos de atividades dos pentecostais no Brasil, não havia, entre eles, a preocupação de anotar fatos e registrar experiências que possibilitassem, mais tarde, ao pesquisador enriquecer sua pesquisa com a descrição desses fatos. Existem, portanto, lacunas históricas que, devido à escassez de fontes, não permitem que sejam preenchidas com exatidão.

Para atingir os objetivos da pesquisa foram utilizadas fontes bibliográficas, incluindo o jornal *Mensageiro da Paz,* fonte rica em informações sobre como era o pentecostalismo em seu início; a biografia de Camilo José Peclat, única biografia escrita que contém as narrativas de expansão das ADs no estado do ES, sobretudo, na região Sul; as obras de Gedeon Freire de Alencar, Marina Corrêa e Maxwell Fajardo, que são consideradas as principais referências acadêmicas sobre as ADs no Brasil; e os recursos da história oral, que tem ganhando destaque pela sua capacidade de: criar novas fontes para a pesquisa contemporânea; captar experiências de pessoas pertencentes a categorias sociais cujas percepções e intervenções geralmente são esquecidas e/ou excluídas da história oficial e da documentação oficial das organizações; contribuir para a transformação da prática científica, que frequentemente se desliga de seu entorno e dos sujeitos sociais envolvidos; compreender o imaginário e a identidade do grupo pesquisado por meio de sua narração que expressa à memória coletiva.

No decorrer da pesquisa, buscou-se estudar, primeiramente, o surgimento do pentecostalismo moderno, apontando os principais movimentos na história do cristianismo que culminaram na nova vertente cristã do século XX que mais cresce no mundo, sob a ótica teoria da pentecostalidade de Campos; e o *ethos* de transformação social presente na tradição pentecostal. Apontaram-se também alguns elementos da sociedade capixaba no início do século XX, como a economia, a religião dominante, a formação social e cultural. Destacou-se a demora no povoamento do estado e atividades voltadas para a industrialização, que acarretou no atraso do desenvolvimento econômico da região, bem como, o campo religioso capixaba antes da chegada dos pentecostais, que era dominado pela Igreja Católica, religiões de matriz africana e as igrejas protestantes, sobretudo, as batistas. Essa matriz religiosa contribuiu para o processo de acomodação do pentecostalismo em solo capixaba.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

No segundo capítulo, apresentou-se a história oral para o campo das Ciências das Religiões. Para isso, foi necessário reabilitar a oralidade como fonte de conhecimento histórico, mostrando que desde os primórdios da humanidade a oralidade sempre teve sua importância na transmissão do conhecimento. Salientou-se também que os primeiros historiadores, como Tucídides e Heródoto, utilizavam os testemunhos diretos para escrever suas histórias. Essa prática, no entanto, foi desqualificada pelos historiadores franceses positivistas e pela escola dos Annales por conta da subjetividade do narrador e pela ideia de distanciamento do objeto de estudo, que acabou desconsiderando a história do tempo presente. Com o avanço tecnológico e as novas urgências teóricas, percebeu-se o valor da oralidade para a pesquisa em História e outras ciências.

No segundo capítulo discutiu-se o conceito de "mito fundante" a partir de grandes estudiosos das ADs no Brasil, como Gedeon Alencar, Moab Carvalho, Maxwell Fajardo e Marina Corrêa. Há um consenso entre esses pesquisadores de que a história oficial das ADs, de Emílio Conde, criou uma hagiografia, que é repetida nas igrejas de forma quase que litúrgica, sem nenhuma novidade que acrescente ou lance luz sobre a origem das igrejas pentecostais no Brasil. Os autores, no entanto, não entraram em detalhes sobre esse conceito. A presente pesquisa apresentou de forma mais detalhada o conceito de mito fundante, que fornecerá ao historiador, ferramentas imprescindíveis para trabalhar com grupos religiosos.

Em seguida, no terceiro capítulo, a presente pesquisa emergiu em meio a essa lacuna das histórias regionais das ADs, lançando luz sobre o surgimento e expansão do pentecostalismo assembleiano em terras capixabas, focando no período de 1922 a 1970. A história das ADs no estado do ES é similar ao contexto nacional, tanto no âmbito eclesiástico quanto no político e econômico. O surgimento do fenômeno pentecostal no estado ocorreu no início da década de 1920, quando fiéis pentecostais provenientes do Norte e do Nordeste do país começaram a chegar à região. Esse primeiro momento foi marcado pelo entusiasmo em levar a mensagem pentecostal e formar uma congregação local. Foi um período de predominância do carisma, união e do movimento propriamente dito. Todos estavam motivados por um forte impulso missionário, sem muitas ambições além de "ganhar almas".

A princípio, Daniel Berg, Almeida Sobrinho, Francisco Galdino Sobrinho, juntamente de suas esposas e, posteriormente, sete fiéis pentecostais de Sergipe, chegaram ao estado sem qualquer direção ou projeto burocrático. Todos evangelizavam, cultuavam em casas e praças, e havia um espírito de solidariedade entre eles. No entanto, com o tempo, surgiu a necessidade de estabelecer uma sede, uma convenção, um pastor presidente, entre outras estruturas. Conforme o movimento crescia, tendia a institucionalizar-se cada vez mais. O

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

processo de inserção e consolidação das ADs capixabas ocorreu de 1922 a 1944; de 1944 a 1970 aconteceu o crescimento exponencial e a institucionalização do movimento; e de 1970 em diante começou os grandes conflitos e fragmentações.

O primeiro templo em solo capixaba ficou pronto em meados da década de 1930. Foram 8 anos até a oficialização do trabalho com a chegada de João Pedro, em 1930; 12 anos até o estabelecimento do primeiro templo, em 1934; 36 anos para registrar a igreja no cartório, em 1958; 37 anos para a criação da primeira convenção (CADEESO), em 1959; e 48 anos até cisão, em 1970. As ADs capixabas demoraram a se desenvolver, comparado com o contexto nacional devido às peculiaridades do estado, principalmente nos aspectos geográficos, econômicos, sociais e religiosos.

De 1944 a 1970, sob o pastorado de Waldomiro Martins Ferreira, a igreja AD começou a ganhar espaço no campo religioso capixaba. Sob sua gestão, foram abertas igrejas praticamente em todos os municípios do estado, com templos próprios. Nesse período, a cidade de Vitória passou por um momento de grande desenvolvimento econômico e social. Segundo relatos, o principal motivo do sucesso de Waldomiro no avanço da mensagem pentecostal era sua competência como pregador. O período da gestão de Waldomiro foi concomitante com a segunda onda do pentecostalismo no Brasil, e as ADs aderem ao rádio como meio de evangelização. Com outras igrejas pentecostais que se inseriram em solo brasileiro, o uso do rádio tornou-se necessário na disputa pelo campo religioso.

A gestão de Waldomiro marcou o período de expansão e transição do movimento pentecostal para a instituição pentecostal, talvez pelo fato dele ter sido discípulo de Samuel Nystrom. As igrejas eram unificadas e se organizavam em: sede (Aribiri), congregação (ex: Itacibá) e subcongregação (ex: Alto Laje). Contudo, devido à concorrência com outros ministérios assembleianos inserindo-se no estado do ES (principalmente as igrejas ligadas ao Rio de Janeiro e Minas Gerais), surgiu à necessidade de criar uma convenção (CADEESO). Na convenção havia eleições, chapas, mesa diretora, disputas, e todos os outros aspectos da política secular. Isso pode ter levado Waldomiro a pensar que não havia problema em se candidatar a deputado, porém, a igreja não aceitou. Esse e vários outros motivos citados no texto, mostrou a divisão que houve na década de 1970. Portanto, de 1922 a 1970, as ADs no ES eram unificadas, só existia uma sede (Aribiri), uma convenção (CADEESO), um pastor presidente. Com as brigas e disputas pelo poder, a igreja se fragmentou. Cada pastor registrou sua igreja no cartório, surgiram novas convenções, novas igrejas, e cada um se organizou da sua maneira.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

Durante a pesquisa, perceberam-se algumas incoerências nas narrativas, como: a datação de Conde em relação à passagem de Daniel Berg em solo capixaba; a data de fundação das ADs registrada no cartório por Waldomiro Martins Ferreira em 1958; a alegação da CEMADES em ter 80 anos de fundação; alegação de que Daniel Berg e Gunnar Vingren fundaram a igreja mãe em 1925; e o relato de que em 1925 José Vicente Ferreira veio de Pernambuco para Vitória a pedido de Daniel Berg e, posteriormente, escreveu uma carta para Berg solicitando um pastor na região, conforme consta na revista Seara News.

Portanto, foi possível: descrever a história de surgimento e expansão das ADs em solo capixaba; registrar essas novas fontes para análises futuras; protagonizar os coadjuvantes que também fizeram parte desse crescimento exponencial do pentecostalismo em solo brasileiro, como Daniel Berg, João Pedro da Silva, Camilo José Peclat, Ormídio Siqueira das Neves, José Carlos Lessa, Oscar Castelo, Manoel Souza Filho, Esmeraldo Gomes, Antônio Brito, Antônio de Paula, Flodoaldo Rodrigues, Waldomiro Martins Ferreira, dentre outros, que foram responsáveis pela expansão das ADs no estado do ES, mas, que, estavam silenciados em meio à história oficial das ADs. Os primeiros municípios que receberam a mensagem pentecostal foram: Vitória, Vila Velha, Cariacica, Viana, Fundão, Serra, Santa Leopoldina, Cachoeiro de Itapemirim, Aracruz e Alegre.

Após um século de existência das ADs no Brasil, várias pesquisas foram realizadas sobre essa denominação, mas é evidente que a busca por entender sua história, transformações e impactos sociais, estão longe de acabar. Esse texto não tem o objetivo de colocar um ponto final no assunto, muito pelo contrário, o intuito dessa pesquisa foi montar um esqueleto para as futuras pesquisas e propor novos caminhos e possibilidades para analisar esse objeto de estudo tão complexo que é o fenômeno pentecostal. Isto é, os estudos sobre o pentecostalismo assembleiano, com suas singularidades históricas e sociais, pluralismo e divergências, se configura como um amplo campo de pesquisas futuras para o investigador interessado na compreensão do fenômeno religioso pentecostal capixaba.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

REFERÊNCIAS

ADSA. *A história da Assembleia de Deus em Santo Antônio*. [s.d.]. Disponível em: https://iadsa.com.br/historia. Acesso em: 01 set. 2023.

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. *In:* SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), XXII, 2003, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: ANPUH, 2003. p. 1-10. [pdf].

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar, textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALENCAR, Gedeon F. *Assembleias de Deus*: origem, implantação e militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALENCAR, Gedeon F. *Matriz pentecostal brasileira, 1911-2011*. São Paulo: Recriar; Vitória: Unida, 2019.

MONTEIRO, Alef. Eles são filhos da mãe, nós somos do pai: apontamentos sobre o jogo identitário entre assembleianos de duas convenções no estado do Pará. Revista *Relegens Thréskeia*, Pará, V. 11, n 1, 2022. 101-116.

ALMEIDA, Tiago B. História do pentecostalismo brasileiro: origem, crescimento e expansão. *Revista REPAS*, Joinville, v. 8, n. 8, p. 1-24, 2021. Disponível em: https://repas.com.br/revista/index.php/repas/article/view/61. Acesso em: 22 set. 2022.

ALVES, Maria C. S. O. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. *In*: SEMANA DE HISTÓRIA DO PONTAL E ENCONTRO DE ENSINO DE HISTÓRIA, IV, 2016, Ituiutaba. *Anais...* Uberlândia: UFU, 2016. p. 1-9. [pdf]. p. 3. Disponível em: https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf. Acesso em: 01 jun. 2022.

ANDERSON, Allan H. *Uma introdução ao pentecostalismo:* cristianismo carismático mundial. São Paulo: Loyola, 2019.

ARAÚJO, Isael. *100 Acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

ARAÚJO, Isael. *História do movimento pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

ARAÚJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016b.

BARRETO JR., Raimundo C. *Evangélicos e pobreza no Brasil*: encontros e respostas éticas. São Paulo: Recriar, 2019.

BARROS, José A. *Fontes históricas:* introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019.

BARROS, José A. Fontes históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. *Cadernos do Tempo Presente*, Sergipe, v. 11, n. 2, p. 3-26, 2020.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado:* elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BÍBLIA de Estudo Pentecostal [Autor dos comentários e notas: Donald Stamps]. Trad. João Ferreira de Almeida. ARC (Almeida Revista e Corrigida). Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BRANCO, Samantha C. História oral: reflexões sobre aplicações e implicações. *Revista Novos Rumos Sociológicos*, São Paulo, v. 8, n. 13, p. 1-14, 2020.

CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade*: hermenêutica, história e teologia. São Paulo: Recriar, 2018.

CANABARRO, Ivo S.; MOSER, Liliam M.; ERNESTO, Eduardo S. História, memória e identidade: refletindo sobre a oralidade como aporte para a leitura de uma cultura. *Memória em rede*, São Paulo, v. 10, n. 18, p. 112-127, 2018.

CARNEIRO, Washington P. S. Algumas relações do pentecostalismo com a cidade de Vitória - ES. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (UFES), IV, 2011, Vitória. *Anais*... Vitória: UFES, 2011. p. 1-31. [pdf].

CARNEIRO, Washington P. S, *Pentecostais na política capixaba:* representação parlamentar da Igreja Assembleia de Deus nas eleições (2002, 2006, 2010). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

CEMADES.ORG [*Site* institucional]. [s.d.]. Disponível em: http://www.cemades.org.br/p/cemades-estatuto.html. Acesso em: 19 ago. 2023.

CESAREIA, Eusébio. *História eclesiástica:* os primeiros quatro séculos da igreja cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

COMUNHÃO. *Proporção de evangélicos no ES é maior do que no restante do Brasil.* Disponível em: https://comunhao.com.br/proporcao-de-evangelicos-no-es-e-maior-que-no-restante-do-brasil-aponta-ibge/ Acesso em 13 de Dezembro de 2023.

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.

CORRÊA, Carlos H. P. *O documento da história oral como fonte histórica*: uma experiência brasileira. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 1977.

CORREA, Marina A. O. S. *A operação do carisma e o exercício do poder*: a lógica dos Ministérios das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

COSTA, Moab C. C. *O aggiornamento do pentecostalismo*: as Assembleias de Deus no Brasil e na cidade de Imperatriz - MA (1980-2010). Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

COX, Harvey. *Fogo do céu*: o surgimento da espiritualidade pentecostal e a reformulação da religião no século XXI. Nova York: Addison-Wesley, 1995.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

DADALTO, Maria C. Os rastros da diversidade da identidade capixaba. *Revistas Sinais*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 57-74, 2007.

DANIEL, Silas. *História da convenção geral das assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do pentecostalismo*: Natal: Carisma, 2020.

DERENZI, Luiz S. *Biografia de uma ilha.* Rio de Janeiro: Pongetti, 1965.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano:* a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EMEF JOÃO PEDRO DA SILVA. *História da Escola João Pedro da Silva*. [s.d.]. Disponível em: https://escolajoaopedrodasilva.blogspot.com/2014/03/historia-da-escola-joao-pedro-da-silva.html. Acesso em: 25 ago. 2023.

FAJARDO, Maxuell P. Religião e memória: afirmação da memória institucional da igreja Assembleia de Deus no Brasil. *Revista Brasileira de História das Religiões*, São Paulo, n. 13, p. 273-284, 2012.

FAJARDO, Maxuell. *Onde a luta se travar*: uma história das Assembleias de Deus No Brasil. São Paulo: Recriar, 2019.

FERREIRA, Dirce N. A.; SCHWARTZ, Cleonara M. A religião católica na história da educação capixaba do século XIX: uma análise do regimento das escolas de primeiras letras de 1871. *Revista Ágora*, Vitória, n. 18, p. 21-39, 2013.

FERREIRA, Herberth G. *Religião na esfera pública*: os desafios do debate entre fé e razão de Habermas. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2014.

FERREIRA, Marieta M. História do tempo presente: desafios. *Revista Cultura vozes*, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 1-18, 2000.

FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FERREIRA, Marieta M.; DELGADO, Lucília A. N. História do tempo presente e ensino de história. *Revista História Hoje*, Vitória, v. 2, n. 4, p. 18-33, 2013.

FIORUCCI, Rodolfo. Considerações acerca da história do tempo presente. *Espaço Acadêmico*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 109-123, 2011.

FRESTON, *Paul. Breve História do pentecostalismo brasileiro*, 1994. In: ANTONIAZZI, Alberto. Nem anjos nem demônios: uma interpretação sociológica do pentecostalismo. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 68.

GILL, L. A.; SILVA, E. B. Perspectivas para a história oral. *In:* ROBERTT, Pedro; RECH, Carla; LISDERO, Pedro; FACHINETTO, Rochele. (orgs.). *Metodologia em Ciências Sociais hoje:* práticas, abordagens e experiências de investigação. Jundiaí: Paco, 2016. p. 107-126.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

GOMES, Eduardo R. A modernização urbana do centro de Vitória: considerações preliminares sobre a geografia do passado de uma cidade. *Revista Geografares*, Vitória, n. 6, p. 73-87, 2008.

GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

GUIMARÃES, Robson F. *Os últimos dias*: crenças, sentimentos e representações dos pentecostais da igreja Assembleia de Deus em Belo Horizonte relativos ao imaginário do fim dos tempos. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004.

HIEBERT, Paul; SHAW, Daniel; TITE, Tíenou. *Religião popular:* uma resposta cristã às crenças populares. Belo Horizonte: Horizontes, 2009.

HYATT, Eddie. *2000 anos de cristianismo carismático*. Natal: Carisma, 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo brasileiro de 2010.* Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/pesquisa/23/22107> Acesso em 13 de Dezembro de 2023.

ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. Contribuições da história oral à pesquisa organizacional. *In:* SILVA, A. B.; GODOI, C. K.; MELLO, R. B. (orgs.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais:* paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 185-209.

IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS MINISTÉRIO DO ARIBIRI (IADMA). *Certidão de registro em cartório* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <tiagoborges.icm@gmail.com>. em 23 jun. 2023. 1 *e-mail.*

JOHNS, Cheryl B. *Pentecostal formation:* a pedagogy among the oppressed. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993.

JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ. Primeira quinzena de 1931. *In*: CPAD Digital [*Site* institucional]. [s.d.]. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/425693033/Jornal-Mensageiro-da-Paz. Acesso em: 20 ago. 2023.

JOUTARD, P. Memória coletiva. *In:* BURGUIÉRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 526.

LOPES, Deivis V. *A organização eclesiástica da Assembleia de Deus em Canoas/RS*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MARCUSCHI, Luiz A. *Da fala para a escrita:* atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTINELLI, Maria L.; LIMA, N. C. História oral: o exercício democrático da palavra. *In:* MARTINELLI, M. L.; DINIZ; Rodrigo; MONTEIRO, Amor A.; SANTOS, Neusa C. (orgs.).

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

A história oral na pesquisa em Serviço Social: da palavra ao texto. São Paulo: Cortez, 2019. p. 27-37.

MATOS, Júlia S.; SENNA, Adriana K. *História oral como fonte*: problemas e métodos. *Revista Historiae*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MEIHY José C. S. B.; SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e narrativas:* história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.

MEIHY, José C. S. B. *Manual de História oral.* São Paulo: Loyola, 1996.

MEIHY, José C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. *História oral:* como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2020.

MENDONÇA, Marcos C.; CAMPOS JR, Carlos T. O discurso da modernidade na construção de Vitória-ES. *Revista Geotextos*, Salvador, v. 15, n. 1, p. 13-39, 2019.

MENZIES, Robert. *Pentecostes, essa história é a nossa história*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

MOREIRA, Almerinda; BARBOSA, Lana M. A.; CUNHA, Suzana C. V. História oral como método de pesquisa: possibilidades para a pesquisa em enfermagem. *Revista Enfermagem Brasil*, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 249-253, 2014.

NELSON, Samuel. *Samuel Nystrom*: pioneiro do ensino pentecostal em escolas bíblicas. Rio de Janeiro CPAD, 2008.

NEVES, Luiz G. S. *Nosso Estado, o Espírito Santo:* história do Estado do Espirito Santo para o ensino fundamental. Curitiba: Base, 2004.

OLIVEIRA, David M.; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal:* reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

PALACIOS, Wanessa D. *A expansão dos espaços periféricos em Vitória durante o processo de urbanização em Vitória (1889-1930).* Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

PASSOS, João D. *Pentecostais, origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PECLAT, Odonias P. *Pioneirismo pentecostal*: ministério e vida do pastor Camilo José Peclat. Rio de Janeiro: Lua Nova, 1986.

PETHRUS, Lewi. *Lewi Pethrus*: a vida e obra do missionário sueco que expandiu a mensagem pentecostal no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

PICOLI, Bruno A. História, memória e oralidade. *Mnemosine Revista*, Campina Grande, v. 1, n. 1, p. 168-184, 2010.

PINSKY, Carla B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2021.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

PPGPCR Faculdade Unida de Vitória

PIRES, Maria C. F. Vitória no começo do século XX: modernidade e modernização na construção da capital capixaba. *Revista Saeculum*, João Pessoa, n. 14, p. 94-106, 2006.

POMERVILLE, Paul. *A força pentecostal em missões:* entendendo a contribuição dos pentecostais na teologia missionária contemporânea. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

POMMERENING, Claiton I. Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 24, p. 117-133, 2011.

PONTES, Paulo. História das Assembleias de Deus no Estado do Espírito Santo. *In*: SEARANEWS [*Site* institucional]. 8 mai. 2015. Disponível em: https://www.searanews.com.br/historia-das-assembleias-de-deus-no-estado-do-espirito-santo/. Acesso em: 27 ago. 2023.

PONTES, Paulo. Assembleia de Deus no Aribiri comemora 90 anos de história. *In*: SEARA NEWS [*Site* institucional]. 07 mai. 2015. Disponível em: https://www.searanews.com.br/assembleia-de-deus-no-aribiri-comemora-90-anos-de-historia/. Acesso em: 27 ago. 2023.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 22, p. 9-36, 2001.

PORTELI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RIBEIRO, Josenilda O. *Sincretismo religioso no Brasil*: uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo candomblé e espiritismo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

ROCHA, Alessandro R. *Teologia sistemática no horizonte pós-moderno:* um novo olhar para a linguagem teológica. São Paulo: Vida, 2007.

ROLIM, Francisco C. *Pentecostais no Brasil*: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-242, 1990.

SCHAYDER, José. *História do Espírito Santo:* uma abordagem didática e atualizada 1535-2002. São Paulo: Cia da Escola, 2002.

SILVA, Cácio. *Fenomenologia da religião:* compreendendo as ideias religiosas a partir das suas manifestações. São Paulo: Vida Nova, 2014.

SIMÕES, Regina H. S.; SALIM, Maria A. A. A organização de grupos escolares capixabas na cena republicana do início do século XX: um estudo sobre a reforma Gomes Cardim (1908-1909). *Cadernos de Pesquisa em Educação*, Vitória, a. 9, v. 18, n. 35, p. 93-111, 2012.

SIQUEIRA, Gutierres F. *Revestidos de poder:* uma introdução à teologia pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SOUZA, Robério A. C. Narrativas orais como fontes para uma compreensão histórica da experiência vivida. *Revista Macaranan*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 118-129, 2017.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

PPG-PSCR
Faculdade Unida de Vitória

STEPHANINI, Valdir. *Assim nasce uma igreja*: a multiplicação das comunidades cristãs independentes no município da Serra, Estado do Espírito Santo. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010.

SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo:* 100 anos do avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Vida, 2009.

TEDESCO, João C. *Nas cercanias da memória:* temporalidade, experiência e narração. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TEIXEIRA, Carla C.; LOBO, Andréa; ABREU, Luiz E. *Etnografias das instituições, práticas de poder e dinâmicas estatais*. Brasília: ABA Publicações, 2019.

THOMPSOM, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão*. São Paulo: Aste, 2004.

VILLASENOR, Rafael L. *O avanço pentecostal e a crise demográfica católica nos documentos da igreja*: preocupações, estratégias, diálogo e posturas frente ao pluralismo. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.

VINGREN, Ivar (tradutor). *Despertamento apostólico no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

XAVIER, Antônio R. História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. *Revista Pemo*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-14, 2020.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

APÊNDICE A: IMAGENS IMPORTANTES NA HISTÓRIA DAS ADS



Pr. Orlando sendo batizado pelo Pr. Camilo José Peclat em Espírito Santo



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.



NECROLÓGIO MAIS UMA ROSA FOI COLHIDA DO JARDIM PARA ETERNIDADE

WALDOMIRO MARTINS FERREIRA, nasceu no dia 25 de maio de 1916, na cidade de Canta Galo - Est. do Rio Janeiro, tendo aceitado o Evangelho de Jesus Cristo aos 14 anos de idade, tendo sido batizado em seguida e se constituindo em membro ativo da Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

Waldomiro Martins, na sua mocidade Evangélica desempenhou tarefas importantes no Estado do Rio tendo muitas vezes como jovem e membro, se deslocado para ganhar almas no Estado do E. Santo. Dentro de pouco tempo de vida evangélica foi chamado para o Ministério: não foi dificil como jovem, integrar as fileiras e como bom soldado no combate do pecado e na entrega de almas a Cristo. Eclesiastes - 12: Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venha os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás: não tenho neles prazer.

Waldomiro Martins trabalhava com coragem, abrindo campos construindo e preparando as almas para a salvação em Nosso Senhor Jesus Cristo.

No Estado do E. Santo, onde Waldomiro Martins foi enviado para trabalhar, ainda jovem, procurou realizar o seu matrimônio com a jovem Camila de Aguiar Ferreira, tambem do Est. do Rio, casaram-se para melhor tranqüilidade no viver em permanecer com fidelidade como um obreiro no Ministério para onde vieram (Est. do E. Santo.)

As suas funções no Ministério foram: Diácono, Presbitero, Evangelista e Pastor: quando veio para o Est. do E. Santo, trabalhava como Evangelista até que o Senhor vendo os seus esforços e como trabalhava com amor a obra; entregou toda a responsabilidade das igrejas Assembléias de Deus no Estado do E. Santo: Pastor presidente; porque certamente imporiam condições diferentes para melhor ainda condicionar as metas em defesa do inimigo quando luta contra o Evangelho de Cristo.

Era um bom soldado: muitos serviços prestou para com Deus: os seus trabalhos desde o ano de 1942, não pararam, continuou incansavelmente como guardião que não deixava o dia ou a noite as suas obrigações; cuidava de suas ovelhas nos pastos verdejantes, livrando-as de cairem no precipício ou serem devoradas pelos lobos. Foi um verdadeiro soldado nos campos de batalha: muitos impecilhos surgiram em sua vida, mas com sorrisos alegre e amoroso, desfazia toda astúcia provocado pelo pecado.

Lutou contra enfermidade; por fim faltou-lhe as vistas, que lhe causou muito sofrimento; a idade vinha chegando, e ele por causa das vistas e a idade andava guiado pelos filhos ou parentes, mas sempre trabalhando na obra de Deus: e sempre dizia: tudo isto são obras terrenas; o todo o seu trabalho foi para a glória de Deus, que é o começo e o fim de todas as cousas.

E assim desaparece uma vida terrena, deixando conosco a saudade que só o tempo poderá amenisar e florescer no jardim eterno do paraiso...mais uma rosa que foi colhida do jardim para a eternidade, ocorrido no dia 22 de Julho de 1975. Mais um guardião que deixa seu posto vago, partindo para a glória, para receber o seu justo galardão. Deixando na terra o fruto de sua existência, sua dedicada esposa e seus filhos, que continuam trabalhando na obra de Deus, seguindo os métodos do soldado do bom combate que encerrou a carreira e guardou a fé. Amem.

Pela Revista BOAS NOVAS Waldevino Cononi

Manoel Souza Filho, inaugurando uma subcongregação



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Reunião da Mocidade



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

Da direita à esquerda: Manoel Souza Filho, Deputado João Calmon, Waldomiro Martins Ferreira, Sebastião Fraga



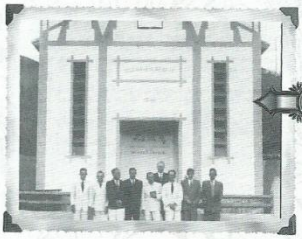
Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.

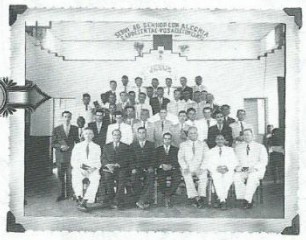
Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.



















(1)

Caixa Postal dos missionários Daniel e Sara Berg quando atuavam em Vitória nos anos de 1922 a 1924

(2)

Assembleia de Deus de Vitória em 1932, sob o pastorado de João Pedro da Silva

(3)

Obreiros da AD de Vitória, em 1934, com o pastor João Pedro da Silva (sentado, de gravata borboleta)

(4)

Antigo templo da Assembleia de Deus de Cachoeiro de Itapemirim, iniciada por Camilo José Peclat, um dos mais antigos trabalhos do Estado capixaba

(5)

Obreiros do Espírito Santo reunidos em estudos bíblicos na Assembleia de Deus de Cachoeiro do Itapemirim. Sentados, da esquerda para a direita, N. Lawrence Olson, pastor Moisés Soares da Fonseca (Niterói, RJ), Camilo Peclat, Waldomiro Martins Ferreira, Belarmino Pedro Ramos, José Antônio de Carvalho e Leonard Pettersén

(6)

Assembleia de Deus de Vitória, na década de 50, sob pastorado de Waldomiro Martins Ferreira. Nesta foto, vê-se na primeira fila, sentado, o pioneiro da obra no Estado capixaba, missionário Daniel Berg

(7)

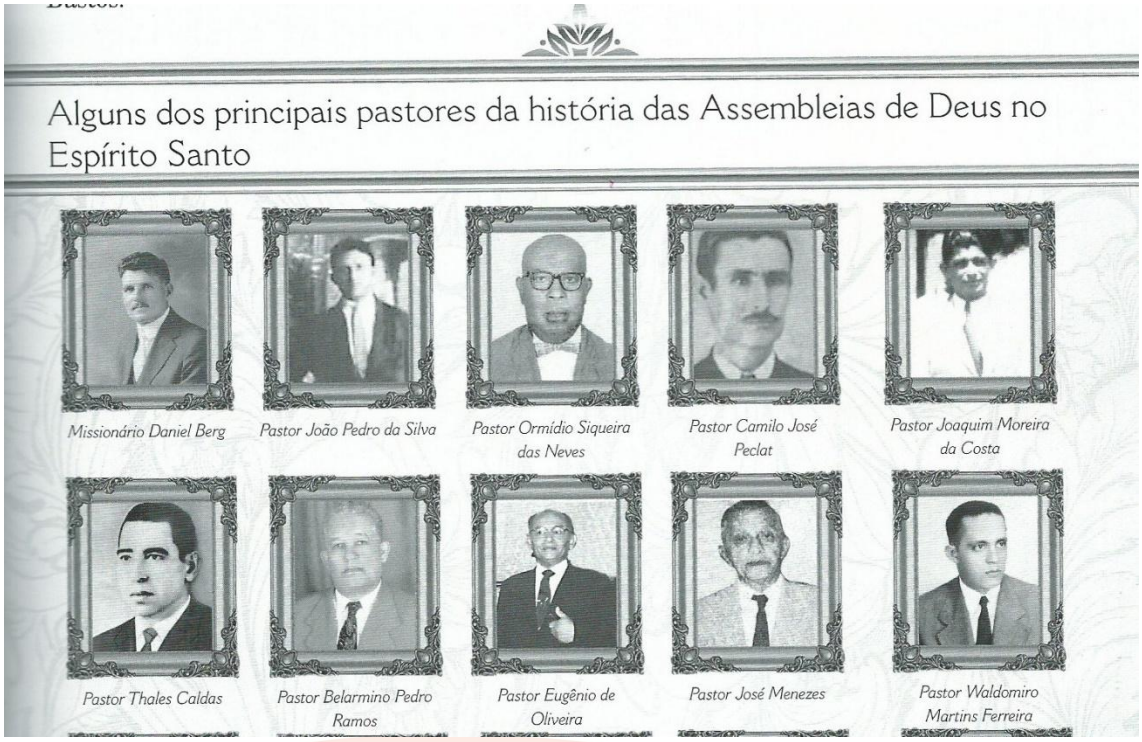
Templo-sede da Assembleia de Deus em Vitória, no Aribiri, em 1960

(8)

Templo-sede atual da Assembleia de Deus em Jucutuguara, um dos primeiros lugares onde houve culto pentecostal no Espírito Santo

(9)

Templo atual da Assembleia de Deus de Aribiri, antiga sede da igreja na capital capixaba



PPGPCR
Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 11/12/2023.